

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



Dissertação de Mestrado

**BRINCADEIRAS, ESPAÇOS E TEMPOS:
as infâncias nas vozes das crianças**

Carla Teixeira Coelho

Pelotas, 2012

CARLA TEIXEIRA COELHO

**BRINCADEIRAS, ESPAÇOS E TEMPOS:
as infâncias nas vozes das crianças**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área do conhecimento: Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Xavier Bonorino Figueiredo

Pelotas, 2012

Dados de catalogação Internacional na fonte:
(Bibliotecária Patrícia de Borba Pereira CRB10/1487)

C650b Coelho, Carla Teixeira

Brincadeiras, espaços e tempos: as infâncias nas vozes das crianças/
Carla Teixeira Coelho; Marcio Xavier Bonorino Figueiredo orientador –
Pelotas: UFPel: ESEF, 2012.

131p.: il.

Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação
Física. Escola Superior de Educação Física. Universidade Federal de
Pelotas. Pelotas, 2012.

1. Brincadeiras 2. Crianças I. Título II. Figueiredo, Márcio Xavier Bonorino

CDD 796

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Márcio Xavier Bonorino Figueiredo (Orientador)
Escola Superior de Educação Física – UFPel
Faculdade de Educação – UFPel

Profª. Drª. Georgina Helena Lima Nunes
Faculdade de Educação – UFPel

Profª. Drª. Mirela Ribeiro Meira
Faculdade de Educação – UFPel

Profª. Dr. Pedro Rodrigues Curi Hallal (suplente)
Escola Superior de Educação Física – UFPel

Dedicatória

Às crianças, participantes da pesquisa,
que me ensinaram, intensamente,
os seus jeitos e formas de brincar
e de viver suas infâncias.

Agradecimentos

Aos meus pais, Magali e Luiz Carlos, pelo amor, pelo carinho, pelo apoio em todos os momentos e pelo empenho para que eu pudesse chegar até aqui. À minha irmã Francine. À minha irmã Fernanda, por estar sempre por perto e me ajudar sempre. À minha avó Eni, por sempre acreditar em mim. Ao Maicon, pelo companheirismo, apoio, compreensão e incentivo nesta jornada. Obrigada por estar sempre por perto, ser tão meu amigo e companheiro. Ao meu “filho-gato” Chiquinho.

Ao professor Márcio Figueiredo, que por acreditar em mim e no meu trabalho, possibilitou a realização de mais esta etapa em minha vida pessoal e profissional. Obrigada por ter me orientado com paciência nesta trajetória.

À professora Rita Medeiros, agradeço os “puxões de orelha” e o afeto, sem eles eu não saberia chegar até aqui. Obrigada pelo incentivo, por acreditar em mim, pelas sugestões essenciais durante o trabalho de pesquisa e pela orientação atenta e carinhosa.

Aos professores membros da banca examinadora, obrigada por aceitarem o convite e pelas sugestões desafiadoras para que o trabalho tivesse maior qualidade: à professora Mirela Meira, pela provocação de temas relevantes; à professora Georgina Nunes, por resgatar em mim um olhar, às vezes, esquecido; ao professor Pedro Hallal, pela leitura atenta e pelo incentivo. Um agradecimento especial aos professores João Alberto da Silva e Rogério Costa Würdig, pelo apoio e incentivo desde o início desta trajetória.

Às equipes das Escolas, agradeço o carinho e a atenção que tiveram comigo, na alteração de dias e horários para que eu pudesse fazer parte da equipe sem prejudicar os horários do Mestrado. Em especial às colegas e amigas Gislaine Norenberg, Neusa Manjourany e Marli Schulz.

Às crianças, sujeitos da pesquisa, que expressaram tão gentilmente seus pensamentos e seus jeitos de viver a infância, e por confiarem em mim como porta-voz. Também aos seus familiares, que aceitaram minha proposta e colaboraram com ela.

Aos meus amigos e colegas, dedico a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para minha formação pessoal e profissional. Todos os amigos, sejam eles da escola, da faculdade, da especialização, do mestrado, alunos e colegas de trabalho. Todos vocês foram de fundamental importância para que minha formação se desse por esses caminhos. Gostaria de citá-los um a um, mas creio que não haveria espaço e alguém, injustamente, poderia ser esquecido. Sendo assim, muito obrigada a todos vocês!

A criança não sabe senão viver a sua infância.
Conhecê-la pertence ao adulto.
Mas o que vai prevalecer neste conhecimento:
o ponto de vista do adulto ou da criança?

(WALLON, 1989, p.9)

Sumário

1 APRESENTAÇÃO	8
2 PROJETO DE PESQUISA	10
3 RELATÓRIO DE CAMPO	39
4 ARTIGO – Brincadeiras, espaços e tempos: as infâncias nas vozes das crianças ...	103
5 COMUNICADO À IMPRENSA	115
6 ANEXOS	119

1 APRESENTAÇÃO

A presente dissertação de mestrado, exigência para obtenção do título de mestre pelo curso de mestrado em Educação Física, é composta pelos seguintes itens:

1) Projeto de Pesquisa (apresentado e defendido em 2011), tendo como membros da banca de qualificação: Prof. Dra. Mirela Ribeiro Meira (FaE/UFPel), Prof. Dra. Georgina Helena Lima Nunes (FaE/UFPel) e Prof. Dr. Pedro Rodrigues Curi Hallal (ESEF/UFPel), sob orientação do Prof. Dr. Márcio Xavier Bonorino Figueiredo (ESEF/UFPel) e pareceres recebidos.

2) Relatório de campo.

3) Artigo intitulado: “**Brincadeiras, espaços e tempos:** as infâncias nas vozes das crianças”, que servirá de base para os pareceres da banca. Após apreciação do mesmo, será enviado para o periódico Cadernos de Educação da FaE/UFPel.

4) Comunicado à imprensa.

5) Anexos.

2 PROJETO DE PESQUISA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Escola Superior de Educação Física

Programa de Pós-Graduação

Mestrado em Educação Física



Projeto de Pesquisa

**BRINCADEIRAS, ESPAÇOS E TEMPOS:
as infâncias nas vozes das crianças**

Carla Teixeira Coelho

Pelotas, junho de 2011

CARLA TEIXEIRA COELHO

**BRINCADEIRAS, ESPAÇOS E TEMPOS:
as infâncias nas vozes das crianças**

Projeto de Pesquisa apresentado à Banca Examinadora como pré-requisito para Qualificação do Mestrado em Educação Física.

Orientador: Dr. Márcio Xavier Bonorino Figueiredo.

Pelotas, junho de 2011

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marcio Xavier Bonorino Figueiredo – Orientador
Escola Superior de Educação Física – UFPel
Faculdade de Educação – UFPel

Profª. Drª. Georgina Helena Lima Nunes
Faculdade de Educação – UFPel

Profª. Drª. Mirela Ribeiro Meira
Faculdade de Educação – UFPel

Prof. Dr. Pedro Rodrigues Curi Hallal (suplente)
Escola Superior de Educação Física – UFPel

BRINCADEIRAS, ESPAÇOS E TEMPOS: as infâncias nas vozes das crianças*

Resumo

Esta pesquisa buscou compreender e conceituar, junto ao grupo de crianças da turma de 4ª série do Ensino Fundamental da escola em que atuo, como são significadas as infâncias neste espaço social, bem como narram as rotinas que se apresentam no lugar/tempo/espaço das infâncias pesquisadas. A análise de materiais produzidos pelas próprias crianças em situações de reflexão e debate sobre a Infância, teve como objetivo conceituar como aparecem o brincar, a escola e a família em seus relatos, e também sobre os lugares-espacos que estão sendo possíveis de experimentar o exercício de ser criança. Os dados demonstram a importância de dar voz às crianças, e permiti-las como criadoras e transformadoras de sua própria cultura.

Palavras-Chave: Infância. Brincar. Escola. Família.

Introdução

Esta investigação foi desenvolvida junto a vinte e cinco crianças, sendo dezessete meninas e oito meninos, alunos da turma de 4ª série do Ensino Fundamental de uma escola municipal localizada em um bairro popular de Pelotas, na qual sou professora das séries iniciais do Ensino Fundamental.

O estudo busca investigar sobre as rotinas dessas infâncias, a partir das vozes das crianças, em meio às realidades vividas por cada uma delas. Ainda que façam parte de uma mesma camada sócio-econômica, conseguem, de forma diferenciada, caracterizar os modos de ser criança muito distintos e desiguais, com diferentes oportunidades, valores, culturas e contextos em que se constroem, como nos afirma Rua (apud Sarmiento, 2007). Busca compreender também a maneira como concebem sua condição infantil e seu estar no mundo, significando sobre os lugares que ocupam o brincar, a escola e a família nos contextos de suas vidas.

Como educadora, julgo necessário revisar as ideias pré-concebidas e convicções a respeito da infância, dando voz às próprias crianças, reconhecendo-as como criadoras e transformadoras de sua própria cultura.

* Artigo de conclusão do Curso de Especialização em Educação Infantil (FaE/UFPel) utilizado como Projeto de Pesquisa para qualificação no Mestrado em Educação Física (ESEF/UFPel).

Nessa perspectiva, as crianças não são sujeitos submissos e passivos às normas elaboradas pela sociedade adulta, ao contrário, são concebidas como protagonistas de sua história, tendo capacidade de construir saberes e ideias sobre seu entorno. As crianças passam a ser vistas como produtoras de cultura. Um longo caminho foi percorrido até se obter esse novo olhar e muito há que ser feito para ampliá-lo e fortalecê-lo. Necessitamos mais do que conhecer a situação da criança, precisamos conhecer as culturas infantis, entendendo a criança como sujeito participativo da cultura vivida em seu meio social.

Os principais objetivos da pesquisa se concentraram em: - Conhecer as rotinas das infâncias pesquisadas, caracterizando o pertencimento a determinados lugares-tempos-espacos; - Compreender e conceituar, junto às crianças, suas próprias infâncias.

O problema central que originou esta investigação foi compreender a significação da infância do ponto de vista deste grupo de alunos. A partir do problema central, delimitei as seguintes questões de pesquisa: Como destacam o brincar, a escola e a família em seus relatos? – Quais são os lugares/espacos indicados por elas como possíveis de experimentar o exercício de ser criança? – Como (re)significam suas infâncias? Contudo, os dados referentes à coleta feita junto às crianças, mostraram outros rumos aos quais a pesquisa teria de se direcionar. Entre eles está o “desaparecimento” da escola como lugar de destaque na vida das crianças, o trabalho doméstico na infância feminina, a relação brincadeiras x gênero e os lugares/tempos e espacos do brincar na infância.

Articulações do pensado e do vivido: meu vínculo com a pesquisa

A temática está relacionada com minha vida pessoal e profissional, atravessada em mim mesma, na criança que fui, na minha história de vida e, hoje, como professora de uma escola municipal localizada num bairro popular de Pelotas, envolvida em meio a tantas infâncias possíveis. Essas motivações, que justificam a realização desta pesquisa, dão razão ao fato de querer me aproximar da vida das crianças com as quais convivo diariamente.

Escolhi esse grupo de crianças, por se tratar da turma de quarta série com a qual trabalho. Optei por trabalhar com crianças de idades entre 9 e 14 anos, pelo “[...] fato de poderem se debruçar sobre um passado já experimentado para organizarem suas visões sobre a infância” (FISCHER, 2005, p.1).

Na lógica do tempo/espço, tais reflexões não seriam possíveis. Eu, adulta-professora-pesquisadora, preciso despir o olhar para encontrar em cada fala, gesto, riso, como as crianças vão constituindo suas infâncias, em meio ao contexto no qual estão inseridas.

É preciso “ajustar o foco” da investigação, pois embora muitos questionamentos possam ser apontados no que diz respeito à infância, esta pesquisa debruçou-se no desafio de compreender melhor as infâncias das crianças com as quais convivo diariamente. Eles são os interlocutores que constituíram as respostas das indagações que foram lançadas.

Implicações metodológicas para a pesquisa na escola

A pesquisa de caráter qualitativo iniciou um março de 2009, sendo incorporada ao trabalho pedagógico estabelecido com as crianças. As abordagens, discussões e atividades foram propostas durante as aulas, onde abrimos espaço na rotina para a realização da pesquisa.

No que diz respeito à pesquisa com crianças, percebe-se que entre as ciências da educação, no âmbito da sociologia, há ainda resistência em aceitar o testemunho infantil como fonte de pesquisa confiável e respeitável. Entretanto, [...] “pouco se conhece sobre as culturas infantis porque pouco se ouve e pouco se pergunta às crianças, e quando isso ocorre, a ‘fala’ apresenta-se à margem das interpretações e análises dos pesquisadores” [...] (QUINTEIRO, 2005, p.21). A autora enfatiza ainda a importância do processo de recolha da voz das crianças, e discute a análise desses dados do ponto de vista da interpretação e problematização à luz dos referenciais existentes no campo das ciências sociais.

Para darmos início ao trabalho de campo, apresentei primeiramente a proposta à equipe diretiva da escola, sendo aceita de forma muito positiva. Logo depois fiz o primeiro contato com os alunos, explicando o que faríamos, e eles também foram bastante receptivos, querendo começar naquele mesmo dia. Posteriormente, junto com a orientadora, a direção da escola e os alunos, elaboramos um documento para os pais como autorização para que a pesquisa fosse feita com as crianças. Fizemos uma reunião para que tudo fosse esclarecido. Todos aceitaram e demos início às atividades.

A coleta de dados foi organizada a partir de propostas como desenhos e ensaios escritos, trabalhos realizados pelos alunos na sala de aula, e totalizaram cinco encontros, cada um deles com uma proposta inicial.

Os desenhos das crianças, como instrumentos metodológicos para a pesquisa, estão sendo utilizados porque são compreendidos como “[...] reveladores de olhares e concepções dos pequenos sobre seu contexto social, histórico e cultural, pensados, vividos, desejados [...]” (GOBBI, 2005, p.71). Eles permitem conhecer os entornos sociais, culturais e familiares das crianças, no sentido de afirmá-las como portadoras e criadoras de cultura, sujeitos de sua história e cujas produções devem ser conhecidas, valorizadas, respeitadas. Trata-se de conhecer as realidades sociais a partir de seus próprios olhares, na tentativa de ampliar o conhecimento que se têm das crianças a partir de si mesmas. “[...] O desenho é um instrumento importante que ao ser conjugado à oralidade, veicula informações importantes sobre como as crianças estão concebendo o contexto histórico e social no qual estão inseridas [...]” (GOBBI, 2005, p.73).

Estratégias metodológicas para o encaminhamento da pesquisa

Para que eu pudesse captar a concepção de cada uma das crianças em relação às infâncias e também suas rotinas, foram desenvolvidos cinco encontros, cada um deles articulando uma proposta inicial de conversa e discussão no grande grupo e, após, o registro individual, que foi recolhido em todos os encontros.

O primeiro instrumento metodológico aplicado foi um pequeno ensaio escrito pelas crianças na atividade “Meu dia é assim...”¹, no qual deveriam colocar o que fazem durante a semana, nos turnos manhã, tarde e noite. Esta atividade permitiu que fosse possível uma melhor compreensão do dia-a-dia das crianças, o que fazem fora da escola e nos finais de semana, quais são as atividades de lazer e com quem convivem diariamente.

O segundo momento consistiu em pedir às crianças que desenhassem o trajeto que percorrem de casa até a escola. Nestes desenhos foi possível identificar alguns aspectos importantes, como a localização da casa – longe/próxima – à escola, de que maneira os alunos vêm para a escola, quais são os companheiros (família, amigos), e também sobre os lugares mais lembrados pelas crianças no próprio bairro, como posto de saúde, escola, igreja, pracinha.

¹ Atividade sugerida Pelo Prof. Rogério Würdig durante o Curso de Especialização.

Já no terceiro momento, pedi que as crianças se apresentassem para os meus professores, pois gostariam de conhecê-las, por já conhecerem os seus trabalhos. A opção pela forma de se apresentarem era livre, porém todas as crianças usaram a escrita e o desenho. Os aspectos físicos não entraram na lista de prioridades do texto escrito, ao contrário, a maioria das crianças optou por descrever suas qualidades e/ou defeitos, suas preferências (o que mais gostam de fazer, comer, brincar), e a maioria demonstrou interesse em conhecê-los também. Os desenhos da maioria sobre si foram bem fiéis ao real. Isto pôde revelar sobre a intimidade de cada criança, seus gostos e preferências mais íntimos, mostrados pelo desenho e pela escrita.

No quarto momento realizamos desenhos das brincadeiras prediletas de cada um. Esta atividade permitiu delimitar as brincadeiras mais lembradas, onde costumam brincar (casa/rua) e quem são os parceiros/companheiros das brincadeiras. Possibilitou também verificar a relação brincadeira/gênero, ou seja, quais eram as brincadeiras das meninas e dos meninos.

O quinto encontro permitiu registrar as preocupações, ideias, reflexões das crianças acerca de sua condição infantil e das infâncias de um modo geral, pois realizaram o trabalho intitulado “Para que o mundo das crianças fosse melhor, eu inventaria...”, no qual muitos criaram máquinas para resolver alguns problemas que julgam merecer atenção especial. A criatividade dos alunos foi bastante evidenciada nesta atividade.

Durante a realização da coleta de dados passamos por alguns contratemplos que, de certa forma, atrapalharam um pouco, como a paralisação feita no início do ano nas escolas municipais. E, depois disso, as férias prolongadas do meio do ano, em função da epidemia de gripe A (H1N1) que se instalou em nossa cidade.

Apesar disso, conseguimos organizar a recolha de dados de forma sistemática, devolvendo sempre aos alunos os resultados para que pudessem acessar as informações para formularem questões novas e refazerem percepções anteriores.

A sistematização dessas falas e dos desenhos tem como objetivo deixar transparecer a imagem que a criança faz da própria infância, assim como proporcionar uma reflexão, repensando justamente a constituição dessas infâncias.

A voz das crianças: concepções de infância a partir das próprias crianças

Para tornar possível dar voz às crianças envolvidas na pesquisa, no sentido de deixar realmente emergir suas concepções sobre infância, faz-se necessário conhecer as produções que realizaram em sua totalidade. Vamos então conhecê-las através de seus relatos e desenhos.

Quadro 1 – Sistematização da atividade “Meu dia é assim...” (Manhã)

Manhã
Aspectos evidenciados: A rotina dos alunos é a escola, que aparece como “lugar de estudar e aprender”.
“Vou para a escola estudar e aprender” (Viviane). “Eu vou para a escola estudar porque se não eu não passo de ano” (Carolina). “Eu estudo na escola matemática, português, estudos sociais e muito mais” (Jennifer). “De manhã eu vou para a escola estudo brinco no recreio depois vou para dentro da sala” (Roger). “Eu venho para a escola estudar e para brincar no recreio” (Lucas). “Arrumo a minha cama. Tomo café. Me arrumo. Venho pro colégio estudar, chego do colégio brinco um pouco na rua” (Helen). “Eu levanto e arrumo as coisas da minha mochila, se não falta nada, daí vou pro colégio” (Steffanie).

Quadro 2 – Sistematização da atividade “Meu dia é assim...” (Tarde)

Tarde
Aspectos evidenciados: Brincar na rua ou em casa, estudar e ajudar a mãe nos afazeres domésticos.
“A tarde eu pego o caderno e estudo e ajudo a minha mãe a lavar as louças” (Roger). “Eu vou para o campo para jogar bola com os meus amigos” (Lucas). “Eu arrumo a casa e depois olho televisão e dou água para os cachorros” (Steffanie). “Eu brinco de colégio com a minha colega” (Carolina). “Eu jogo bola de tarde depois que minha casa está arrumada” (Thaís). “Vou andar de bicicleta, vou jogar bola na rua” (Bruno). “Vou brincar na rua entro para casa tomo café e vou estudar para as provas” (Mariana). “Eu faço o meu tema, ajudo meu irmão nos temas e brinco” (Robson). “Eu vou no projeto, ajudo minha mãe em casa e busco minha irmã na creche” (David).

Quadro 3 – Sistematização da atividade “Meu dia é assim...” (Noite)

Noite
Aspectos evidenciados: Assistir televisão com os pais e/ou irmãos, arrumar o quarto para dormir. É um momento de estar com a família.
“Olho mais um pouco de televisão janto faço os temas brinco dentro de casa e tomo banho e me deito” (Helen). “Eu janto e vou me deitar para acordar no outro dia” (Carolina). “Eu assisto tv com meus irmãos até as 9:00 e vou dormir” (Jennifer Santos). “Olho tv com a minha mãe” (Anderson). “Eu olho tv e depois converso com os meus pais. E depois vou dormir” (Diulia). “Estudo a minha mãe me ajuda nos temas quando ela chega. Jogo videogame um pouco e durmo” (Amanda). “Faço tema janto e vou dormir” (André).

A partir da análise destes momentos constituídos por atividades, defini três categorias para abordar, discutir, problematizar as infâncias, que são: o brincar, a escola e os lugares-tempos-espços do brincar.

Lugares, tempos e espços: o bairro como “*locus*” social

Se a rua ainda tem lugar para a criança brincar [...], isso é porque revela também uma realidade de exclusão das famílias de trabalhadores que residem em morros, favelas etc [...]. Pela ausência de infra-estrutura urbana. Então, o lúdico passa a ter uma conotação diferente daquela vivida por nós quando havia na cidade, espço para correr e brincar sem perder para o automóvel e o trânsito (FISCHER apud FIGUEIREDO, 2006, p.11).

O segundo instrumento da pesquisa que realizamos foi um desenho do trajeto que as crianças percorrem de casa até a escola. Nesses desenhos pude perceber alguns aspectos muito importantes, como por exemplo a distância que alguns alunos percorrem a pé de suas casas até a escola, pois embora a escola abrigue a grande maioria dos alunos que moram no próprio bairro, alguns residem distante da escola, o que dificulta o trajeto ida/volta.

Mas, como nos afirma Lima, [...] “espço físico isolado do ambiente só existe na cabeça dos adultos. Para a criança existe o espço-alegria, o espço-medo, o espço-proteção, o espço-mistério, o espço-descoberta, enfim, os espços da liberdade ou da opressão.” (LIMA, 1989, p.30).

Isso ajuda a compreender, por exemplo, “[...] quando peguei o desenho da Steffanie, vi que ela não tinha se desenhado na folha. Questionei onde ela estava no seu desenho. Ela respondeu que estava dentro da casa (risadas dos colegas). Olhei novamente e vi que ela não havia desenhado a escola, e ela respondeu que a escola estava aqui (fisicamente o espço da escola), e que ela morava muito longe, por isso não conseguiu desenhar tudo! Ela acabou desenhando apenas um supermercado e três casas da rua 16. Ou como no caso da July, que desenhou sua casa enorme e a escola, o posto de saúde e a venda, bem pequenos. Questionei: “- Nossa, tua casa é tão grande assim?” Ela respondeu: “- É professora, é imensa! [...]” (Diário de Campo – 20/05/2009).

Para Lima, “os espaços que se relacionam com experiências geralmente positivas das crianças são superdimensionadas, ocupando um lugar importante na folha do desenho” (LIMA, 1989, p.19).

No desenho da Amanda, sua casa aparece sem relação com os demais elementos da rua, e ela desenhou-se junto com a mãe e a irmã, perto da escola. O desenho da Mariana aparece bem completo, demonstrando uma visão ampla do espaço geográfico a que tem acesso.

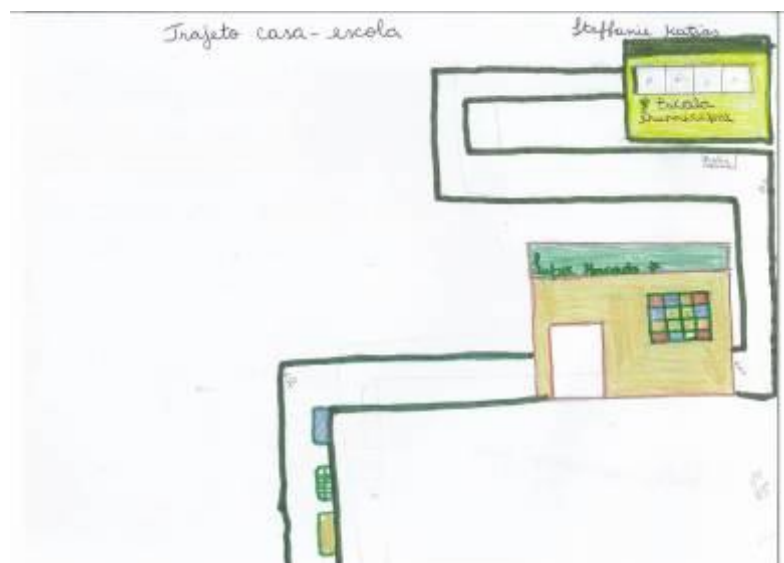


Figura 1: Desenho da Stefanie – Escola, supermercado, casas.

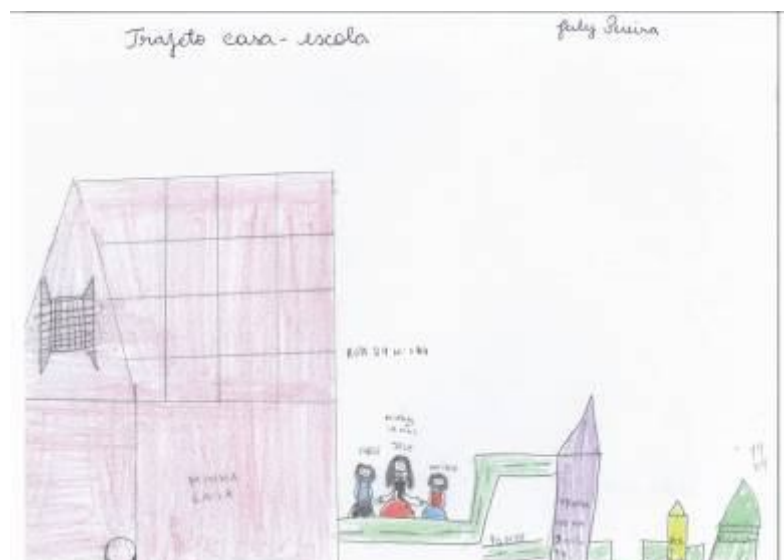


Figura 2: Desenho da July – Minha casa, venda, escola.

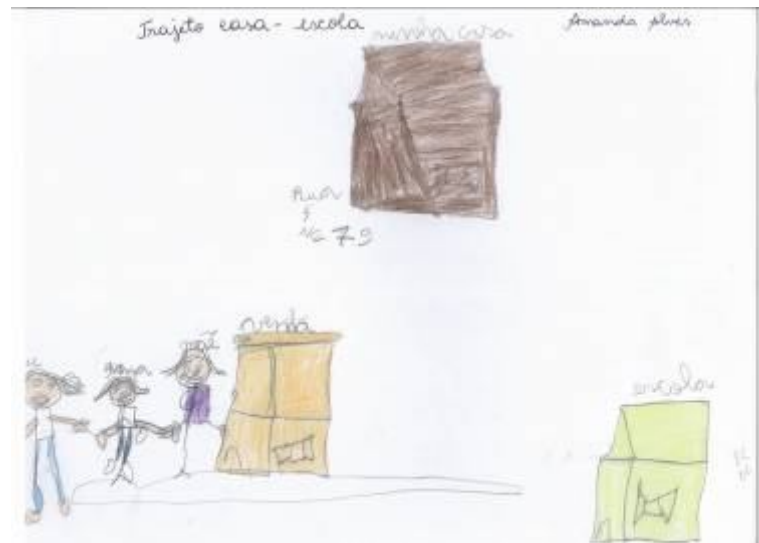


Figura 3: Desenho da Amanda – Casas da rua 3.



Figura 4: Desenho da Mariana – Quadras que marcam os trajetos.

Outros desenhos com as representações das crianças, suas visões do bairro numa multiplicidade de possibilidades.



Figura 5



Figura 6



Figura 7

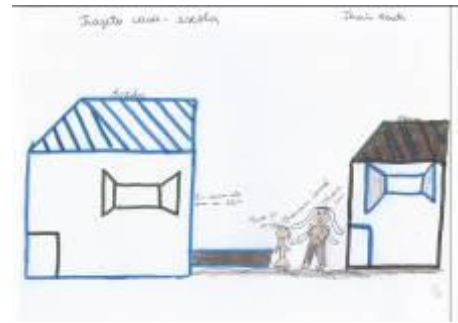


Figura 8

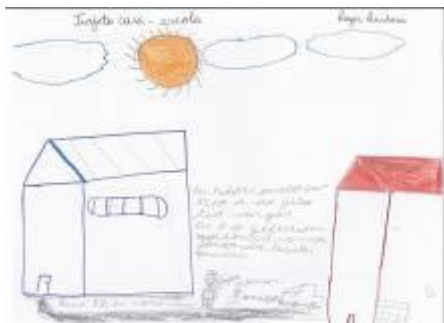


Figura 9



Figura 10



Figura 11

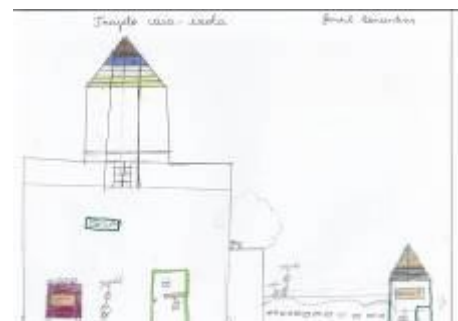


Figura 12



Figura 13



Figura 14

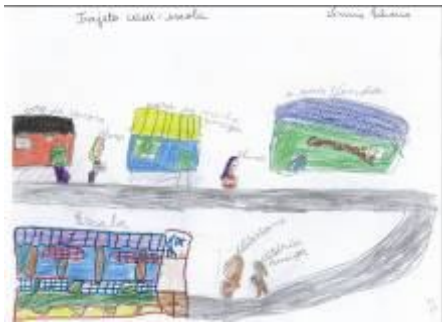


Figura 15



Figura 16



Figura 17

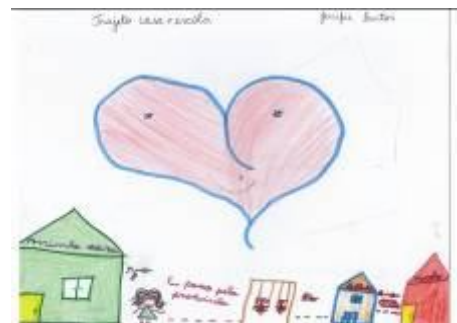


Figura 18



Figura 19



Figura 20

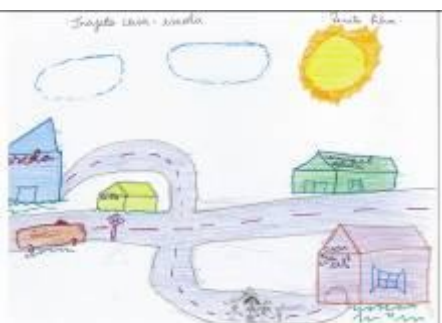


Figura 21



Figura 22



Figura 23



Figura 24

Através dos desenhos é possível analisar a construção dos espaços significados pelas crianças. Cada uma, a seu modo, representou o bairro e a relação entre elementos como a casa, a escola, o posto de saúde e os comércios do local, redimensionando-os de acordo com a lógica dos espaços que cada um desses elementos ocupa na vida das crianças pesquisadas. “Nos bairros, a rua é de tal forma interligada à habitação que não se distingue onde começa o espaço privado e onde termina o espaço público” (LIMA, 1989, p.90).

Com a palavra as crianças: apresentações em prosa e verso

Pedi que as crianças se apresentassem para os meus professores da faculdade, já que os conhecem através dos trabalhos que fizeram. Poderiam usar escrita e/ou desenho, mas todos usaram os dois.

Por sugestão do Jardel, os alunos pediram que meus professores também se apresentassem para eles.

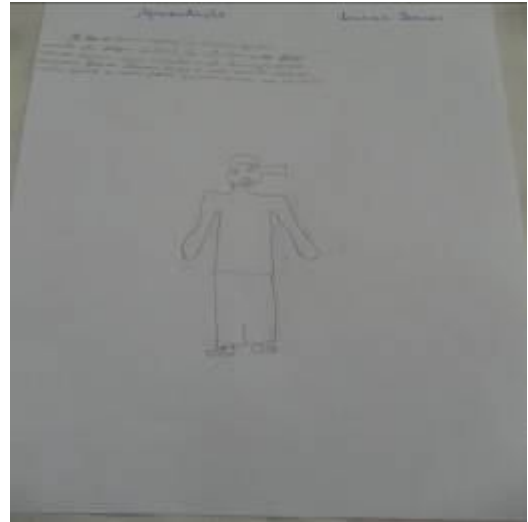
Os aspectos físicos não entraram na lista de prioridades do texto escrito, como “sou moreno, alto, baixo...”, e sim o que mais gostam de fazer/comer/brincar etc. Os desenhos de si mesmos também ficaram muito semelhantes ao real.

Com a palavra as crianças:

"Eu gosto de brincar com as minhas irmãs eu sou bem comportada gosto de laranja, banana, maçã, etc. Eu amo minha professora, meus pais, minhas irmãs. Eu gosto de usar vestido, calça, saia. Gosto de ver tv e filmes de terror" (Jennifer).



"Olá, meu nome é Lucas gosto muito de jogar futebol de estudar e fazer várias coisas como brincar, mas primeiro faço os temas limpo o quarto desligo o videogame e saio para me divertir" (Lucas).



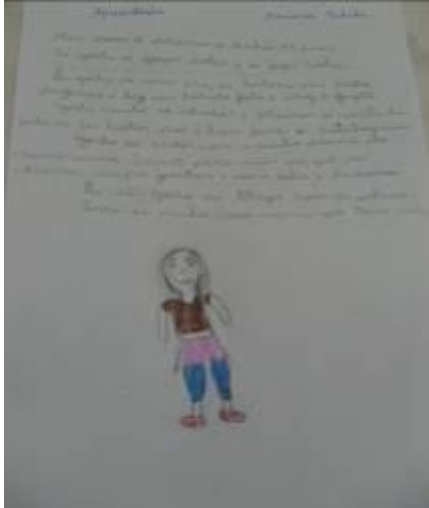
"Eu nasci em Pedro Osório e tenho 10 anos. Eu moro no Getúlio Vargas eu uso touca marrom e sou meio moreno e então você me imagina" (Robson).



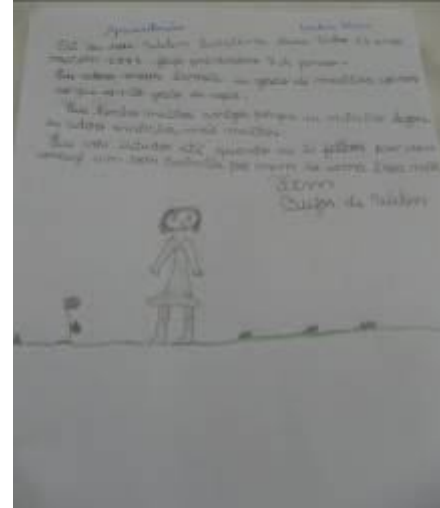
"Eu tenho 11 anos gosto de brincar de pega-pega e de esconde-esconde mas o que eu não gosto é de comer sopa. E o que eu gosto é de comer doces é uma delícia. Também gosto de estudar para que eu seja alguém na vida. Eu quero ser advogada ou veterinária para poder ajudar os cachorrinhos. Moro em Pelotas gosto muito de morar aqui tenho orgulho da minha cidade mas tem gente que não valoriza o que tem" (Helen).



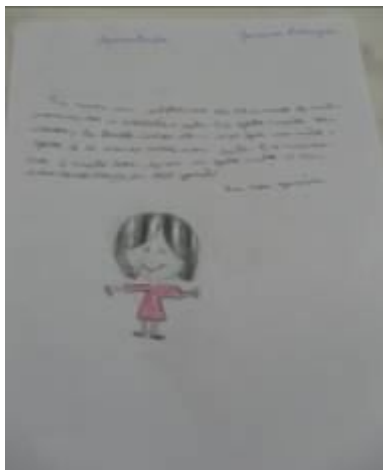
“Meu nome é Mariana eu tenho 11 anos, gosto de comer arroz com leite e meu prato preferido é bife com batata frita, arroz e feijão. Eu não gosto de brigar com os outros” (Mariana).



“Eu tenho muitos amigos e me acho legal. Eu adoro a minha mãe muito. Eu vou estudar até quando eu tiver filhos e ter um bom trabalho e ser uma boa mãe” (Welen).



“Eu gosto muito de estudar, eu tenho livros e gosto de ler jornal a tarde” (Janaína).



“Eu sou a Carolina tenho 9 anos. Eu não uso cabelo solto só com colinha e não faço trança. A coisa que eu não gosto mesmo é leite puro eu só tomo com nescau. Eu gosto de estudar eu tenho muitos livros e leio para aprender mais a ler” (Carolina).



“Eu sou o Anderson eu tenho 11 anos eu tenho horror que me acorde principalmente aos sábados e domingos eu uso boné eu sou repper e gosto muito de hip hop. Eu sou moreno e tenho o cabelo crespo odeio o meu cabelo. Eu tenho um cavalo, galinha e galo eu sou muito trabalhador. Gosto muito da minha professora. Adoro amendoim, odeio repolho com costelinha, eu adoro andar de bicicleta” (Anderson).



“Oi gente, meu nome é Natali! Eu queria que vocês soubessem o meu jeito de ser. Eu chego em casa do colégio e almoço e depois arrumo a casa e vou brincar de pular corda e colocar a corda na árvore, pular, correr, concurso de dança e jogo futebol” (Natali).



Lugares, tempos e espaços do brincar

A criança, através do brinquedo, faz sua incursão no mundo, trava contato com os desafios e busca saciar sua curiosidade de tudo conhecer (FIGUEIREDO, 2006, p.21).

As crianças pesquisadas revelam que os espaços do brincar estão presentes em todos os lugares. Os alunos dizem que em casa só brincam quando estão sozinhos (mais as meninas do que os meninos), ou quando não tem ninguém para brincar. Mas se tem dois ou mais parceiros, daí vão para a rua, pois a brincadeira fica mais legal...

Nos desenhos foi possível perceber que a brincadeira ao ar livre é muito praticada, principalmente se há mais de duas crianças para participar. Foi também possível identificar quais são as brincadeiras prediletas e quais são os amigos/parceiros que participam desses momentos. São eles:

Quadro 4 – Brincadeiras preferidas das crianças

	Sapata	Vôlei	Futebol	Pipa	Corda	Esconder	Balanço	V.game	Casinha
Natali	X	X	X						
Robson			X						
Jardel			X						
Thaís			X						
Roger				X					
Amanda	X				X				X
Welen	X					X	X		
Diulia			X						
Steffanie		X							
Carolina	X						X		X
Mariana	X		X		X				
Helen	X				X	X	X		
Aline	X				X				X
July	X								
Janaina					X	X	X		
Renata	X	X							
Bruno				X					
Anderson			X						
Jennifer B.	X	X							
David			X						
André			X						
Viviane		X					X	X	
Jennifer S.	X	X				X	X	X	X
Lucas			X						
Natália	X	X						X	

As Figuras 25 à 30 representam os desenhos das brincadeiras.



Figura 25

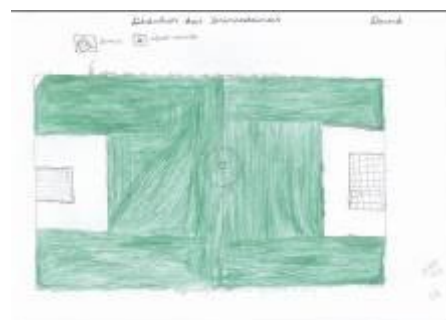


Figura 26



Figura 27

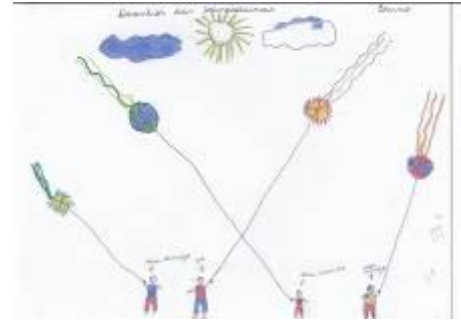


Figura 28



Figura 29

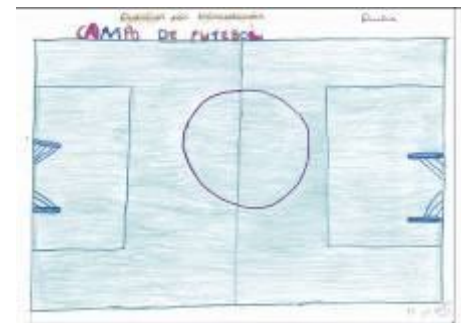


Figura 30

Lugares das brincadeiras

Nas atividades escolares, não há lugar para a cultura infantil, como brincadeiras, jogos e outras atividades que ocorrem fora dos muros da instituição e que fazem parte do saber popular. A escola, ao negar essas atividades, nega também o corpo concreto das crianças: seus conhecimentos, movimentos, ritmos, percepções, linguagem... (FIGUEIREDO, 2006, p.13).

A escola, onde as crianças passam grande parte do tempo, não aparece nos dados da pesquisa como lugar do brincar. Ao contrário, nas atividades escolares, não há lugar para a cultura infantil, como brincadeiras, jogos e outras atividades que ocorrem fora dos muros da instituição e que fazem parte do saber popular. Como nos afirma Figueiredo, “a escola, ao negar essas atividades, nega também o corpo concreto das crianças: seus conhecimentos, movimentos, ritmos, percepções, linguagem...” (2006, p.13). O que, de fato, também é evidenciado pelos alunos, sendo percebido através dos desenhos e narrativas.

As brincadeiras que mais aparecem são as realizadas ao ar livre, utilizando os espaços da pracinha do bairro com alguns brinquedos e o campo de futebol, jogar

vôlei, pular sapata e soltar pipa. Em casa aparecem poucas brincadeiras, como brincar de casinha e de colégio, brincadeiras que fazem parte do repertório do faz-de-conta, imaginário da infância feminina. Os amigos e irmãos são os companheiros para as brincadeiras. Para Lima (1989, p.102), “os espaços da cidade, como as praças e, principalmente, as ruas dos bairros da periferia, poderiam ser pensados para o uso prioritário das crianças e das famílias e secundário dos carros, tal como ocorre nos calçadões centrais. Por que não para atender o interesse das crianças?”

A brincadeira, para a criança, é um elemento fundamental para o seu desenvolvimento, pois “pela brincadeira, ela expressa o que teria dificuldade de colocar em palavras. Nenhuma criança brinca espontaneamente só para passar o tempo, se bem que os adultos que a observam possam pensar assim” (BETTELHEIM, 1983, p.142 apud FIGUEIREDO, 2006, p.27).



Figura 31



Figura 32

As infâncias permeadas nos desenhos das crianças

[...] o estudo das crianças a partir de si mesmas permite descortinar uma outra realidade social, que é aquela que emerge das interpretações infantis dos respectivos mundos de vida. O olhar das crianças permite revelar fenômenos sociais que o olhar dos adultos deixa na penumbra ou obscurece totalmente. [...] (PINTO; SARMENTO, 1997, p. 27. apud FARIA, A.; DEMARTINI, Z.; PRADO, P., 2005, p. 69).

Os desenhos das crianças como instrumentos da recolha de dados, estão sendo usados porque são compreendidos como reveladores de olhares e concepções das

crianças acerca do mundo que a cerca, sobre o contexto social, histórico e cultural no qual estão inseridos, sendo portadores de uma expressão e cultura própria, permitindo-nos conhecer os entornos sociais das crianças pesquisadas.

Como nos afirma Gobbi (2005, p. 76), “é na procura por referenciais nutridos pela sociologia, antropologia e história que temos uma instrumentalização teórica que permite a percepção dos desenhos como registros elaborados por sujeitos datados, culturais, históricos.” São documentos que nos permitem saber mais acerca destes sujeitos, e também possibilitam conhecer as percepções sobre a realidade por eles vivida, não sendo percebidos como textos escritos, mas sim como textos visuais que podem ser olhados, sentidos, lidos.

Nesse desafio, busco relacionar os desenhos às infâncias pesquisadas.

Do lugar que falo

Num primeiro olhar sobre o material recolhido, a presença de cores expressivas para representar o bairro, por exemplo, que, ao olhar do adulto, quase sempre é nublado, frio, cinzento... Justamente esta mistura de cores e formas é que nos permite conhecer o significado do bairro para elas.

Já no dimensionamento dos espaços organizados no papel é possível perceber quais deles ocupam lugar de maior importância para as crianças no local onde moram. Alguns locais são superdimensionados na folha do desenho, como a casa, a pracinha, o posto de saúde, a escola, denotando a importância desses locais para a criança e/ou para sua família. Outros espaços não são sequer lembrados por outras crianças, o que podemos perceber nos desenhos do trajeto casa-escola, onde a visão geográfica e espacial foi bastante evidenciada.

Nos desenhos das brincadeiras prediletas, destacaram-se brincadeiras realizadas na rua, ao ar livre, e nos permitem deduzir que essas infâncias se constroem historicamente, socialmente e culturalmente no espaço da rua, diferente de outras infâncias vividas nos grandes centros, onde não há lugar para a brincadeira.

Embora a rua seja ainda um lugar onde não há espaços adequados para o brincar, percebe-se que nos bairros essa cultura se diferencia um pouco, pois muitas

crianças relatam que o lugar ideal para brincar é a rua, sendo a casa pouco lembrada e a escola como lugar de alunos, não de crianças, onde se percebe o “desaparecimento” desta instituição como lugar-tempo-espaço do brincar.

Na atividade “Meu dia é assim...”, foi possível organizar uma melhor compreensão do dia-a-dia das crianças, o que fazem fora da escola e nos finais de semana, quais são as atividades de lazer e com quem convivem diariamente. Fortemente aparece a questão do trabalho doméstico na infância feminina no relato das crianças, pois demonstram que seu dia-a-dia está repleto de tarefas que realizam para ajudar em casa, principalmente nas lidas domésticas (arrumar a casa, lavar a louça, arrumar o quarto), também cuidando dos irmãos menores ou levando-os/buscando-os na escola e na creche. Percebe-se também que a maior parte das crianças que afirmam ajudar os pais neste sentido, são as meninas, assemelhando-se à mãe. Dois dos meninos da turma afirmam trabalhar com os pais, um na oficina em que seu pai é mecânico, e o outro, ajuda o pai a vender frutas, legumes e verduras que compram em uma feira de hortifrutigranjeiros e que vendem pelo bairro. O veículo utilizado é uma carroça, e o menino diz que o pai dirige e é ele quem desce com as caixas quando aparece um comprador.

Nas tarefas realizadas pelos meninos aparece muito o cuidado com os animais e da horta da casa, que auxilia na subsistência da família.

As apresentações dos alunos feitas aos meus professores serviram para revelar sobre a intimidade de cada criança, seus gostos e preferências, mostrados pelo desenho e pela escrita, e quais concepções de infância têm se revelado até então.

Conclusões

À guisa de uma conclusão, que se faz necessária no projeto acadêmico, busco reformular as questões iniciais que me fizeram iniciar esta investigação em março de 2009, quando conheci os alunos que seriam os atores-interlocutores da pesquisa, que tão generosamente expuseram suas vidas, ideias e pensamentos no grande grupo, para que eu, professora-pesquisadora, pudesse “interpretar”, se assim podemos dizer, ou até mesmo “diagnosticar” o que seria a significação das infâncias vividas naquele contexto, a partir das suas próprias vozes.

Acredito que, por conta de todo o movimento que venho trazendo e tentando recuperar, no sentido de dar voz às crianças, elas seriam as mais indicadas para nos dar pistas de conclusões a respeito do trabalho que realizamos. Elas sim, como sujeitos capazes de se posicionar historicamente, culturalmente, socialmente sobre os acontecimentos e sobre o lugar/tempo/espço que as rodeiam.

Desejei, no decorrer da pesquisa, constituir um espaço de reflexão, construção e reconstrução acerca das rotinas do que é ser criança, das infâncias, na concepção das próprias crianças, reconhecendo-as como sujeitos de sua história.

Com base nessas considerações, em reconhecer as crianças como protagonistas da pesquisa, pensei em concluir este estudo num espaço em que as crianças pudessem participar, definir, dialogar, abordar, discutir, problematizar os dados elaborados por elas. De posse dos instrumentos coletados e em fase final da pesquisa, pedi, junto à direção da escola, que fosse possível organizar uma exposição dos trabalhos realizados pelos alunos, para que todas as outras crianças da escola e também as colegas professoras pudessem ter acesso ao trabalho desenvolvido.

Avisei as crianças que seria feita a exposição e a data, e pedi que sugerissem ideias de como organizaríamos, do material que iríamos utilizar, do convite que teríamos de fazer. Posteriormente, no dia da apresentação, convidamos todas as turmas e suas professoras para visitarem a nossa sala de aula, que foi preparada com muito carinho pelos próprios alunos, que organizaram o material no espaço disponível, para que os visitantes pudessem circular no ambiente e melhor visualizar os trabalhos.

Pensei neste momento como sendo parte do trabalho, como uma continuidade da pesquisa. É importante salientar que foi um momento muito importante para a sistematização do material, tornando-se um fechamento da pesquisa.

O que me proponho, então, é refazer as ideias iniciais e percorrê-las novamente no sentido de retomar o movimento das questões que foram lançadas, do percurso do que foi desenvolvido no trabalho de campo e, finalmente, o que podemos concluir de tudo isso.

Através dos desenhos e relatos revelados pelas infâncias pesquisadas, percebi quais concepções permeiam o universo infantil a respeito do que é infância em meio às realidades vividas por cada uma das crianças. Elas deixam transparecer a concepção de que infância é brincadeira, espontaneidade, tempo de ser feliz. Brincar para as crianças é algo muito importante, pois é através da brincadeira que se integram com seus pares, com os objetos e consigo mesmas.

O trabalho identificou quais são os lugares-tempos-espacos do brincar na concepção desse grupo de crianças, e o que foi possível perceber é que, numa sociedade em que os espacos reservados à infância são escolhidos e mensurados pelos adultos, a brincadeira aparece como linguagem, experiência e forma de organização do conhecimento muito próprios da infância. Por esse motivo é que a brincadeira aparece como sendo o lugar da criança, onde o adulto é totalmente ausente.

Além disso, outro fato que emerge dos desenhos infantis, é o “desaparecimento” da escola como lugar-tempo-espaço do brincar, onde as crianças relatam que brincar só ocorre fora dos muros escolares, já esbarrando no contexto casa-rua, muitas vezes perdendo espaco para locais de habitação, trânsito...

A escola, onde as crianças passam grande parte do tempo, não aparece nos dados da pesquisa como lugar do brincar. Ao contrário, nas atividades escolares, não há lugar para a cultura infantil, como brincadeiras, jogos e outras atividades que ocorrem fora dos muros da instituição e que fazem parte do saber popular.

Nas imagens recolhidas para revelar o pertencimento ao lugar onde moram, percebe-se que o bairro apresenta-se bastante “colorido”, revelando o olhar sensível da criança com relação à infância vivida naquele contexto. O bairro e arredores, muitas vezes, torna-se extensão da casa, do pátio, não delimitando o que é privado e o que é público, espaco de todos.

No que se refere às rotinas vividas por elas, aparece a escola no turno de estudo como rotina intransponível, imutável; logo em seguida, no turno inverso ao da escola, aparece o brincar em casa ou na rua com amigos, irmãos e outros parceiros. Também aparece como rotina ajudar a mãe nos afazeres, cuidar da casa e dos irmãos menores, caracterizados principalmente como trabalho doméstico próprio da infância feminina.

Os dados também revelam um desejo das crianças de que a escola seja um lugar alegre, por vezes transgressor, uma resposta infantil aos modelos escolares

predominantes, isso quando dizem que “as aulas deveriam ser do tamanho do recreio, e o recreio do tamanho das aulas”, não que não se apropriem deste espaço como sendo seu, mas desejariam uma maneira diferente de organização do tempo e do espaço na escola.

Por compartilhar da ideia de que as crianças são capazes de realizar a sua própria leitura de mundo, e que ao mesmo tempo possam ser sujeitos históricos e transformadores do meio onde estão inseridos, é que me propus conhecer realmente a concepção de infância percebida através da própria infância.

Neste âmbito, abrem-se possibilidades de construção e reconstrução acerca do conhecimento que se tem sobre as infâncias da sociedade contemporânea, suas culturas, suas singularidades, principalmente no espaço da escola, no fazer pedagógico. É urgente refletir práticas bem como contribuir para o desenvolvimento das crianças, estimulando novos processos pedagógicos que propiciem novas construções baseadas nas crianças como sujeitos-atores desses processos.

Ao realizar a pesquisa, fortaleci espaços de diálogo, na intenção de burlar a lógica ainda predominante no ramo de pesquisa sobre infâncias e não com as infâncias.

Estas são algumas possibilidades de reflexão que esta pesquisa permitiu.

Provavelmente este trabalho tenha apontado ainda mais questionamentos e apresente algumas lacunas na tentativa de compreender as infâncias pesquisadas sob o aspecto que trago até então. Uma tentativa, uma busca... tentar descobrir o que nós adultos pouco enxergamos com as roupagens sociais e culturais que nos modificam e pouco nos deixam penetrar na alma da própria infância.

Referências

FIGUEIREDO, Márcio. **A corporeidade na escola:** brincadeiras, jogos e desenhos. 4. ed. Pelotas: Ed. Universitária/UFPeI, 2006.

FISCHER, Cristina. **A visão da infância no mundo contemporâneo:** um estudo sobre conceituações de infância a partir das próprias crianças. Artigo de Especialização – Núcleo Infância, Cultura e Educação Infantil (FaE/UFPeI). Pelotas: s/d.

GOBBI, Márcia. Desenho infantil e oralidade: instrumentos para pesquisas com crianças pequenas. In: FARIA, Ana; DEMARTINI, Zeila; PRADO, Patricia. (orgs.). **Por uma cultura da infância:** metodologias de pesquisas com crianças. Campinas: Autores Associados, 2002.

LIMA, Mayumi. **A cidade e a criança**. São Paulo, Nobel, 1989.

QUINTEIRO, Jucirema. Infância e educação no Brasil: um campo de estudos em construção. In: FARIA, A.; DEMARTINI, Z.; PRADO, P. (orgs.). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Campinas: Autores Associados, 2002.

SARMENTO, Manuel; VASCONCELLOS, Vera (orgs.). **Infância (in)visível**. São Paulo: Junqueira & Marin, 2007.

3 RELATÓRIO DE CAMPO

Introdução

Memórias da infância, formação e práticas: entre o pensado e o vivido, a construção de vínculos com a pesquisa

A temática infância está relacionada com minha vida pessoal e profissional, atravessada em mim mesma, na criança que fui, na minha história de vida e, hoje, como professora de uma escola municipal localizada num bairro popular de Pelotas, envolvida em meio a tantas infâncias possíveis.

Ainda menina, tomei a decisão de que seria professora. De quê eu brincava? De dar aulas, é claro! Meus primeiros alunos – as bonecas! – eram inteligentes e obedeciam a professora, aprendendo a “matéria” direitinho, para meu orgulho, que adorava colocar “certos” nos cadernos de meus prodígios.

Nos tempos de criança, gostava muito de brincar, mas quase sempre sozinha, pois até os nove anos de idade era filha única, quando então nasceu minha irmã caçula. No lugar onde morava, as crianças eram mais velhas, e isso quer dizer que raramente eu podia ser incluída nas suas brincadeiras. Além disso, quando minha mãe deixava “ir para frente” – ou seja, quando podia extrapolar os muros do pátio – era sempre sob sua supervisão, que ficava sentada na frente de casa, cuidando a brincadeira.

Afora isso, gostava muito quando alguns parentes vinham visitar, principalmente os primos, que apesar de nos aproximarmos na idade, eram na maioria meninos, e não gostavam de brincar de colégio...

Já entrando na adolescência, as brincadeiras eram outras: as bonecas-alunas deram espaço ao *videogame*, com jogos que entretinham na frente da televisão, dentro de casa, e as brincadeiras da rua ficavam cada vez mais distantes.

E juntamente com o nascimento da irmã caçula, surgiram as primeiras noções de responsabilidade, e eu me sentia “grande” o bastante para tomar conta dela. Deixando as bonecas de lado, adorava brincar com meu brinquedo-bebê.

Ao refletir sobre a infância vivida, resgatando a criança que fui, e tentando dialogar com as infâncias contemporâneas, vividas por muitas crianças com as quais convivo diariamente, é indispensável refletir que tudo está diferente. Embora tenha

clareza de que, enquanto adulta, estou emitindo opiniões sobre a infância que, de certa forma, traduzem um sentimento saudosista de um tempo que passou, visivelmente há diferenças entre a infância que vivi e as outras infâncias do século XXI.

A infância, nessa perspectiva, deve ser compreendida como um modo particular de se pensar a criança, e não um estado universal, vivida por todos do mesmo modo.

Diante dessas e outras evidências, ingressei no curso de Especialização em Educação Infantil (FaE/UFPel), que concluí em 2009, com o intuito de pesquisar sobre as infâncias dos alunos da turma de 4ª série com a qual eu trabalhava. A partir daí entrei em contato com o tema, na busca de referenciais teóricos que pudessem embasar o estudo.

Minha preocupação inicial foi sempre dar voz às crianças, permiti-las como testemunho das culturas vividas em seu meio social. Dialogando com autores sobre o tema, descobri a Sociologia da Infância, um campo de estudos ainda em construção no Brasil, que propõe a evolução do objeto e do olhar, como nos afirma Sirota (2001), a criança e sua infância a partir de suas próprias vozes.

Contudo, os dados referentes à coleta feita junto às crianças, mostraram outros rumos aos quais a pesquisa poderia se direcionar. Entre eles está o “desaparecimento” da escola como lugar de destaque na vida das crianças, o trabalho doméstico na infância feminina, a relação brincadeiras x gênero e os lugares/tempos e espaços do brincar na infância.

Nasce, então, a pesquisa de Mestrado, de caráter qualitativo, que busca compreender, junto a um grupo de crianças da turma de 4ª série do Ensino Fundamental de uma escola municipal localizada em um bairro popular de Pelotas, na qual sou professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Esta investigação buscou compreender, junto ao grupo de vinte e cinco crianças, sendo dezessete meninas e oito meninos, como narram as infâncias neste espaço social, bem como as rotinas que se apresentam no lugar/tempo/espaço das infâncias pesquisadas.

O estudo busca investigar sobre as rotinas dessas infâncias, a partir das vozes das crianças, em meio às realidades vividas por cada uma delas. Ainda que façam parte de uma mesma camada sócio-econômica, conseguem, de forma

diferenciada, caracterizar os modos de ser criança muito distintos e desiguais, com diferentes oportunidades, valores, culturas e contextos em que se constroem, como nos afirma Rua (2007). Busca compreender também a maneira como concebem sua condição infantil e seu estar no mundo, significando sobre os lugares que ocupam o brincar, a escola e a família no contexto de suas vidas.

Como educadora, julgo necessário revisar as ideias pré-concebidas e convicções a respeito da infância, dando voz às próprias crianças, reconhecendo-as como criadoras e transformadoras de sua própria cultura.

Nessa perspectiva, as crianças não são sujeitos submissos e passivos às normas elaboradas pela sociedade adulta, ao contrário, são concebidas como protagonistas de sua história, tendo capacidade de construir saberes e ideias sobre seu entorno. As crianças passam a ser vistas como produtoras de cultura. Um longo caminho foi percorrido até se obter esse novo olhar e muito há que ser feito para ampliá-lo e fortalecê-lo. Necessitamos mais do que conhecer a situação da criança, precisamos conhecer as culturas infantis, entendendo a criança como sujeito participativo da cultura vivida em seu meio social. E para Sirota, “é principalmente por oposição a essa concepção da infância, considerada como um simples objeto passivo de uma socialização regida por instituições, que vão surgir e se fixar os primeiros elementos de uma sociologia da infância” (2001, p.9).

Os principais objetivos da pesquisa se concentraram em: Conhecer as rotinas das infâncias pesquisadas, caracterizando o pertencimento a determinados lugares-tempos-espacos; Compreender e conceituar, junto às crianças, suas próprias infâncias.

O problema central que originou esta investigação foi compreender a significação da infância do ponto de vista deste grupo crianças. A partir daí, delimitei as seguintes questões de pesquisa: Como destacam o brincar, a escola e a família em seus relatos? Quais são os lugares/espacos indicados por elas como possíveis de experimentar o exercício de ser criança? Como (re)significam suas infâncias?

Com esta dissertação busquei aprender com as crianças sobre suas próprias infâncias, entre os limites acadêmicos e os limites da instituição escolar.

Relatório da coleta de dados

É urgente partir sem medo para onde nascem sonhos... buscar novas artes de esculpir a vida... (Armando Arthur)

Nesta seção apresento as informações gerais do trabalho de campo, com o objetivo situar o leitor sobre os caminhos investigativos que se fizeram presentes no decorrer da pesquisa, onde pretendo demonstrar os percursos traçados para sua realização. Aqui não há pretensão de apontar estratégias fechadas, certas, únicas, mas sim demonstrar o modo como a investigação foi tomando forma, ao passo que a própria pesquisa ia se constituindo.

A pesquisa intitulada: “Brincadeiras, espaços e tempos: as infâncias nas vozes das crianças” foi desenvolvida com o grupo de vinte e cinco crianças, sendo dezessete meninas e oito meninos com idades entre 9 e 14 anos, alunos da turma de 4ª série do Ensino Fundamental com a qual trabalhava.

A pesquisa qualitativa teve como enfoque o uso de desenhos produzidos pelas crianças e relatos e conversas durante a realização dos desenhos, que foram escritos no diário de campo. Com estes instrumentos busquei compreender as questões propostas pela pesquisa.

Os desenhos, como instrumentos metodológicos para a realização da pesquisa, foram usados porque compreendidos como “[...] reveladores de olhares e concepções das crianças sobre seu contexto social, histórico e cultural, pensados, vividos, desejados [...]” (GOBBI, 2005, p. 71). Eles permitem conhecer os entornos sociais, culturais e familiares das crianças, no sentido de afirmá-las como portadoras e criadoras de cultura, sujeitos de sua história e cujas produções devem ser conhecidas, valorizadas, respeitadas.

Escolhi esta técnica de coleta de dados, pois acredito que os desenhos das crianças são tomados como portadores de uma expressão e cultura próprios, fornecendo dados que, conjugados à oralidade, veiculam informações importantes sobre como as crianças estão concebendo o contexto histórico e social no qual estão inseridas. Para Pinto e Sarmento,

[...] o estudo das crianças a partir de si mesmas permite descortinar uma outra realidade social, que é aquela que emerge das interpretações infantis dos respectivos mundos de vida. O olhar das crianças permite revelar fenômenos sociais que o olhar dos adultos deixa na penumbra ou obscurece totalmente. [...] relativamente às metodologias seleccionadas para colher e interpretar a voz das crianças, os estudos etnográficos, a observação participante, o levantamento de artefactos e produções culturais da infância, as análises de conteúdo dos textos reais, as histórias de vida e as entrevistas biográficas, as genealogias, bem como a adaptação de instrumentos tradicionais de recolha de dados, como, por exemplo, os questionários, às linguagens e iconografia das crianças, integram-se entre os métodos e técnicas de mais frutuosa produtividade investigativa (PINTO; SARMENTO, 1997, p.27).

Para Sarmento (2007), não se trata de estudar o desenho como sintoma, mas de analisar uma *produção simbólica*, um ato social onde se exprimem modos específicos de interpretação do mundo. Também nesta perspectiva tem vindo a desenvolver-se a forte convicção de que as crianças são produtoras de culturas próprias – as *culturas da infância*.

Os estudos referentes à temática pretendem afirmar as crianças como portadoras e criadoras de cultura, desenhistas, falantes, sujeitos de sua história. No entanto, trata-se de conhecer as realidades sociais a partir de seus próprios olhares, na tentativa de ampliarmos nossos conhecimentos sobre as crianças a partir de si mesmas.

A perspectiva de que os desenhos infantis também podem ser considerados documentos devem-se ao peso que adquirem como informantes que são sobre determinados momentos históricos e sobre a infância existente nestes contextos. São amplas as possibilidades de ver, olhar, interpretar, analisar, ler os desenhos infantis, cada qual com pressupostos teóricos interessantes e importantes a serem considerados.

Para Gobbi (2005, p.76)

é na procura por referenciais nutridos pela sociologia, antropologia e história que temos uma instrumentalização teórica que permite a percepção dos desenhos como registros elaborados por sujeitos datados, culturais, históricos. São documentos que nos permitem saber mais acerca destes sujeitos, possibilitando conhecer as percepções da realidade por eles vivida, não sendo percebidos como textos escritos, mas sim como textos visuais que podem ser olhados, sentidos, lidos.

Isto confirma que as crianças interpretam o mundo e simbolizam as suas vivências e experiências de formas e linguagens diferentes dos adultos. São esses modos que constituem as *culturas da infância* (SARMENTO, 2007, p.21), que se caracterizam pela sua heterogeneidade e diversidade no tempo e no espaço. “As relações entre pares e a ludicidade são espaços, por excelência, para compreender formas de interpretação, acção, sentimentos, processos de apropriação da realidade pelas crianças e modos de interpretação do mundo” (ibidem, p.22).

De muitas maneiras as imagens adquirem um carácter pedagógico nas instituições de ensino, sendo que muitas vezes os professores não se dão conta das ações educativas desenvolvidas pelas diferentes imagens.

Cunha (2007, p. 123) mostra como a imagem pode ser interpretada ou apenas vista de diversas formas e essas “diferentes maneiras de nos relacionarmos com as imagens advém, em grande parte, dos discursos produzidos em diferentes contextos sociais e culturais no campo da arte [...]”.

Nessa perspectiva, as crianças não são sujeitos submissos e passivos às normas elaboradas pela sociedade adulta, ao contrário, são concebidas como protagonistas de sua história, tendo capacidade de construir saberes e ideias sobre seu entorno. As crianças passam a ser vistas como produtoras de cultura. Um longo caminho foi percorrido até se obter esse novo olhar e muito há que ser feito para ampliá-lo e fortalecê-lo. Necessitamos mais do que conhecer a situação da criança, precisamos conhecer as culturas infantis, entendendo a criança como sujeito participativo da cultura vivida em seu meio social.

No que diz respeito à pesquisa com crianças, percebe-se que entre as ciências da educação, no âmbito da sociologia, há ainda resistência em aceitar o testemunho infantil como fonte de pesquisa confiável e respeitável. Entretanto, [...] “pouco se conhece sobre as culturas infantis porque pouco se ouve e pouco se pergunta às crianças, e quando isso ocorre, a ‘fala’ apresenta-se à margem das interpretações e análises dos pesquisadores” [...] (QUINTEIRO, 2005, p.21). A autora enfatiza ainda a importância do processo de recolha da voz das crianças, e discute a análise desses dados do ponto de vista da interpretação e problematização à luz dos referenciais existentes no campo das ciências sociais.

Escolha da amostra

O bairro e a escola: o portão de entrada para a realização da pesquisa

A escola está localizada em um sub-bairro do bairro Três Vendas, localizado na zona norte da cidade. Apresenta sérios problemas no que se refere ao saneamento básico, segurança e serviços, ainda existindo inúmeras ruas com esgotos a céu aberto e sem calçamento. Não há no bairro parques ou espaços públicos para o lazer da comunidade e as raras praças existentes carecem de manutenção e conservação. Além disso, os campos e áreas verdes têm sucumbido ao depósito de lixo e outros materiais, em precário estado de conservação, o que acaba por impedir o seu uso pela população.

A escola foi fundada no ano de 1991 pertence à rede municipal de ensino e atende do pré-escolar à 4ª série, sendo que neste ano de 2012 a escola passou a receber duas turmas de 5ª série do ensino fundamental. A equipe diretiva é composta de uma diretora, uma vice-diretora e uma coordenadora pedagógica, que atendem os três turnos de funcionamento da escola, sendo todas eleitas pela comunidade. Assessora a equipe diretiva uma orientadora educacional. A escola conta com aproximadamente 740 alunos, 39 professores e 18 funcionários.

Pela manhã e tarde, a escola atende as turmas de pré-escolar à 5ª série. No vespertino a escola também atende às turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O espaço físico da escola está dividido em: 15 salas de aula, 1 sala de pré-escolar, 1 sala de apoio, 1 biblioteca, 1 sala de direção e coordenação pedagógica, conjunta com a secretaria, 1 sala de orientação educacional, 1 sala de professores, 1 refeitório, 1 cozinha e 4 banheiros (1 para professores, 1 para funcionários e 2 para os alunos). A escola possui também uma pracinha com alguns brinquedos, que é usada pelas turmas de pré-escolar e 1^{os} anos. O pátio é amplo, mas sem cobertura, apenas a quadra de esportes é coberta, e os alunos podem usá-la também na hora do recreio.

O prédio é murado e existe um único portão de entrada e saída dos alunos, professores, funcionários e pais da escola. O horário de funcionamento da escola no turno da manhã é das 7h40min às 11h40min, sendo o horário de recreio entre 10h e 10h15min. A escola oferece diariamente merenda aos alunos num horário anterior ao recreio.

A escola possui alguns projetos extraclasse, tais como Projeto de Dança, Apoio Escolar, Mais Educação e Projeto Distorção Idade/Série. O pré-escolar e os anos iniciais contam com professores especializados de Educação Física e Educação Artística.

Os sujeitos da pesquisa

O grupo foi escolhido por se tratar da turma de alunos para qual lecionava, uma turma de 4ª série do ensino fundamental, sendo vinte e cinco crianças - dezessete meninas e oito meninos, com idades entre 9 e 14 anos. Também foram escolhidos “[...] pelo fato de poderem se debruçar sobre um passado já experimentado para organizarem suas visões sobre a infância” (FISCHER, 2005, p.2). Não houve critério de exclusão, pois todas as vinte e cinco crianças da turma participaram da pesquisa e os dados foram utilizados por completo.

Isto supõe um importante desafio teórico-metodológico, que é o de considerar as crianças como atores sociais plenos. Para Delgado e Müller (2005, p.91), “essa visão de socialização considera a importância do coletivo: como as crianças negociam, compartilham e criam culturas com os adultos e com seus pares”.

A vontade das crianças foi respeitada, e foram elas que decidiram sobre sua participação na pesquisa, inclusive sugerindo ideias sobre o encaminhamento da mesma.

Para os sociólogos da infância é importante considerar o ponto de vista das crianças nas pesquisas, o que também exige certo abandono do olhar centrado no ponto de vista do adulto.

Trabalho de campo

Para darmos início ao trabalho de campo, apresentei primeiramente a proposta à equipe diretiva da escola. Logo depois fiz o primeiro contato com as crianças, onde expliquei também a proposta da investigação. Posteriormente, junto com a orientadora e a direção da escola, as crianças e eu, elaboramos um

documento para os pais como autorização para que a pesquisa fosse feita. Fizemos uma reunião para que tudo fosse esclarecido. Todos aceitaram e concordaram com a proposta e demos início à pesquisa.

A pesquisa de caráter qualitativo iniciou em março de 2009, sendo incorporada ao trabalho pedagógico estabelecido com as crianças. As abordagens, discussões e atividades foram propostas durante as aulas, onde abrimos espaço na rotina para a realização da pesquisa.

A coleta de dados foi organizada a partir de propostas como desenhos e ensaios escritos, trabalhos realizados pelas crianças na sala de aula, e totalizaram cinco encontros, cada um deles com uma proposta inicial de discussão no grande grupo e, logo após, a realização dos trabalhos, que foram recolhidos ao fim de cada encontro.

Proporcionar estes momentos para as crianças foi um aspecto muito significativo dentro da pesquisa, pois em geral, o que se vê é a extinção de experiências no que se refere à “olhar para si”, pois a escola nega o desenho da criança, nega os seu corpo, sua experiência, seus desejos e vontades. O desenho passa a ser relegado a segundo plano, já não fazendo mais parte do repertório de conhecimentos dos alunos da 4ª série, é um instrumento utilizado apenas com os pequenos, ou talvez – e o que é pior, apenas para passar o tempo.

As propostas dos desenhos foram:

- Meu dia é assim...
- Desenho do trajeto casa-escola
- Apresentação
- Desenho das brincadeiras
- Para que o mundo das crianças fosse melhor, eu inventaria...

A análise desses materiais foi realizada na medida em que eram feitos os desenhos, onde eu questionava, conversava, de maneira que as próprias crianças pudessem ajudar na interpretação de seus desenhos. Tudo o que era dito e observado era anotado no diário de campo.

Os desenhos e os dados coletados foram categorizados em: brincadeiras, espaços e tempos.

Esta categorização foi necessária para uma melhor compreensão do que foi realizado durante a pesquisa. Sendo assim, contribuiu para relacionar os dados às questões de pesquisa.

Diário de campo

Para que eu pudesse captar a concepção de cada uma das crianças em relação às suas infâncias, foram desenvolvidos cinco encontros, cada um deles articulando uma proposta inicial de conversa e discussão no grande grupo e, após, o registro individual, que foi recolhido em todos os encontros.

O primeiro instrumento metodológico aplicado foi um ensaio escrito pelas crianças intitulado “Meu dia é assim...”¹, no qual deveriam escrever sobre o que fazem durante a semana, nos turnos manhã, tarde e noite. Este primeiro momento permitiu que fosse possível uma melhor compreensão do dia-a-dia das crianças, o que fazem fora da escola e nos finais de semana, quais são as atividades de lazer e com quem convivem diariamente.

Quadro 1 – Sistematização da atividade “Meu dia é assim...” (Manhã)

Manhã
Aspectos evidenciados: A rotina dos alunos é a escola, que aparece como “lugar de estudar e aprender”.
“Vou para a escola estudar e aprender” (Viviane). “Eu vou para a escola estudar porque se não eu não passo de ano” (Carolina). “Eu estudo na escola matemática, português, estudos sociais e muito mais” (Jennifer). “De manhã eu vou para a escola estudo brinco no recreio depois vou para dentro da sala” (Roger). “Eu venho para a escola estudar e para brincar no recreio” (Lucas). “Arrumo a minha cama. Tomo café. Me arrumo. Venho pro colégio estudar, chego do colégio brinco um pouco na rua” (Helen). “Eu levanto e arrumo as coisas da minha mochila, se não falta nada, daí vou pro colégio” (Steffanie).

¹ CAVA, Patrícia; WÜRDIG, Rogério. **Entre a cultura escolar e a cultura da infância:** um estudo sobre crianças num bairro da periferia de Pelotas. Relatório de Pesquisa. Pelotas: Faculdade de Educação, UFPel, 2003.

Quadro 2 – Sistematização da atividade “Meu dia é assim...” (Tarde)

Tarde
Aspectos evidenciados: Brincar na rua ou em casa, estudar e ajudar a mãe nos afazeres domésticos.
“A tarde eu pego o caderno e estudo e ajudo a minha mãe a lavar as louças” (Roger). “Eu vou para o campo para jogar bola com os meus amigos” (Lucas). “Eu arrumo a casa e depois olho televisão e dou água para os cachorros” (Steffanie). “Eu brinco de colégio com a minha colega” (Carolina). “Eu jogo bola de tarde depois que minha casa está arrumada” (Thaís). “Vou andar de bicicleta, vou jogar bola na rua” (Bruno). “Vou brincar na rua entro para casa tomo café e vou estudar para as provas” (Mariana). “Eu faço o meu tema, ajudo meu irmão nos temas e brinco” (Robson). “Eu vou no projeto, ajudo minha mãe em casa e busco minha irmã na creche” (David).

Quadro 3 – Sistematização da atividade “Meu dia é assim...” (Noite)

Noite
Aspectos evidenciados: Assistir televisão com os pais e/ou irmãos, arrumar o quarto para dormir. É um momento de estar com a família.
“Olho mais um pouco de televisão janto faço os temas brinco dentro de casa e tomo banho e me deito” (Helen). “Eu janto e vou me deitar para acordar no outro dia” (Carolina). “Eu assisto tv com meus irmãos até as 9:00 e vou dormir” (Jennifer Santos). “Olho tv com a minha mãe” (Anderson). “Eu olho tv e depois converso com os meus pais. E depois vou dormir” (Diulia). “Estudo a minha mãe me ajuda nos temas quando ela chega. Jogo videogame um pouco e durmo” (Amanda). “Faço tema janto e vou dormir” (André).

Para a representação dos resultados do instrumento metodológico (ensaio escrito), optou-se pela correção dos textos produzidos pelas crianças, mantendo-se os aspectos essenciais.

Registro da atividade

Ensaio escrito – “Meu dia é assim...”

Quadro 4 – “Olho Tv e faço os temas” (Steffanie – 13 anos)

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
M A N H Ã	<i>Eu vou a escola, arrumo as coisas da minha mochila, se não falta nada.</i>	<i>Eu acordo, tomo café e lavo a louça e vejo desenho.</i>	<i>Eu vou a escola e arrumo as coisas da minha mochila e vejo se está tudo nela.</i>	<i>Eu olho Tv e depois vou a escola.</i>	<i>Eu olho Tv, vou a escola.</i>	<i>Eu tomo café, olho Tv e ajudo a minha mãe a arrumar a casa cedo.</i>	<i>Eu me acordo, tomo café e olho Tv com meus pais, arrumo a casa.</i>
T A R D E	<i>Eu arrumo a casa e depois olho televisão e dou água para os cachorros.</i>	<i>Eu arrumo a casa e depois olho Tv e tomo café e vou sair.</i>	<i>Eu arrumo a casa e depois olho Tv e tomo café e vou sair.</i>	<i>Eu tomo café e lavo a louça e depois olho Tv e vou sair se estiver com vontade.</i>	<i>Eu arrumo a casa e olho Tv e tomo café e olho Tv se não tem tema.</i>	<i>Eu olho bastante Tv e vou na minha avó.</i>	<i>Eu tomo café às 4h, lavo a louça do café e vou sair.</i>
N O I T E	<i>Eu janto e lavo a louça e vejo se não tem tema da escola.</i>	<i>Eu vejo se não tem louça e se tiver eu lavo e depois eu estudo ou faço o tema.</i>	<i>Eu olho Tv, faço minhas tranças e vejo se não tem tema.</i>	<i>Eu olho Tv e lavo a louça se tiver e arrumo as minhas coisas.</i>	<i>Eu janto e olho Tv e lavo louça.</i>	<i>Eu janto, vou na minha amiga e converso e depois eu vou dormir.</i>	<i>Eu janto e vou na minha amiga.</i>

Quadro 5 – “Vou para o colégio” (Natália – 14 anos)

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
M A N H Ã	<i>De manhã eu venho para o colégio.</i>	<i>Venho para o colégio.</i>	<i>Venho para o colégio estudar.</i>	<i>Vim para o colégio e fiz prova.</i>	<i>Venho para Artes e para Educação Física.</i>	<i>Arrumo a casa, tomo café.</i>	<i>Saio com minha mãe.</i>
T A R D E	<i>Limpo a casa para minha mãe e trago meu irmão pro colégio.</i>	<i>Ajudo a minha mãe a limpar a casa e lavar a roupa.</i>	<i>Venho para banda do colégio.</i>	<i>Vim para banda.</i>	<i>Vou sair com a minha vó.</i>	<i>Brinco.</i>	<i>Olho o Gugu.</i>
N O I T E	<i>Estudo e brinco e durmo.</i>	<i>Olho filme, brinco com meus irmãos de colégio e durmo.</i>	<i>Vou pra igreja no Pestano e durmo.</i>	<i>Olho novela e depois durmo.</i>	<i>Vou dormir.</i>	<i>Vou a igreja, durmo.</i>	<i>Janto e durmo.</i>

Quadro 6 – “Vou na casa da minha irmã” (Jenifer – 14 anos)

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
M A N H Ã	<i>Estudo de manhã e vou para escola.</i>	<i>Terça eu me acordo seis horas para ver Tv.</i>	<i>Hoje eu vim para aula, estudei um pouco.</i>	<i>Quinta de manhã eu venho para escola e já durmo arrumada.</i>	<i>Eu venho para aula e quando saio cedo eu vou para casa olhar Tv.</i>	<i>No sábado eu vou para o centro com minha irmã.</i>	<i>Domingo eu acordo muito tarde.</i>
T A R D E	<i>A tarde eu ajudo a minha mãe e olho Tv.</i>	<i>De tarde eu saio com a minha mãe lá para minha tia.</i>	<i>A tarde vou lá pra minha irmã lá no Areal e quando eu chegar vou brincar.</i>	<i>De tarde arrumo as coisas para minha mãe se eu quiser brincar.</i>	<i>A tarde eu vou para casa da minha irmã lá no Areal.</i>	<i>A tarde eu brinco, ajudo a minha irmã e durmo.</i>	<i>A tarde meu cunhado me leva para casa.</i>
N O I T E	<i>A noite eu arrumo o meu quarto para deixar arrumado.</i>	<i>Eu durmo uma noite com a minha mãe e uma com o meu pai.</i>	<i>A noite eu fico brincando no meu quarto.</i>	<i>Quinta a noite eu me arrumo para ir para igreja.</i>	<i>A noite na casa da minha irmã eu olho um pouco de Tv e vou dormir.</i>	<i>A noite eu fico acordada.</i>	<i>A noite eu estudo e vou dormir.</i>

Quadro 7 – “Vou para casa e durmo” (Jennifer – 10 anos)

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
M A N H Ã	<i>Eu estudo na escola matemática, português, estudos sociais e muito mais.</i>	<i>Eu brinquei em casa com as minhas irmãs.</i>	<i>Vou para a escola até as 11:45</i>	<i>Eu vou para a escola estudar.</i>	<i>Brinquei na física.</i>	<i>Fui pescar o dia inteiro.</i>	<i>Eu brinquei até as 9:00</i>
T A R D E	<i>Eu brinco e ajudo a minha mãe a limpar a casa.</i>	<i>Eu ajudei a minha mãe arrumando a casa e depois fui brincar.</i>	<i>Eu brinco e estudo um pouco.</i>	<i>Eu brinco com as minhas irmãs.</i>	<i>Brinquei em casa.</i>	<i>Pesquei até as 17:00</i>	<i>Fui para o centro.</i>
N O I T E	<i>Eu assisto Tv até as 21:00 e vou dormir.</i>	<i>Eu brinquei até as 21:00 e depois fui pro banho e fui dormir.</i>	<i>Assisto Tv até as 21:00 e depois vou dormir.</i>	<i>Eu durmo as 21:00 todos os dias.</i>	<i>Dormi bem e sonhei.</i>	<i>Voltei para casa e fui dormir.</i>	<i>Fiquei no centro até as 17:00</i>

Quadro 8 – “Vou brincar na rua” (Mariana – 11 anos)

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
M A N H Ã	<i>Estou na escola e solto e volto para casa, almoço, ajudo a lavar a louça.</i>	<i>Estou na escola e solto e volto para casa, faço as lições de casa e vou para o meu quarto.</i>	<i>Eu estou na escola e volto para casa e vou almoçar e lavar a louça tirei a mesa e vou ajudar a minha irmã a arrumar o quarto dela.</i>	<i>Estou na escola, volto para casa e almoço e lavo a louça e vou me deitar e depois vou mexer no computador.</i>	<i>Eu estava na escola e voltei para casa e fui almoçar e lavar a louça e vou me sentar.</i>	<i>Estou dormindo e depois acordo e levanto e vou tomar café e depois de uma hora vou almoçar.</i>	<i>Estou brincando na rua e volto para dentro de casa e vou tomar café e depois vou brincar de novo e vou almoçar.</i>
T A R D E	<i>Vou brincar na rua, entro para casa, tomo café e vou estudar para prova.</i>	<i>Eu vou fazer meus temas e vou ver Tv na minha casa e durmo um pouco.</i>	<i>Eu vou fazer os meus temas e vou ver Tv e depois vou brincar na rua e volto para dentro de casa e tomo café.</i>	<i>Eu vou fazer os meus temas, ver filme de terror e vou tomar café e depois vou brincar na rua.</i>	<i>Eu vou brincar na rua e depois vou estudar um pouco e depois vou conversar com a minha prima.</i>	<i>Eu estou brincando na rua e volto e vou tomar café da tarde e vou ler um livro.</i>	<i>Estou brincando na rua e depois volto para dentro de casa e vou tomar café e vou brincar na rua.</i>
N O I T E	<i>Estou conversando com a minha prima e depois janto e vou deitar.</i>	<i>Estou desenhando e conversando com a minha irmã e vou jantar e eu vou deitar.</i>	<i>Estou conversando com a minha mãe ou estou vendo filme de comédia e vou dormir.</i>	<i>Estou vendo Tv e depois vou jantar e fico conversando um pouco e depois vou dormir.</i>	<i>Estou vendo filme e depois vou sentar para jantar e depois converso um pouco e vou dormir.</i>	<i>Estou vendo filme e depois vou jantar e vou me sentar e vou dormir.</i>	<i>Estou vendo Tv e vou jantar e vou me deitar e fico vendo Tv e depois vou dormir.</i>

Quadro 9 – “Vou no Prado ver as carreiras” (Lucas – 13 anos)

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
M A N H Ã	<i>Eu venho para a escola estudar e para brincar no recreio.</i>	<i>Eu venho para Escola</i>	<i>Eu me levanto, solto o cavalo do meu pai e solto a minha égua.</i>	<i>Eu me levanto para lavar a cara e vou na cozinha e abro a janela e olho a minha égua de cria.</i>	<i>Eu venho para a escola para a física e a artes.</i>	<i>Eu vou para a casa da minha tia brincar com os meus primos.</i>	<i>Eu vejo o campeonato do vovô.</i>
T A R D E	<i>Eu vou para o campo para jogar bola com os meus amigos.</i>	<i>Eu vou para o campo para andar de cavalo no campo.</i>	<i>Eu dou água para os cavalos e ato.</i>	<i>Eu vou para o torneio de futebol na Sanga Funda.</i>	<i>Eu vou para o Prado ver as carreiras nas sextas-feiras.</i>	<i>Eu jogo bola no campo com os meus primos.</i>	<i>Eu vou ver a maratona no campo e jogar caçador.</i>
N O I T E	<i>Eu vou para a casa do meu irmão jogar vídeo game.</i>	<i>Eu brinco de várias coisas na noite, eu e os meus amigos de noite.</i>	<i>E depois tiro leite da vaca e busco pasto para a égua e para a vaca.</i>	<i>De noite eu olho a novela Promessas de Amor e vou dormir.</i>	<i>Eu vou andar de bicicleta a noite e paro e vou me deitar.</i>	<i>A noite eu vou para a cama me deitar.</i>	<i>Eu vejo o Domingo Legal e as Lendas Urbanas.</i>

Quadro 10 – “Olho Tv e janto” (Hélen – 11 anos)

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
M A N H Ã	Arrumo a minha cama, tomo café, me arrumo, venho pro colégio, brinco um pouco na rua.	Me arrumo para vir pro colégio, arrumo a minha cama, tomo café, olho a minha mochila para ver se não tem nada faltando.	Tomo café, me arrumo para vir pro colégio, arrumo a minha cama, reviso a minha mochila.	Me arrumo para vir pro colégio, tomo café, venho pro colégio. Chego, olho Tv, almoço.	Arrumo a minha cama, me arrumo, tomo café, passo na casa da Welen pra irmos pro colégio.	Escuto rádio, vou no mercado com a minha mãe. Olho desenho, arrumo o meu quarto, ando de bicicleta.	Arrumo o meu quarto, tomo café, olho desenho na Tv, dou banho no meu cachorro.
T A R D E	Almoço, ajudo a minha mãe, lavo a louça. Estudo bastante, olho filme depois olho a novela e tomo café da tarde.	Arrumo o meu quarto, o quarto da minha mãe, lavo o banheiro, tomo o café da tarde, tomo banho, brinco dentro de casa.	Olho Tv, almoço, lavo a louça, brinco na rua e as vezes eu vou pro centro. Chego e tomo café.	Lavo a buça, olho Tv, arrumo a sala, lavo o banheiro e faço o tema quando tem.	Olho a novela, olho os filmes, tomo café, lavo o chão da casa. Brinco dentro de casa, arrumo o meu quarto.	Eu vou lá no Dunas nas minhas primas na minha tia. Vou na pracinha, tomo café.	Tomo café, vou no mercado. Escuto músicas, ando de bicicleta, brinco dentro de casa.
N O I T E	Olho mais um pouco de Tv, janto, faço os temas, brinco dentro de casa, tomo banho.	Olho a novela, olho os filmes, escuto as músicas. Brinco na rua, faço os temas e janto.	Escuto música, olho a novela, faço os temas, tomo banho, brinco dentro de casa e quando precisa eu vou na venda.	Olho a novela, tomo banho, brinco dentro de casa, faço desenho e brinco com o meu sobrinho.	Olho o jornal, brinco na rua de pular corda e de pega-pega. Vou na venda pra minha mãe.	Olho a novela, brinco na rua, janto. Olho o Zorra Total e olho o filme.	Olho o Gugu, olho o Globo Repórter. Janto, brinco com meu sobrinho.

Quadro 11 – “Faço os temas e ajudo minha mãe” (July – 10 anos)

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
M A N H Ã	Eu estudo no colégio. A professora é legal.	Eu tomei café, me vesti e vim para escola. Não teve recreio e a professora marcou o dia das segundas provas.	Eu tomei café, juntei as coisas da mesa, vim ao colégio. Hoje teve recreio e eu olhei os guris jogar bolinhas.	Eu tomei banho, fui chamar a minha tia para ficar com o meu irmão, tomei café e vim para a escola.	Eu dormi até tarde e brinquei.	Eu saí fui na catequese e joguei vídeo game.	Eu não tive aula. Fiz meus deveres.
T A R D E	Eu vou ao projeto, estudo, jogo vôlei.	Almoçar, vou lavar a louça e varrer o chão e vou para o projeto.	Eu vou fazer meus deveres, vou almoçar e vou ir para o projeto. Vou jogar vôlei.	Vou almoçar, vou fazer meus deveres, vou ir ver se tem projeto porque ontem não teve porque choveu.	Eu fui almoçar na minha tia e depois fui para casa.	Eu lavei a louça do almoço e depois fui brincar.	Eu saí, fui a casa da minha tia e joguei play um.
N O I T E	Eu faço os temas, eu brinco com minhas amigas.	Faço os temas, dobro a roupa, estudo quando vai ter prova no outro dia. Olho Tv e depois tomo banho e janto.	Vou fazer meus temas se tiver. Dobro as roupas, vou olhar as novelas, tomo banho, janto e olho filme.	Eu vou fazer meus temas se tiver e vou estudar para prova de segunda.	Eu fiz meus temas e estudei para prova de terça.	Eu estudei para as provas e escrevi sobre o trabalho.	Eu fui a igreja e depois voltei para casa.

Quadro 12 – “Vou para escola estudar” (Bruno – 11 anos)

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
M A N H Ã	<i>Vou ir pra escola estudar.</i>	<i>Vou ir pra escola estudar.</i>	<i>Vou ir pra escola estudar.</i>	<i>Vou ir pra escola estudar.</i>	<i>Vou ir pra escola estudar.</i>	<i>Jogo bola no campo com meu irmão e com meus amigos.</i>	<i>Vou ir pescar no caloteio.</i>
T A R D E	<i>Vou andar de bicicleta. Vou jogar bola na rua.</i>	<i>Vou fazer meu tema, estudar para prova.</i>	<i>Jogo vídeo game com meu irmão. Ando de bicicleta, jogo bola. Vou trabalhar com meu pai.</i>	<i>Vou dormir. Olho Tv com meu pai.</i>	<i>Vou andar de bicicleta, jogar bola com meus amigos.</i>	<i>Vou ir na casa da minha tia com meu pai de carro. Vou andar de bicicleta com meu primo.</i>	<i>Vou andar de bicicleta. Vou brincar com meu irmão.</i>
N O I T E	<i>Eu vou estudar, jogar vídeo game com meu irmão.</i>	<i>Olho desenho, novela com minha mãe.</i>	<i>Vou olhar filme com meu irmão e com meu pai.</i>	<i>Vou brincar, andar de bicicleta com meus amigos.</i>	<i>Vou jogar vídeo game. Vou brincar.</i>	<i>Vou dormir, vou olhar filme no DVD com minha mãe, com meu pai e meu irmão.</i>	<i>Vou jogar bola. Vou jogar vídeo game.</i>

Quadro 13 – “Fico na rua brincando” (Jardel – 11 anos)

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
M A N H Ã	<i>Eu vou ver Tv e ir a escola porque eu tenho que estudar e depois almoço.</i>	<i>Saio para o colégio e escrevo muito mas tenho que estudar porque senão não vou ser nada na vida.</i>	<i>Eu vou para casa do meu tio e brinco com o meu primo.</i>	<i>Eu vou a casa da minha vovó e brinco lá na casa dela.</i>	<i>Vou para escola e escrevo.</i>	<i>Tomo banho e tomo café.</i>	<i>Brinco até tarde na rua.</i>
T A R D E	<i>Jogo bola e jogo vídeo game, ando de bicicleta.</i>	<i>Vou para o projeto e de lá vou para casa e brinco muito porque brincar é bom para a saúde.</i>	<i>Eu durmo na minha cama e depois eu vou na casa do meu vô e brinco muito lá.</i>	<i>Eu tomo café na casa da minha vó e depois vou pescar com o meu vô.</i>	<i>Almoço e fico na rua brincando.</i>	<i>Brinco com o meu primo e jogo bolinha.</i>	<i>Vou para praça e tomo banho na água.</i>
N O I T E	<i>Eu deito na cama e olho Tv, depois eu arrumo a minha roupa para ir ao colégio.</i>	<i>Eu vou jantar e depois olho Tv. Deito na cama e durmo e ronco muito.</i>	<i>As vezes eu vou a casa da minha tia e durmo lá porque a minha mãe deixa.</i>	<i>Eu durmo lá na casa dela e olho ela dormindo.</i>		<i>Vou para casa da minha vó e durmo lá.</i>	<i>Me deito na cama e olho Tv e depois durmo.</i>

Quadro 14 – “Brinco no recreio” (Thais – 12 anos)

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
M A N H Ã	<i>Quando não tem aula eu arrumo a minha casa para a minha mãe.</i>	<i>De manhã eu vou para a escola, faço meus deveres.</i>	<i>Eu vou para a escola, brinco no recreio com minhas amigas.</i>	<i>Eu vou para a escola, faço minhas coisas e brinco no recreio.</i>	<i>Eu vou para a escola para brincar na física e no recreio. Na física eu jogo vôlei.</i>	<i>Eu arrumo a casa e saio.</i>	<i>Eu saio com minha mãe e meu padrasto.</i>
T A R D E	<i>Segunda eu jogo bola de tarde depois que minha casa está arrumada.</i>	<i>Eu chego do colégio, arrumo a casa, de tarde vou para o colégio.</i>	<i>De tarde eu arrumo minha casa, saio pra frente, tomo mate.</i>	<i>A tarde eu arrumo minha casa e me deito pra olhar Tv até dormir.</i>	<i>Eu vou para a escola, a tarde eu chego e vou a igreja ensaiar. Eu já fico no culto.</i>	<i>A tarde eu vou na casa do meu pai jogar bola na frente com minha irmã.</i>	<i>Chego em casa, arrumo minha irmã, me arrumo e passamos na casa das gurias.</i>
N O I T E	<i>Eu saio para a frente da casa, ando de bicicleta, passeio.</i>	<i>Eu saio para rua, brinco de esconder, de pegar.</i>	<i>De noite eu, minha mãe, meu padrasto e minhas irmãs vamos para igreja.</i>	<i>Eu saio para a rua até quando está chovendo fraco.</i>	<i>A noite eu fico no culto esperando a minha mãe.</i>	<i>Eu vou para casa caminhar na frente.</i>	<i>Vamos para o culto, ficamos até acabar. Depois eu vou caminhar.</i>

Quadro 15 – “Ajudo meu pai a guardar as bicicletas” (Robson – 9 anos)

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
M A N H Ã	<i>Eu vou para escola.</i>	<i>Eu me visto para o colégio.</i>	<i>Eu tomo café e me visto e vou para escola.</i>	<i>Eu vou tomar banho, me vestir e ir para escola.</i>	<i>Eu brinquei com meus colegas.</i>	<i>Vou me acordar e vou brincar com meu irmão.</i>	<i>Eu fui um pouco na locadora e voltei para casa.</i>
T A R D E	<i>Eu faço meu tema. Ajudo meu irmão nos temas e brinco.</i>	<i>Eu vou ir ao centro com minha mãe.</i>	<i>Vou jogar futebol com meus amigos.</i>	<i>Eu vou ir na lan house jogar e depois vou tomar café.</i>	<i>Ando de bicicleta e vou sair com o meu pai.</i>	<i>Vou pescar com minha família.</i>	<i>Eu estudei a tarde toda.</i>
N O I T E	<i>Eu estudo para a prova e eu ajudo minha mãe.</i>	<i>Eu vou andar de bicicleta um pouco e vou dormir.</i>	<i>Eu jogo um pouco de vídeo game com meu irmão e tomo banho.</i>	<i>Eu vou ajudar meu pai a guardar as bicicletas.</i>	<i>Ajudar minha mãe.</i>	<i>Eu ajudei meu pai a guardar as bicicletas.</i>	<i>Eu ajudei minha mãe a fazer comida.</i>

Quadro 16 – “Vou para o colégio fazer as tarefas” (David– 10 anos)

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
M A N H Ã	<i>Eu faço as tarefas na escola de manhã.</i>	<i>Eu não fui ao colégio. Eu fiquei em casa.</i>	<i>Eu vim ao colégio para fazer as tarefas.</i>	<i>Eu vim a escola para fazer as tarefas.</i>	<i>Eu vim ao colégio sexta-feira de manhã.</i>	<i>Eu durmo até tarde.</i>	<i>Eu fui passear com meu pai e voltei tarde.</i>
T A R D E	<i>Eu ajudo minha mãe em casa e busco minha irmã na creche.</i>	<i>Eu passei toda a tarde em casa dormindo.</i>	<i>De tarde eu ajudo a minha mãe nas tarefas de casa.</i>	<i>Eu ajudo minha mãe em casa lavando a louça e limpando o pátio e vou buscar minha irmã na creche.</i>	<i>De tarde eu brinco com os meninos e jogo futebol.</i>	<i>Eu vou para a avenida com a minha mãe e com a minha irmã.</i>	<i>Eu brinco, jogo futebol na cancha.</i>
N O I T E	<i>Eu faço meus temas e depois eu brinco com o meu amigo.</i>	<i>Eu brinco com meus amigos e depois durmo.</i>	<i>Eu brinco com os meus amigos e as vezes fico olhando o colorado como hoje.</i>	<i>Brinco com os meus amigos na rua. Depois eu volto para dormir.</i>	<i>Eu olho Tv e brinco um pouco e durmo.</i>	<i>Eu volto para casa e vou brincar com os amigos na rua.</i>	<i>Eu vou as vezes na avenida com a minha mãe e com meu irmão.</i>

Quadro 17 – “Vou para casa da minha tia” (Anderson – 11 anos)

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
M A N H Ã	<i>Arrumo minha cama.</i>	<i>Ando de bicicleta.</i>	<i>Ajudo meu pai a fazer produtos.</i>	<i>Boto água nas plantas.</i>	<i>Vou no centro.</i>	<i>Olho desenho.</i>	<i>Limpo minha valeta com o rastilho e com enxada.</i>
T A R D E	<i>Jogo vídeo game.</i>	<i>Vou na casa da minha tia.</i>	<i>Jogo vôlei.</i>	<i>Varro o pátio.</i>	<i>Corto lenha no mato da aviação.</i>	<i>Vou pescar no açude da Sanga Funda.</i>	<i>Planto frutas na minha horta.</i>
N O I T E	<i>Olho Tv com minha mãe em casa.</i>	<i>Olho filme em DVD na minha casa.</i>	<i>Varro a casa.</i>	<i>Lavo a louça.</i>	<i>Jogo carta.</i>	<i>Dou comida para meu cavalo.</i>	<i>Dou ração para meu gato preto</i>

Quadro 18 – “Pego o caderno e estudo para as provas” (Janaína – 11 anos)

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
M A N H Ã	<i>Hoje vou estudar. Ler alguns livros, ver Tv. Vou a escola para estudar em dia.</i>	<i>Eu acordo cedo às 6. Eu gosto de escutar o rádio; de manhã tomo café.</i>	<i>Eu tomo café de manhã todos os dias. Eu escovo os meus dentes. Todos os dias eu vou para escola para estudar.</i>	<i>Todos os dias eu acordo e escovo meus dentes e tomo café.</i>	<i>Eu me acordei cedo às 6 da madrugada. Tomei café cedo.</i>	<i>Eu sai com a minha mãe para comprar alimentos.</i>	<i>Eu dormi bastante para descansar e ouvi rádio.</i>
T A R D E	<i>Brincar com meu irmão. Eu faço atividades em dia como: pular, cantar e ler.</i>	<i>Eu almoço, eu brinco, eu estudo em caderno o que está faltando e leio.</i>	<i>Vou para minha casa que fica perto da escola. Eu pego o meu caderno para estudar e almoço.</i>	<i>Quando vou para casa eu tomo banho, almoço e depois eu estudo.</i>	<i>Eu almocei às 12. Eu estudo às 4 horas quando tenho tema.</i>	<i>Eu fiz a redação, estudei muito para passar de ano.</i>	<i>Eu brinquei com as bonecas, eu faço atividades.</i>
N O I T E	<i>Vejo as novelas. Eu estudo quando for fazer provas ou temas.</i>	<i>Eu janto. Eu brinco de vez em quando. Eu durmo às 10.</i>	<i>Todos os dias eu janto. A minha mãe chega a noite do trabalho.</i>	<i>Eu pego o meu caderno de matemática e estudo para a prova.</i>	<i>Eu jantei e gostei do alimento. Ex. maçã ou banana.</i>	<i>Todos os dias eu escovo os meus dentes antes de dormir.</i>	<i>Eu jantei e eu dormi às 9 horas para descansar.</i>

Quadro 19 – “Janto e olho novela” (Natali – 11 anos)

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
M A N H Ã	<i>Me acordo, me arrumo, tomo café da manhã, como uma fruta e venho para o colégio.</i>	<i>Me acordo, arrumo a cama, tomo café e venho para o colégio.</i>	<i>Me acordo, escovo os dentes e venho para o colégio.</i>	<i>Acorde, me arrumo, tomo café da manhã e venho para escola.</i>	<i>Acordei, vim para escola, joguei vôlei, pulei corda e soltei mais cedo.</i>	<i>Acordei, arrumei a casa, tomei café da manhã, lavei a minha roupa nova.</i>	<i>Acordei, tomei café, fui na casa das minhas primas e chamei elas.</i>
T A R D E	<i>Faço comida, faço a minha tarefa de casa, saio para brincar.</i>	<i>Vou para a casa sair com minhas amigas para tomar mate.</i>	<i>Vou para a casa do meu pai antes de almoçar arrumo a casa e fico dormindo.</i>	<i>Me deito, arrumo a casa e deito para olhar filme.</i>	<i>Ensaiei para o grupo e depois fui para o centro e depois estudei.</i>	<i>Almocei, lavei a louça e saí para brincar.</i>	<i>Alice, Aline, Sandra e eu fizemos o bolo de aniversário.</i>
N O I T E	<i>As vezes janto e olho novela.</i>	<i>Fico lendo alguma coisa e desenhando.</i>	<i>Fico lendo.</i>	<i>Faço janta olhando Tv e deito.</i>	<i>Brinquei com os gurus e depois me deitei e dormi.</i>	<i>Fui ao supermercado e comprei coisas para fazer um bolo.</i>	<i>Fizemos a festa do grupo (As TDB do charme).</i>

Quadro 20 – “Almoço e lavo a louça” (Welen – 12 anos)

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
M A N H Ã	Vou para escola, estudo, revisamos os temas.	Vou pra escola, estudo, vou pro recreio quando tem. Hoje não teve.	Vim pra escola, brinquei no recreio, estudei bastante.	Vim pra escola. Estudamos, fizemos um trabalho de Ciências.	Vim pra escola. Tivemos Física. Tava muito bom.	Tomei café, brinquei com minhas amigas.	Tomei café, saí com a minha amiga.
T A R D E	Olho Tv, ajudo a minha mãe. Cuido do meu irmão e vou pra casa da minha tia.	Almoço, lavo a louça, olho filme, vou dormir a tarde.	Almoço, lavo louça, brinco. Faço o que tem quando tem.	Almoço, cuido do meu irmão, ajudo a minha mãe.	Almocei. Fiquei a tarde toda na minha vó.	Almocei. Fui pra minha vó. Brinquei com a minha irmã.	Almocei olhei Tv toda a tarde.
N O I T E	Olho novela e estudo pra prova quando tem. Brinco até às 9h da noite.	Vou ir pra minha vó. Janto, olho novela. Vou estudar pra prova.	Olho Malhação, tomo banho, ajudo a minha mãe.	Olho filme, olho novela, faço o tema se tiver.	Olhei novela, dormi na minha vó.	Olhei filme depois dormi.	Olhei Gugu depois fui dormir.

Quadro 21 – “Brinco na rua até tarde” (Roger – 12 anos)

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
M A N H Ã	De manhã eu vou para a escola. Estudo, brinco no recreio depois vou para dentro da sala.	Na terça de manhã é quando eu jogo no colégio e estudo a lição.	Quarta de manhã na escola eu jogo bola na Educação Física.	Quinta de manhã eu vou para o recreio de manhã.	Sexta de manhã eu venho para escola jogar bola.	No sábado eu vou pescar na ponte de Rio Grande.	E domingo eu passeio ou vou viajar.
T A R D E	A tarde eu pego o caderno e estudo e ajudo a minha mãe a lavar a louça.	Na tarde vou brincar depois estudo e ajudo meu pai.	De tarde eu jogo bola no campo e depois ajudo minha irmã.	Quinta de tarde eu jogo vídeo game depois da lição de casa.	Sexta de tarde eu brinco e estudo até umas 5 horas da tarde.	No sábado a tarde eu jogo bola no campo.	Domingo de tarde eu venho embora para casa.
N O I T E	Na noite eu tomo banho e estudo mais um pouco até às 9 horas e me deito.	Na noite eu vou me deitar e fico olhando filme e novelas.	Na noite eu olho filme de terror e de comédia.	Noite eu vou para casa jogar vídeo game ou estudo.	Sexta de noite eu estudo um pouco.	E sábado a noite eu olho filme de terror.	Domingo a noite eu jogo e me deito.

Quadro 22 – “Brinco com minha irmã ou olho filme” (Aline – 13 anos)

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
M A N HÃ	<i>Eu tomo café, tomo banho e depois vou a escola.</i>	<i>Eu saio as vezes ou se não venho a aula aprender.</i>	<i>Eu vim a aula estudar e passar de ano.</i>	<i>Vou na padaria, volto e tomo café.</i>	<i>Eu fui no centro depois quando cheguei eu tomei um café bem gostoso.</i>	<i>Eu dormi na casa da minha prima, joguei vídeo game.</i>	<i>Eu saí com a minha mãe na casa da minha tia.</i>
T A R D E	<i>Arrumo a casa, tomo café, olho Tv.</i>	<i>Vou ensaiar, ando de bicicleta.</i>	<i>Vou ao centro com a minha irmã depois olho Tv e tomo café.</i>	<i>Ando de bicicleta, olho Tv e tomo café.</i>	<i>Eu olho Tv, ando de bicicleta e depois saio.</i>	<i>Saí com ela depois andei de bicicleta e olhamos Tv.</i>	<i>Brinquei, estudei e andei de bicicleta e tomamos café.</i>
N O I T E	<i>Eu estudo, eu arrumo toda a casa e depois vou dormir.</i>	<i>Estudo, tomo banho, janto e depois vou dormir.</i>	<i>Tomo banho, janto, arrumo a casa, estudo e depois olho Tv.</i>	<i>Limpo a casa, estudo e vou na minha avó.</i>	<i>Arrumo a casa, vou na casa da minha prima e fico lá.</i>	<i>Arrumamos a casa, olhamos Tv e fomos andar de bicicleta.</i>	<i>Fomos para casa, jantamos, olhamos Tv e depois fomos dormir.</i>

Quadro 23 – “Vou para o projeto” (André – 12 anos)

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
M A N HÃ	<i>Vou para a escola.</i>	<i>Vou para a escola. Voltarei às 11:20 horas.</i>	<i>Tomo café da manhã. Vou para a escola.</i>	<i>Fui para a escola. Fiz prova de Ciências.</i>	<i>Fiz Educação Física na escola.</i>	<i>Soltei os cavalos, dei milho para as galinhas.</i>	<i>Tomei café, dei milho para as galinhas.</i>
T A R D E	<i>Vou para o projeto.</i>	<i>Vou deitar para olhar Tv.</i>	<i>Vou para o centro com a minha mãe e meus irmãos.</i>	<i>Irei me deitar para olhar Tv.</i>	<i>Fui para meus avós.</i>	<i>Almocei e fui dormir.</i>	<i>Fui para minha casa</i>
N O I T E	<i>Faço tema, janto, tomo banho e vou dormir.</i>	<i>Faço o tema, olho novela das 6 horas até às 6:30 depois vou dormir.</i>	<i>Faço o tema, olho novela e depois vou dormir.</i>	<i>Faço o tema, janto e vou dormir.</i>	<i>Fiz o tema e fui dormir.</i>	<i>Fui na venda depois dormi.</i>	<i>Fui para o aniversário da minha tia. Ceguei em casa e fui dormir.</i>

Quadro 24 – “Vou para o projeto e levo minha irmã junto” (Viviane – 13 anos)

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
M A N HÃ	<i>Vou para escola estudar e aprender.</i>	<i>Estava com dor de ouvido e não pude ir para escola.</i>	<i>Vou para o colégio estudar e aprender.</i>	<i>Estava em casa com febre e dor de garganta.</i>	<i>Fui para o meu tio pegar os remédios que eu tinha que tomar.</i>	<i>Eu saí para pescar com minha mãe e minha irmã.</i>	<i>Fico dormindo até tarde.</i>
T A R D E	<i>Vou para o centro e estudo no centro.</i>	<i>Não estava em casa, fui para o dentista.</i>	<i>Vou para o dentista para ver meu dente.</i>	<i>Estava dormindo. Minha mãe deu um remédio para dor para mim.</i>	<i>Fui para o meu tio para ficar mais perto do posto médico.</i>	<i>Estava pescando e me divertindo um pouco.</i>	<i>Fico brincando com os meus amigos.</i>
N O I T E	<i>Faço meus temas e janto e olho Tv.</i>	<i>Estava deitada com dor de ouvido e tomando remédios.</i>	<i>Vou fazer meus temas e depois jantar e olhar Tv.</i>	<i>Estava estudando para prova que eu ia fazer.</i>	<i>Estava dormindo porque estava cansada.</i>	<i>Estava voltando para casa.</i>	<i>Eu estava estudando.</i>

Quadro 25 – “Eu estudo e ajudo a minha mãe” (Carolina – 9 anos)

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
M A N HÃ	<i>Eu vou para a escola estudar porque se não eu não passo de ano.</i>	<i>Eu vou para o colégio para estudar porque se não eu rodo e eu não quero rodar.</i>	<i>Me acordei para vir para o colégio para estudar.</i>	<i>Eu me levantei da cama para vir ao colégio estudar para mim aprender.</i>	<i>Eu vim para o colégio estudar mas a minha professora de aula normal não estava.</i>	<i>Dormi até tarde e depois tomei café.</i>	<i>Fui para aonde a minha irmã trabalha.</i>
T A R D E	<i>Eu brinco de colégio com a minha colega.</i>	<i>Eu almoço e depois vou arrumar a casa e depois me deito.</i>	<i>Eu almoço e arrumo a casa e depois me deito e depois vou com a minha irmã para o serviço.</i>	<i>Eu arrumo a casa e vou ir me deitar porque tá muito frio.</i>	<i>Eu me deitei e dormi porque eu estava muito cansada.</i>	<i>Fiquei com a minha mãe e com meu pai.</i>	<i>Fui arrumar bicicletas para ir para o jogo.</i>
N O I T E	<i>Eu janto e depois eu vou me deitar para acordar no outro dia.</i>	<i>Eu janto e depois olho a novela e depois me deito para dormir.</i>	<i>Eu janto, arrumo o material da escola e durmo.</i>	<i>Eu janto e depois me deito para dormir.</i>	<i>Eu e a minha irmã jantamos e dormimos.</i>	<i>Fiquei com o meu sobrinho brincando.</i>	<i>Eu fui para o jogo com a minha irmã de bicicleta.</i>

Quadro 26 – “Olho Tv com minha mãe e janto” (Diulia – 10 anos)

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
M A N H Ã	<i>Vou a escola e depois eu solto e estudo para prova e depois eu brinco.</i>	<i>Hoje de manhã eu almoço e fico vendo Tv e depois eu vou dormir.</i>	<i>Hoje eu almoço e vou brincar com meus primos.</i>	<i>Eu almoço e fico deitada vendo Tv.</i>	<i>Sexta de manhã eu tomei banho e vim para o colégio.</i>	<i>Sábado é o meu dia de brincar na rua até meia noite depois eu entro.</i>	<i>Domingo eu não paro em casa. Eu to sempre saindo, eu peço pra minha mãe se posso ir na minha tia de ônibus.</i>
T A R D E	<i>Brinco com os meus amigos e depois eu estudo e se alguma coisa eu não sei eu pergunto.</i>	<i>Quando parar de chover talvez eu brinque, mas depois de estudar.</i>	<i>A tarde eu fico estudando depois olho e vejo se tem tema e se tiver eu faço.</i>	<i>A tarde eu fico jogando vídeo game e depois eu vou fazer os temas no caderno.</i>	<i>Eu fico estudando umas 3 horas depois eu brinco.</i>	<i>Eu arrumo meu quarto e vou brincar.</i>	<i>Eu vou brincar na rua e depois vou na minha tia.</i>
N O I T E	<i>Eu olho Tv e depois eu converso com os meus pais e depois eu vou dormir.</i>	<i>Eu fico assistindo filmes de terror e depois vou dormir.</i>	<i>A noite eu fico brincando dentro de casa ou escutando som quando meu pai não tá.</i>	<i>A noite eu converso com meus amigos e depois eu entro pra dentro e vou dormir.</i>	<i>Eu janto e fico vendo novela.</i>	<i>Eu fico vendo filme de terror.</i>	<i>Eu vou dormir 21:30 para segunda eu acordar cedo.</i>

Quadro 27 – “Vou para o projeto, tomo café e brinco” (Renata – 10 anos)

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
M A N H Ã	<i>Vou para escola.</i>	<i>Tomar café, olhar um pouquinho de Tv.</i>	<i>Eu tomo café e venho para a escola.</i>	<i>Vou para escola.</i>	<i>Eu vim para a escola.</i>	<i>Tomo café, olho desenho e brinco.</i>	<i>Tomo café, olho desenho.</i>
T A R D E	<i>Vou pro projeto Anjos e Querubins.</i>	<i>Almoço e brinco, aí depois tomo café.</i>	<i>Almoço, vou brincar.</i>	<i>Tomo café.</i>	<i>Eu brinquei com a minha irmã.</i>	<i>Eu estudei.</i>	<i>Vou pro projeto Anjos e Querubins.</i>
N O I T E	<i>Faço o tema se eu tiver, se eu não tiver ajudo a mãe.</i>	<i>Eu vou para Igreja Universal.</i>	<i>Eu olho novela.</i>	<i>Eu brinco se eu não tiver nada para fazer.</i>	<i>Eu brinco e vi meu caderno e estudei.</i>	<i>Estudei. Depois eu jantei e olhei novela.</i>	<i>Eu ajudo o meu sobrinho e ajudo a minha mãe.</i>

Quadro 28 – “Estudo e jogo vídeo game” (Amanda – 11 anos)

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
M A N H Ã	<i>Estudar na escola.</i>	<i>Eu estudo na escola.</i>	<i>Eu estudo na escola.</i>	<i>Eu estudo na escola.</i>	<i>Estudo na escola e olho Tv.</i>	<i>Fui na casa da minha vó.</i>	<i>Fui na casa da minha amiga.</i>
T A R D E	<i>Ajudo minha mãe, brinco de colégio com a minha irmã.</i>	<i>Brinco de casinha, de colégio com minha irmã.</i>	<i>Brinco, olho Tv.</i>	<i>Arrumo a casa e depois saio.</i>	<i>Brinco na casa da minha tia</i>	<i>Brinquei na casa da minha vó.</i>	<i>Brinquei na casa da minha amiga.</i>
N O I T E	<i>Estudo, jogo vídeo game.</i>	<i>Estudo, brinco e jogo vídeo game.</i>	<i>Estudo, olho Tv e brinco.</i>	<i>Estudo e olho Tv e brinco de vídeo game.</i>	<i>Estudo e olho Tv. Brinco e jogo vídeo game.</i>	<i>Fiz os temas e joguei vídeo game.</i>	<i>Joguei vídeo game e brinquei com minha irmã.</i>

O segundo momento consistiu em pedir às crianças que desenhassem o trajeto que percorrem de casa até a escola. Nestes desenhos foi possível identificar alguns aspectos importantes, como a localização da casa – longe/próxima – à escola, de que maneira os alunos vêm para a escola, quais são os companheiros (família, amigos) e também sobre os lugares mais lembrados pelas crianças no próprio bairro, como posto de saúde, escola, igreja, pracinha.

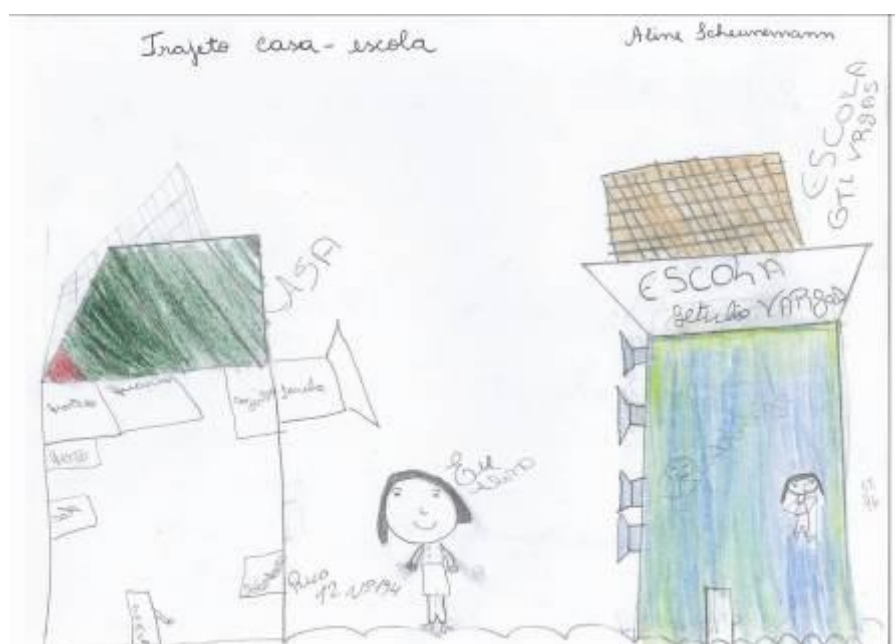


Figura 1: Casa, escola, rua com alguns elementos



Figura 2: Ruas, casas, árvores

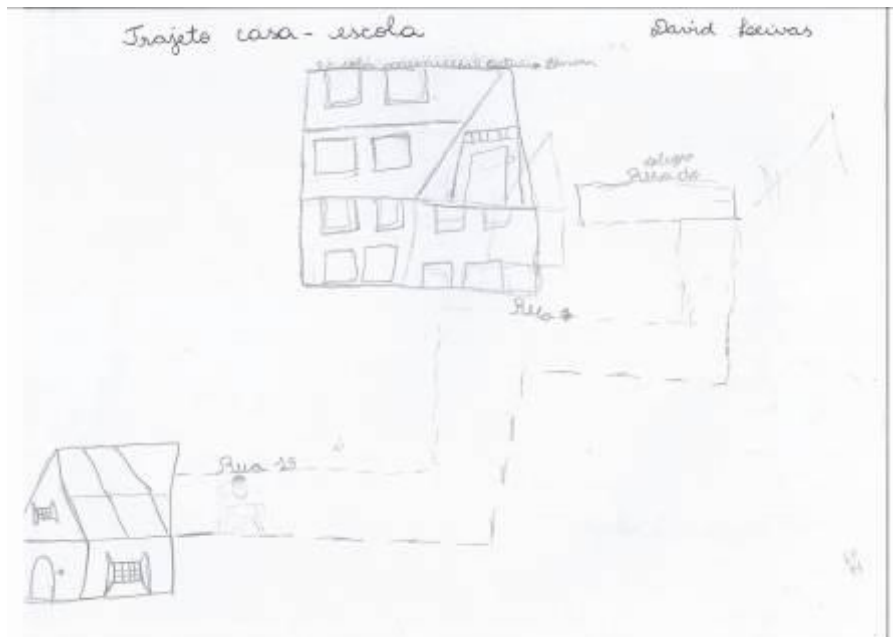


Figura 3: Casa, rua, colégio

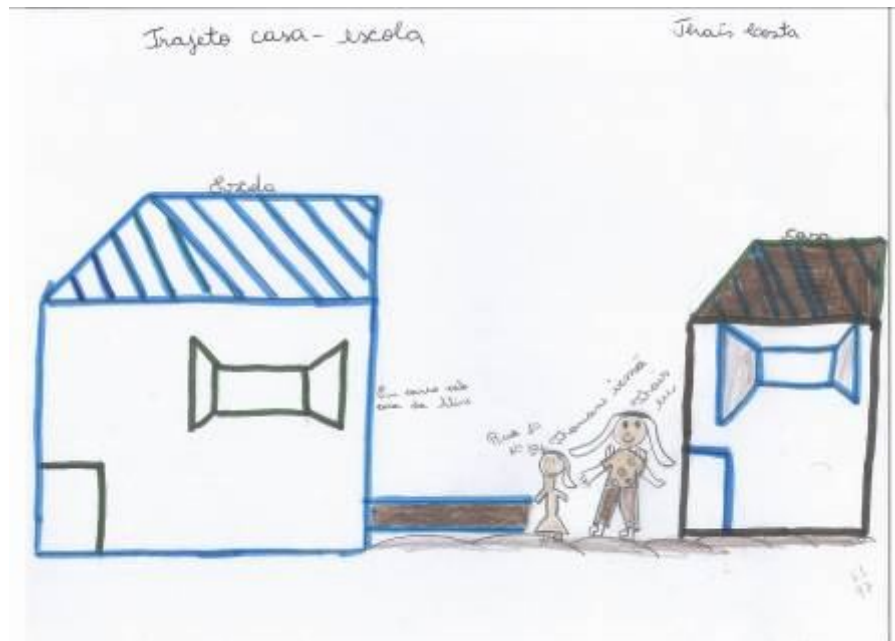


Figura 4: Trajeto em companhia

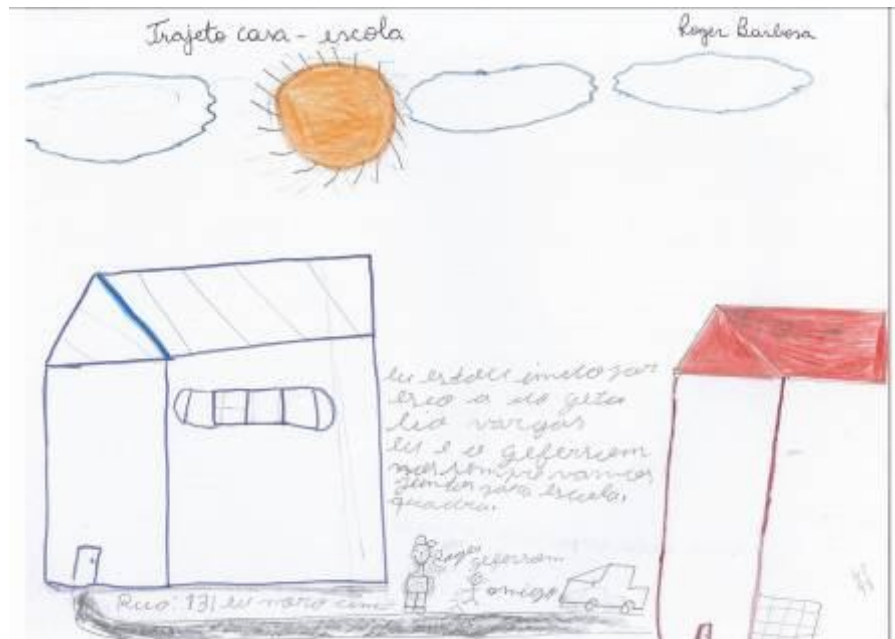


Figura 5: Casas, escola, companheiros do trajeto



Figura 6: O trajeto com os amigos



Figura 7: Caminhar, praça, sol

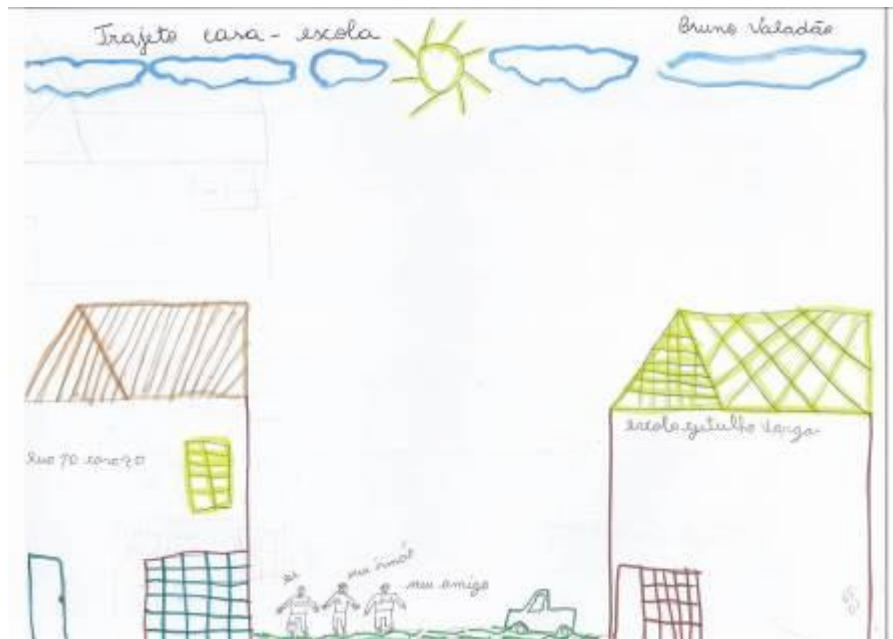


Figura 8: Trajeto com os amigos



Figura 9: Quadras que marcam o trajeto

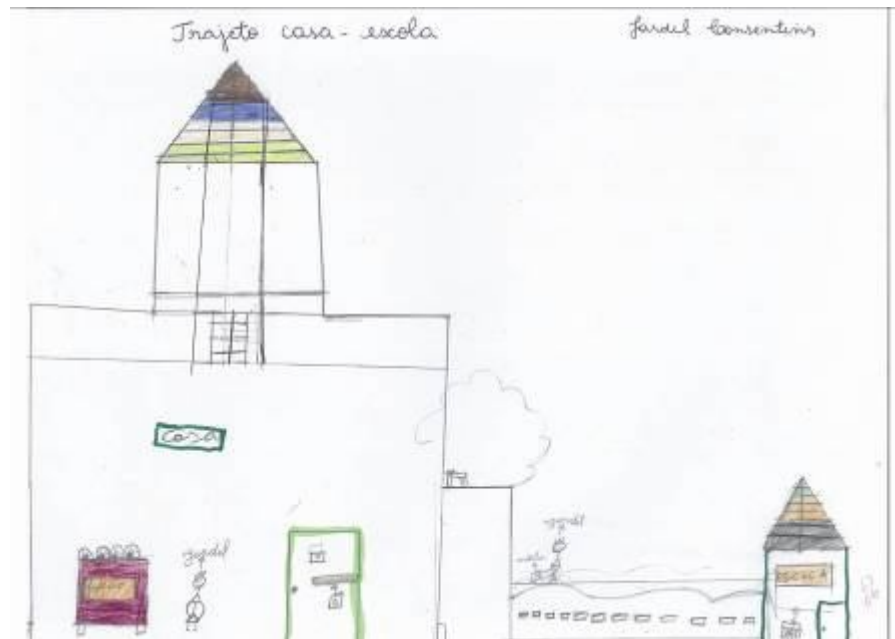


Figura 10: A casa enorme



Figura 11: Casa, escola, comércios do local



Figura 12: Passar na casa dos amigos



Figura 13: Casas, vendas, escola

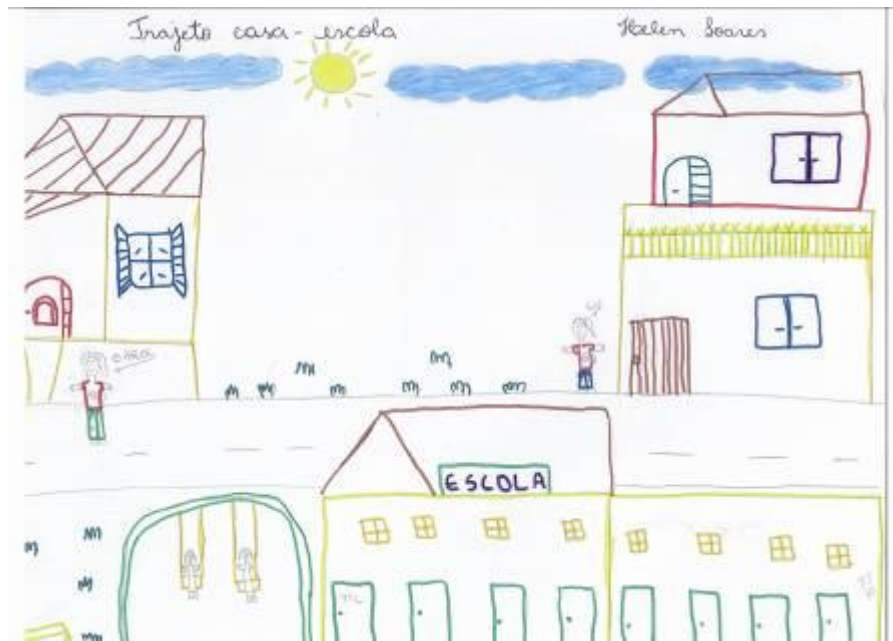


Figura 14: Praça, escola, casas



Figura 15: Escola, muro, amigos



Figura 16: Coração, casa, escola



Figura 17: Casa, escola, parceiros

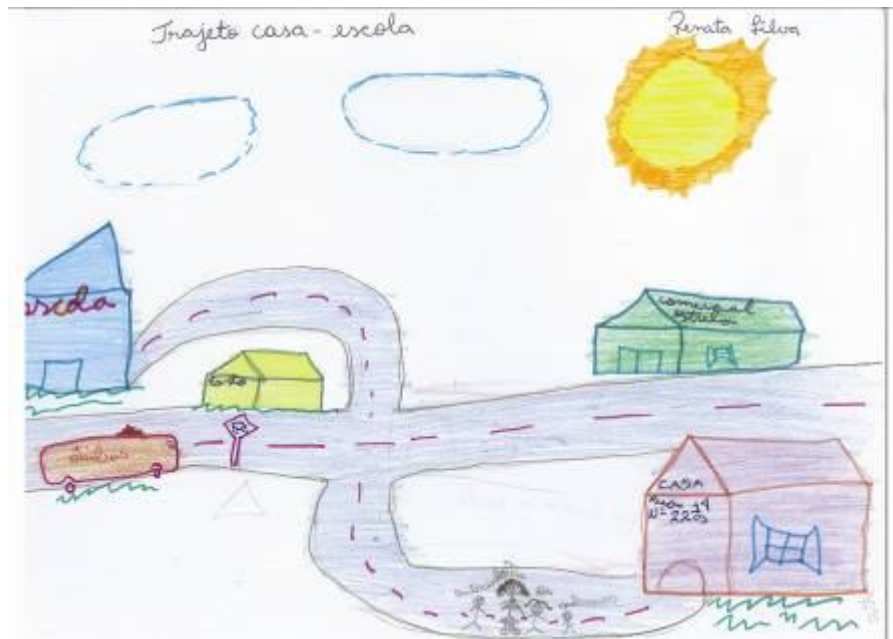


Figura 18: ônibus, caminhos que levam à escola

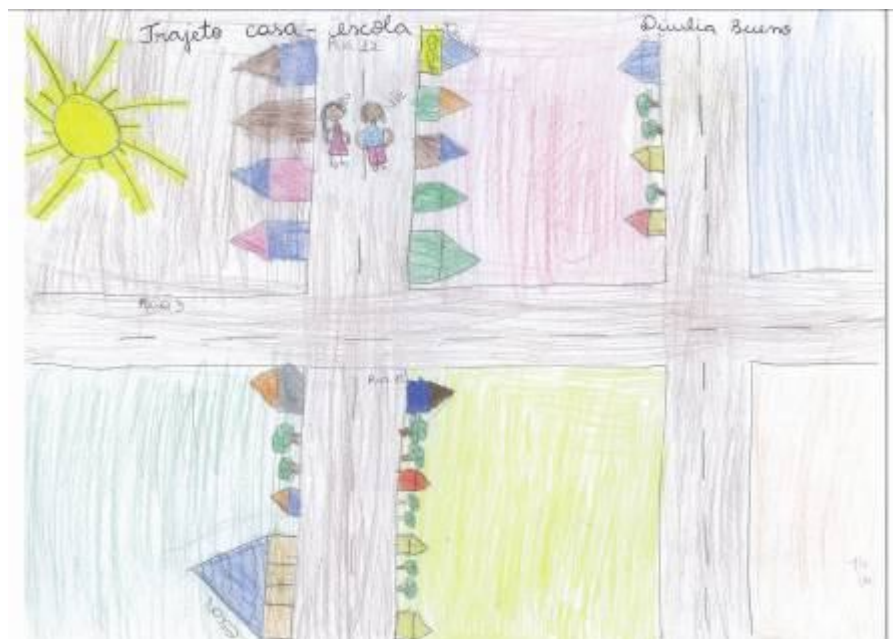


Figura 19: Casas espelhadas no trajeto



Figura 20: Brincadeiras no trajeto



Figura 21: Para onde leva o caminho

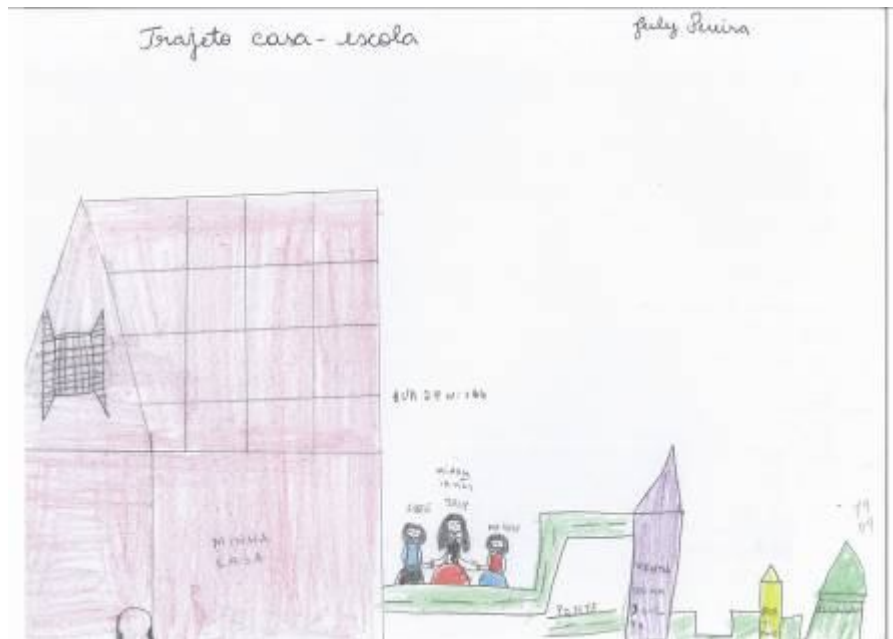


Figura 22: Minha casa, venda, escola

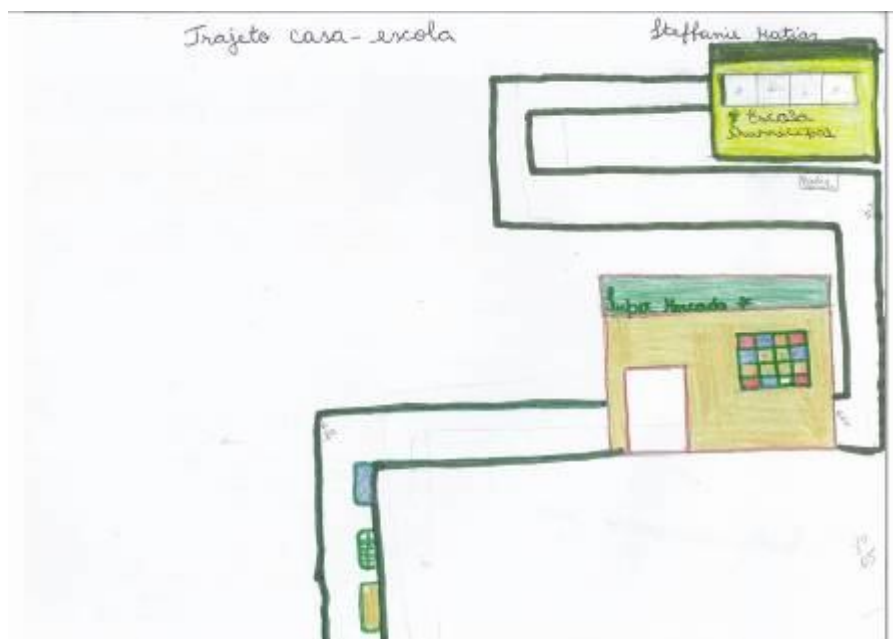


Figura 23: Escola, supermercado, casas

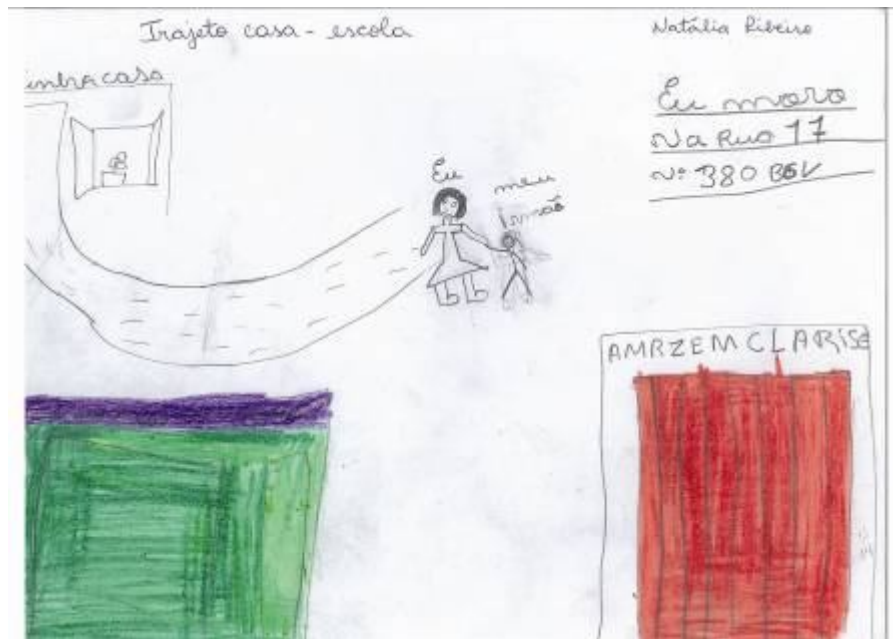


Figura 24: Casa, escola, trajeto com os irmãos

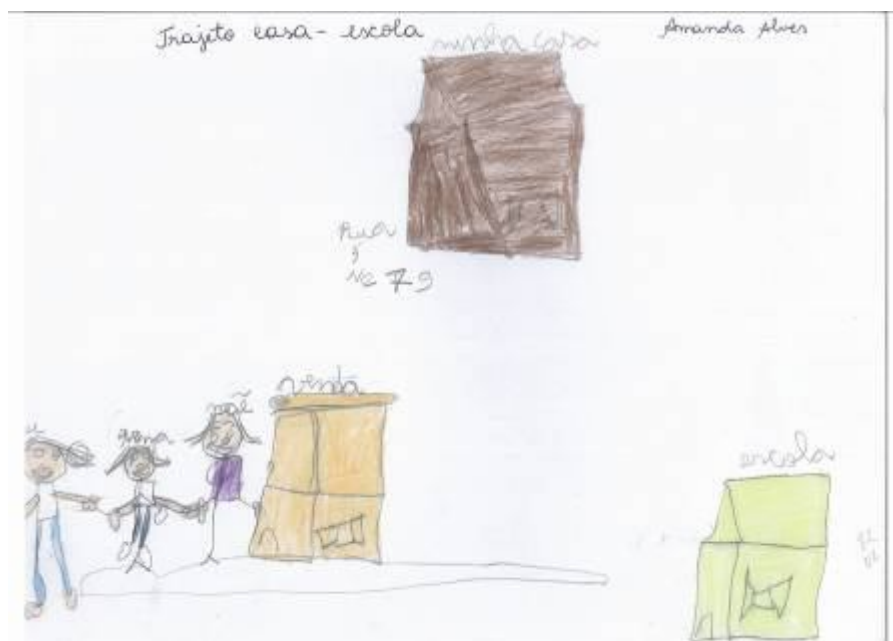


Figura 25: Casas da rua 3

O terceiro momento do trabalho de campo surgiu do interesse das crianças em conhecer meus professores da faculdade - “os professores da professora”, e eles sugeriram se apresentar, em forma de desenho e também escrita, aos meus professores. Os aspectos físicos não entraram na lista de prioridades do texto escrito, ao contrário, a maioria das crianças optou por descrever suas qualidades e/ou defeitos, suas preferências (o que mais gostam de fazer, comer, brincar). Os desenhos da maioria sobre si foram bem fiéis ao real. Isto pôde revelar sobre a intimidade de cada criança, seus gostos e preferências mais íntimos, mostrados pelo desenho e pela escrita.

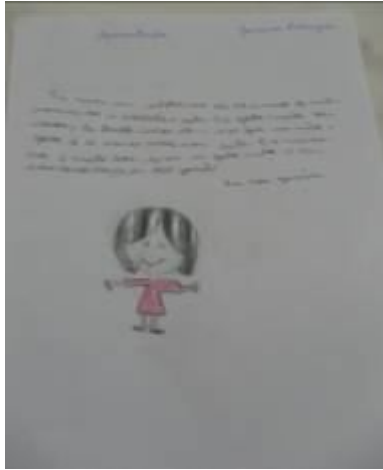
“Oi gente, meu nome é Natali! Eu queria que vocês soubessem o meu jeito de ser. Eu chego em casa do colégio e almoço e depois arrumo a casa e vou brincar de pular corda e colocar a corda na árvore, pular, correr, concurso de dança e jogo futebol” (Natali).



“Eu tenho 11 anos gosto de brincar de pega-pega e de esconde-esconde mas o que eu não gosto é de comer sopa. E o que eu gosto é de comer doces é uma delícia. Também gosto de estudar para que eu seja alguém na vida. Eu quero ser advogada ou veterinária para poder ajudar os cachorrinhos. Moro em Pelotas gosto muito de morar aqui tenho orgulho da minha cidade mas tem gente que não valoriza o que tem” (Helen).



“Eu gosto muito de estudar, eu tenho livros e gosto de ler jornal a tarde” (Janaína).



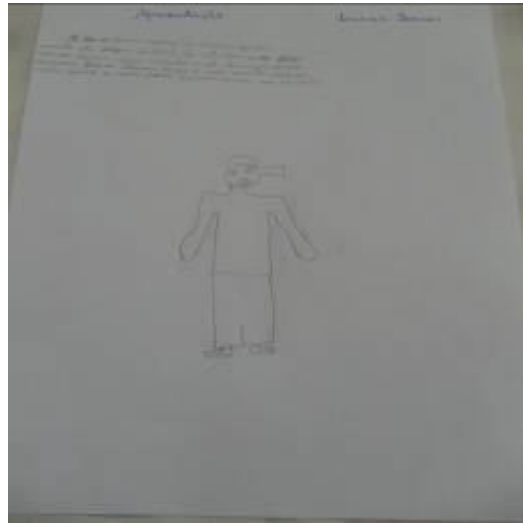
“Eu sou a Carolina tenho 9 anos. Eu não uso cabelo solto só com colinha e não faço trança. A coisa que eu não gosto mesmo é leite puro eu só tomo com Nescau. Eu gosto de estudar eu tenho muitos livros e leio para aprender mais a ler” (Carolina).



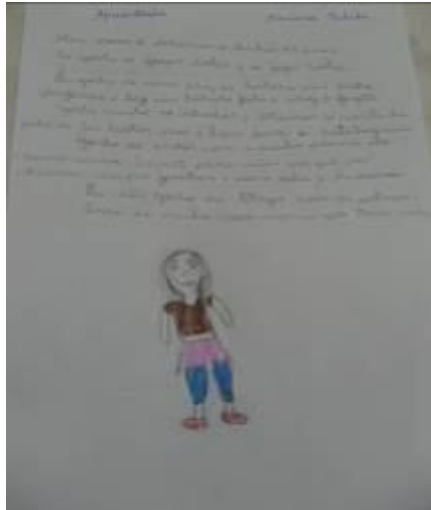
“Eu gosto de brincar com as minhas irmãs eu sou bem comportada gosto de laranja, banana, maçã, etc. Eu amo minha professora, meus pais, minhas irmãs. Eu gosto de usar vestido, calça, saia. Gosto de ver tv e filmes de terror” (Jennifer).



“Olá, meu nome é Lucas gosto muito de jogar futebol de estudar e fazer várias coisas como brincar, mas primeiro faço os temas limpo o quarto desligo o videogame e saio para me divertir” (Lucas).



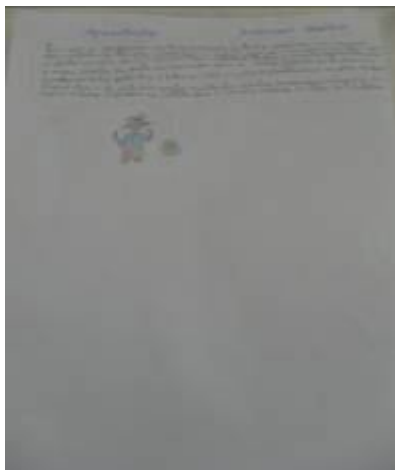
“Meu nome é Mariana eu tenho 11 anos, gosto de comer arroz com leite e meu prato preferido é bife com batata frita, arroz e feijão. Eu não gosto de brigar com os outros” (Mariana).



“Eu tenho muitos amigos e me acho legal. Eu adoro a minha mãe muito. Eu vou estudar até quando eu tiver filhos e ter um bom trabalho e ser uma boa mãe” (Welen).



“Eu sou o Anderson eu tenho 11 anos eu tenho horror que me acorde principalmente aos sábados e domingos eu uso boné eu sou repper e gosto muito de hip hop. Eu sou moreno e tenho o cabelo crespo odeio o meu cabelo. Eu tenho um cavalo, galinha e galo eu sou muito trabalhador. Gosto muito da minha professora. Adoro amendoim, odeio repolho com costelinha, eu adoro andar de bicicleta” (Anderson).



“Eu nasci em Pedro Osório e tenho 10 anos. Eu moro no Getúlio Vargas eu uso touca marrom e sou meio moreno e então você me imagina” (Robson).



No quarto momento realizamos os desenhos das brincadeiras prediletas de cada um. Esta atividade permitiu delimitar as brincadeiras mais lembradas, onde costumam brincar (casa/rua) e quem são os parceiros/companheiros das brincadeiras. Possibilitou também verificar a relação brincadeira/gênero, ou seja, quais eram as brincadeiras das meninas e dos meninos.

Quadro 29 – Sistematização das brincadeiras preferidas das crianças

	Sapata	Vôlei	Futebol	Pipa	Corda	Esconder	Balanço	V.game	Casinha
Natali	X	X	X						
Robson			X						
Jardel			X						
Thaís			X						
Roger				X					
Amanda	X				X				X
Welen	X					X	X		
Diulia			X						
Steffanie		X							
Carolina	X						X		X
Mariana	X		X		X				
Helen	X				X	X	X		
Aline	X				X				X
July	X								
Janaina					X	X	X		
Renata	X	X							
Bruno				X					
Anderson			X						
Jennifer B.	X	X							
David			X						
André			X						
Viviane		X					X	X	
Jennifer S.	X	X				X	X	X	X
Lucas			X						
Natália	X	X						X	



Figura 51: Sapata, vôlei, balanço.



Figura 52: Quadra de futebol.

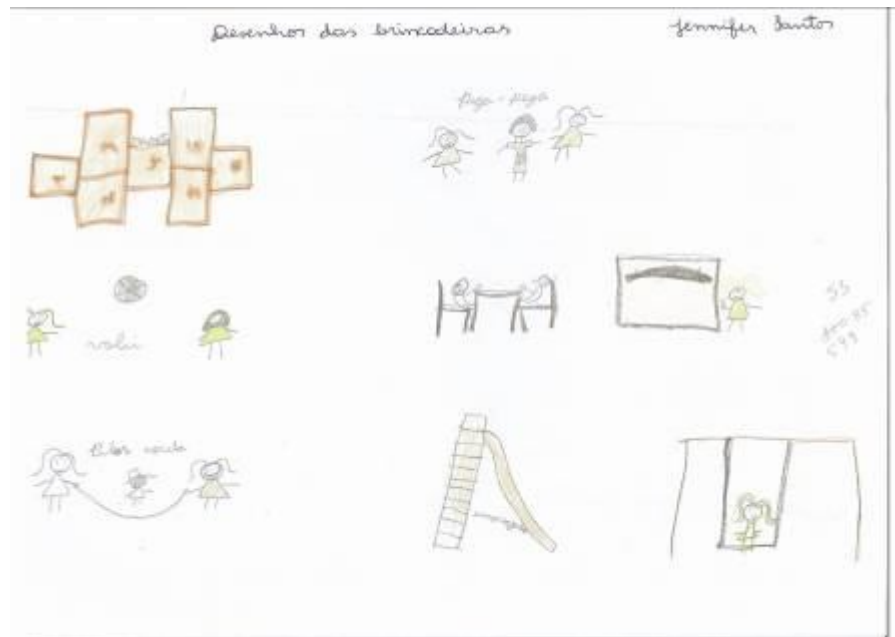


Figura 53: Sapata, vôlei, pega-pega, pracinha.

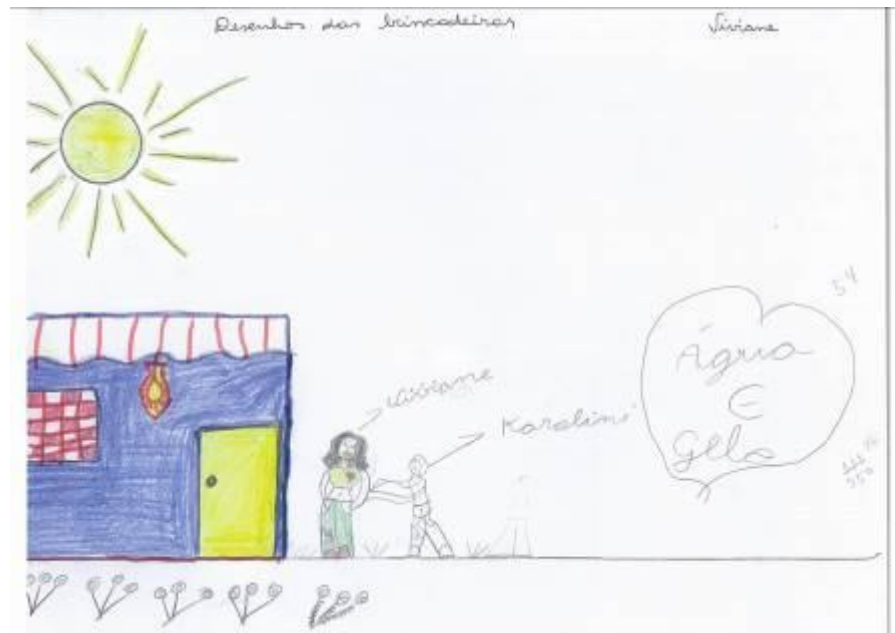


Figura 54: Água e gelo.

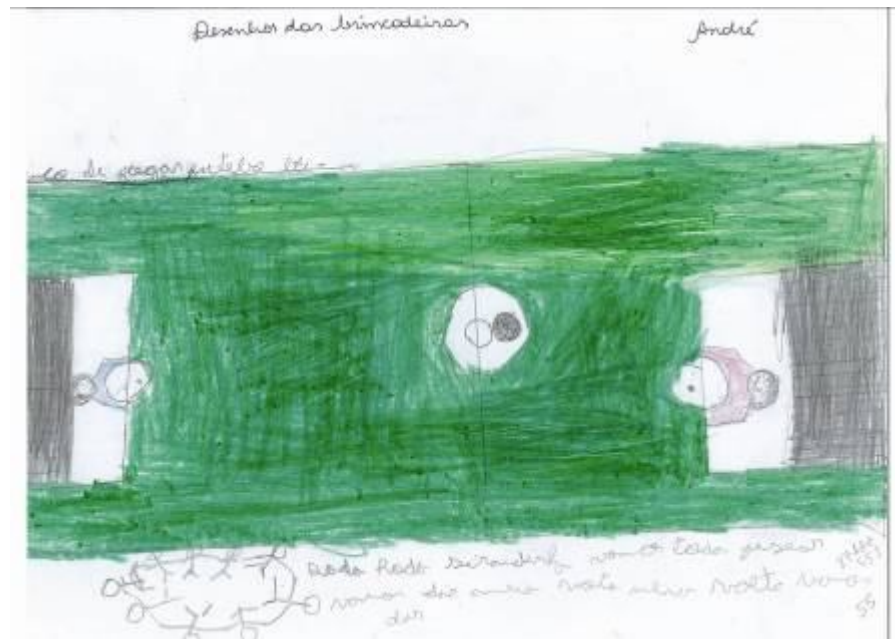


Figura 55: Futebol.

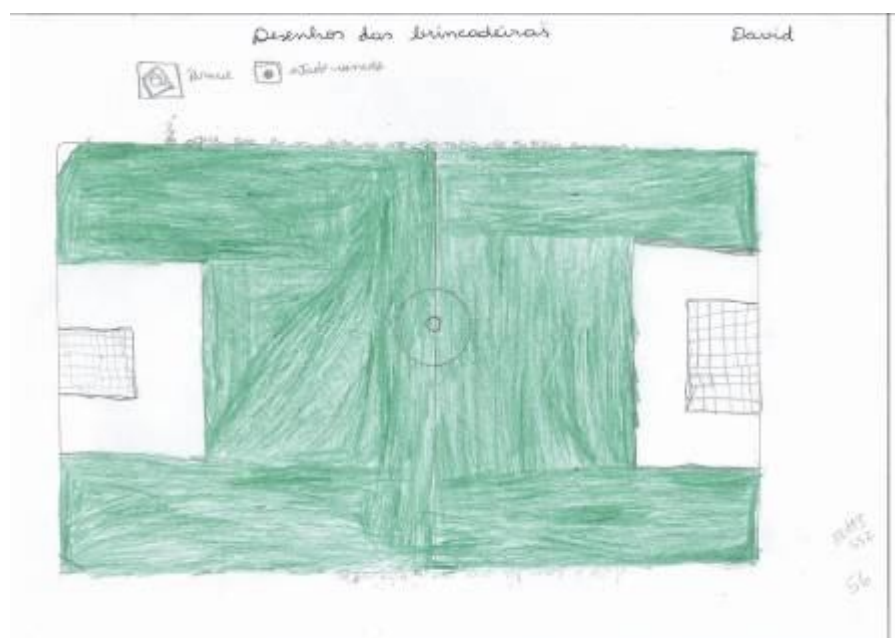


Figura 56: Futebol.



Figura 57: Sapata, vôlei, pega-pega.

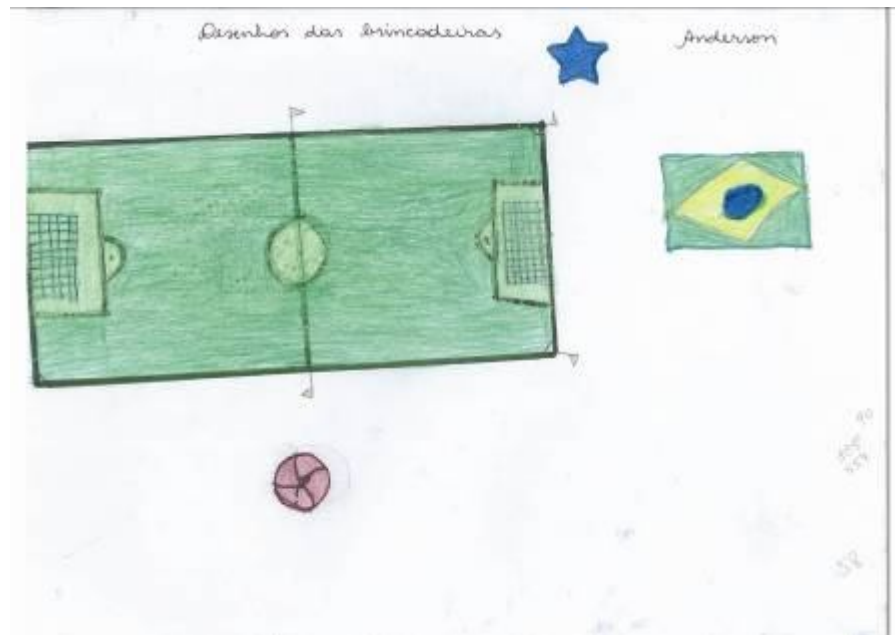


Figura 58: Futebol.

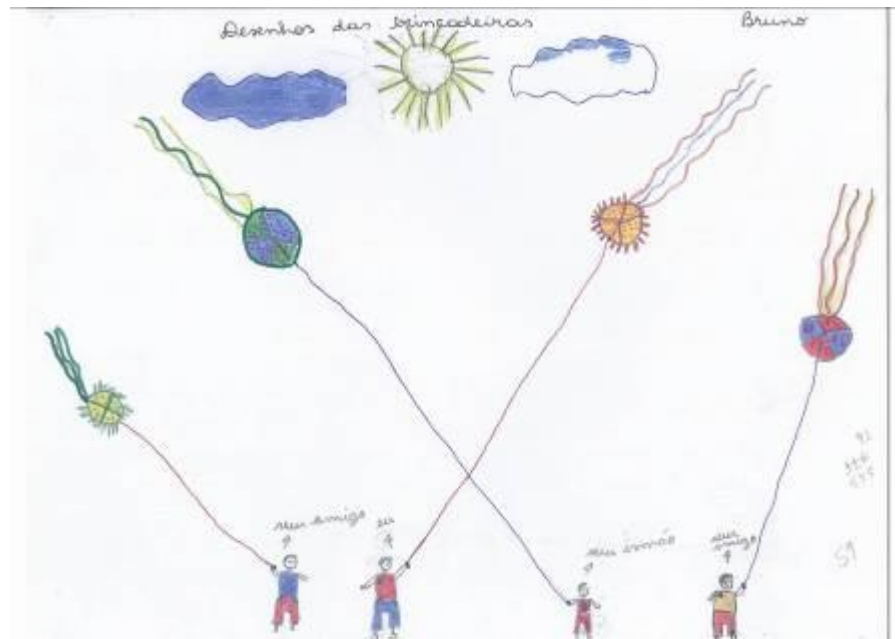


Figura 59: Soltando pipa ... dando asas à imaginação.



Figura 60: Vôlei, sapata.



Figura 61: Pular corda, pracinha.

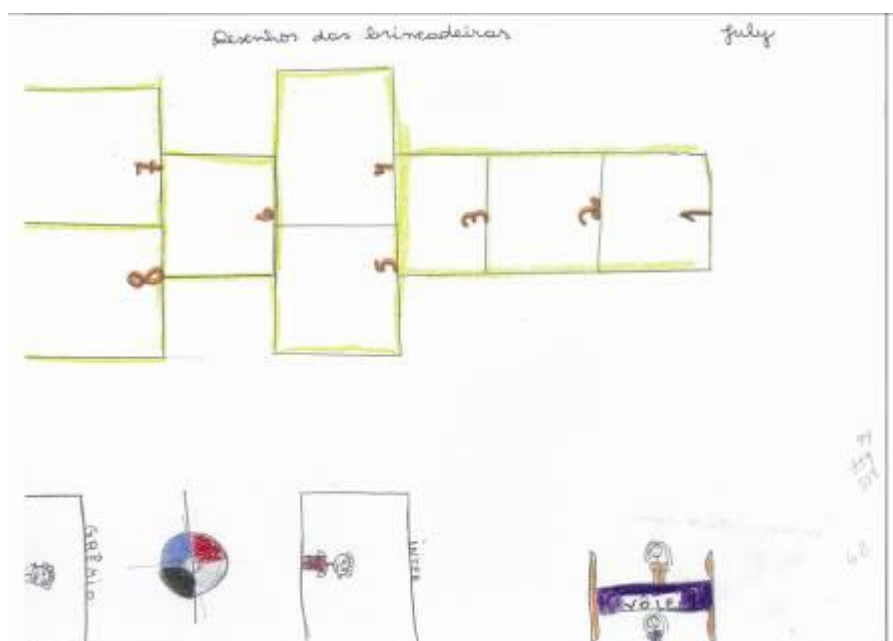


Figura 62: Sapata, futebol, vôlei.

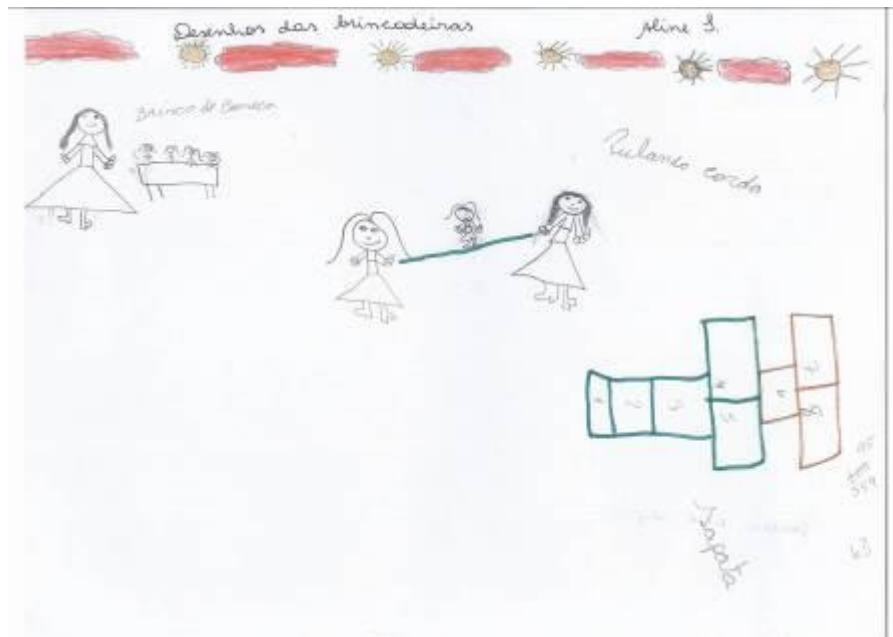


Figura 63: Boneca, corda, sapata.

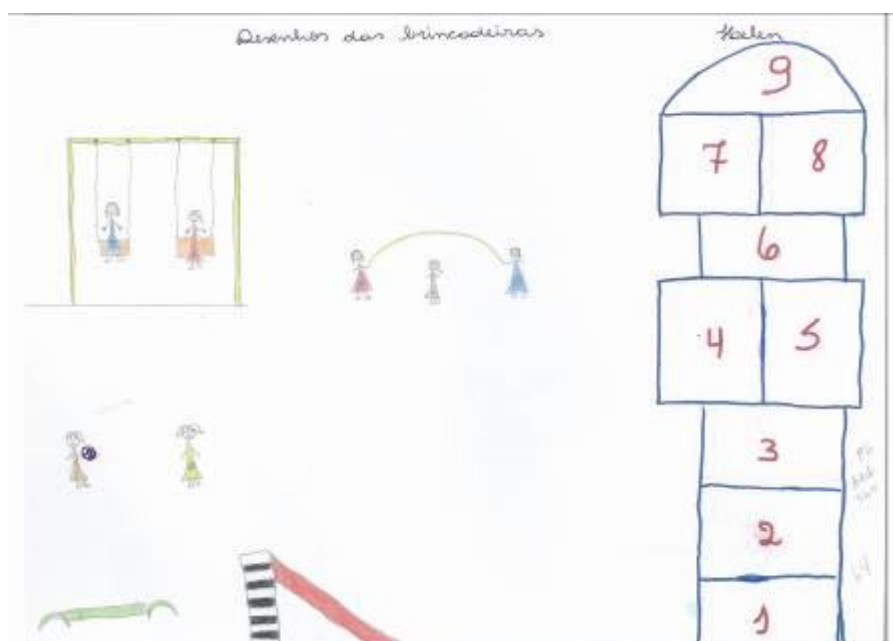


Figura 64: Sapata, pracinha.

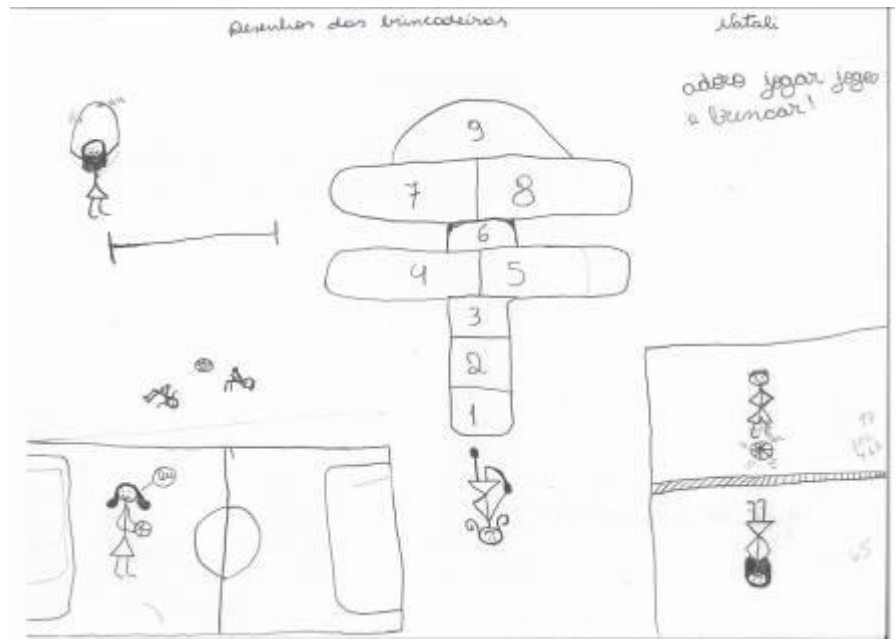


Figura 65: Jogos com bola, sapata, pracinha.



Figura 66: Futebol.

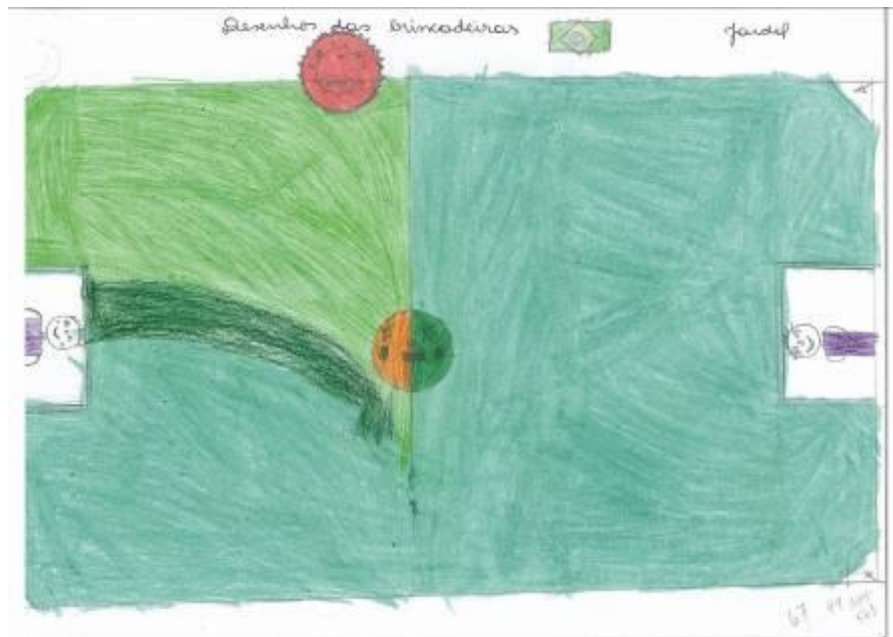


Figura 67: Futebol.

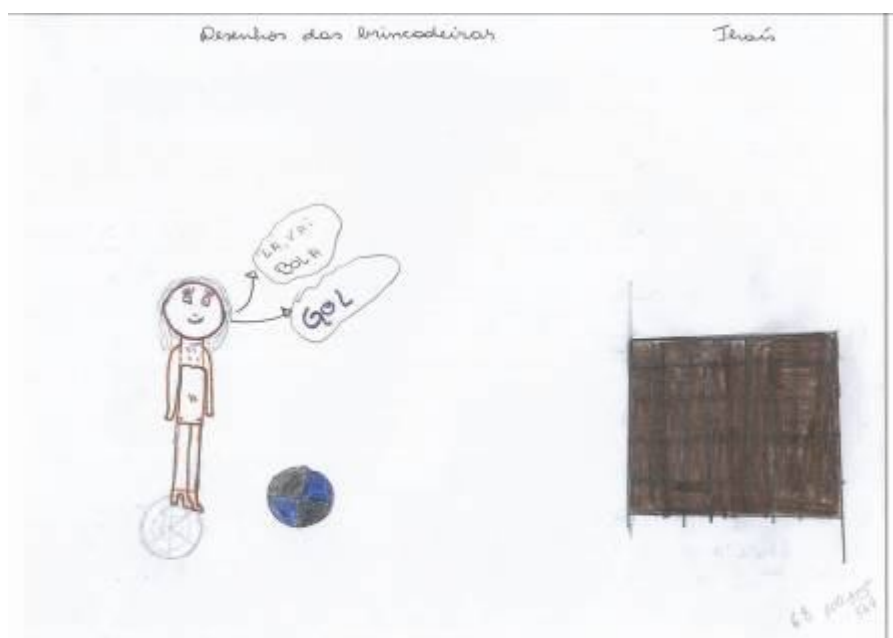


Figura 68: Chute à gol.



Figura 69: Soltando pipa.

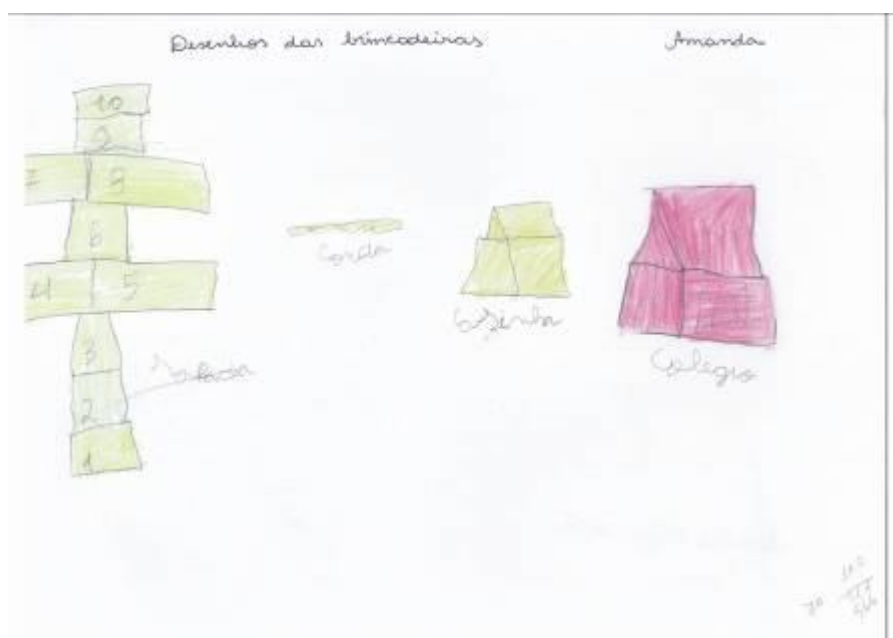


Figura 70: Casinha, colégio, sapata.

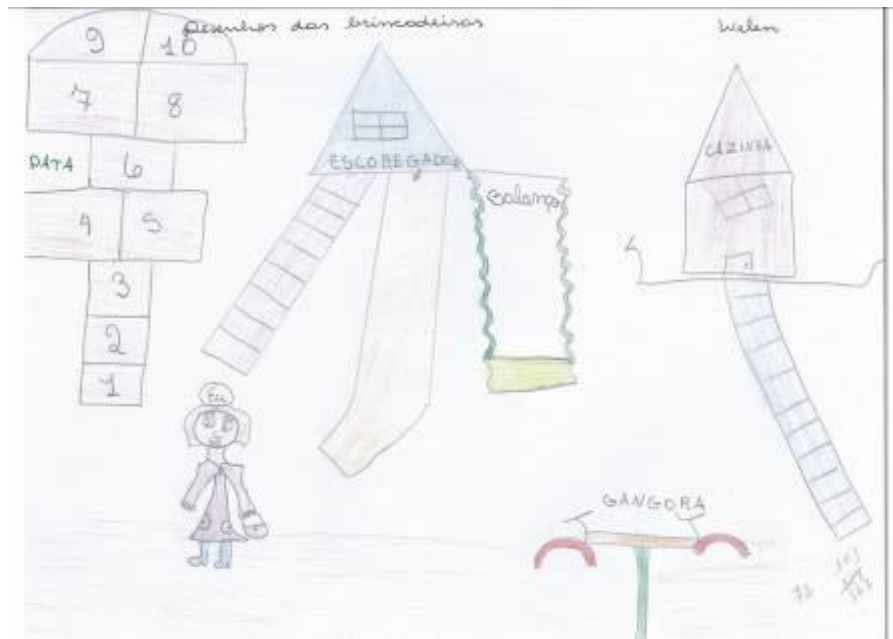


Figura 71: Sapata, pracinha, casinha.

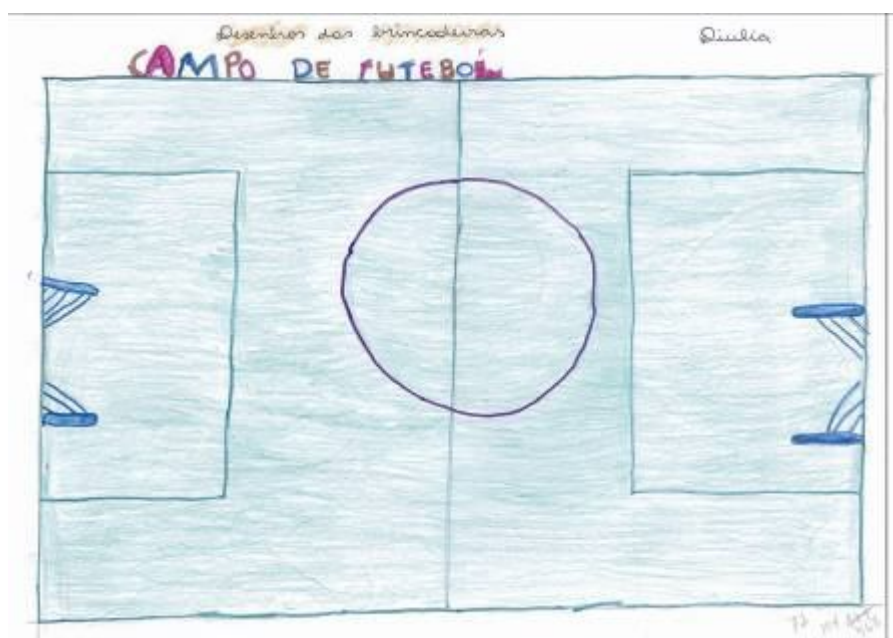


Figura 72: Futebol.

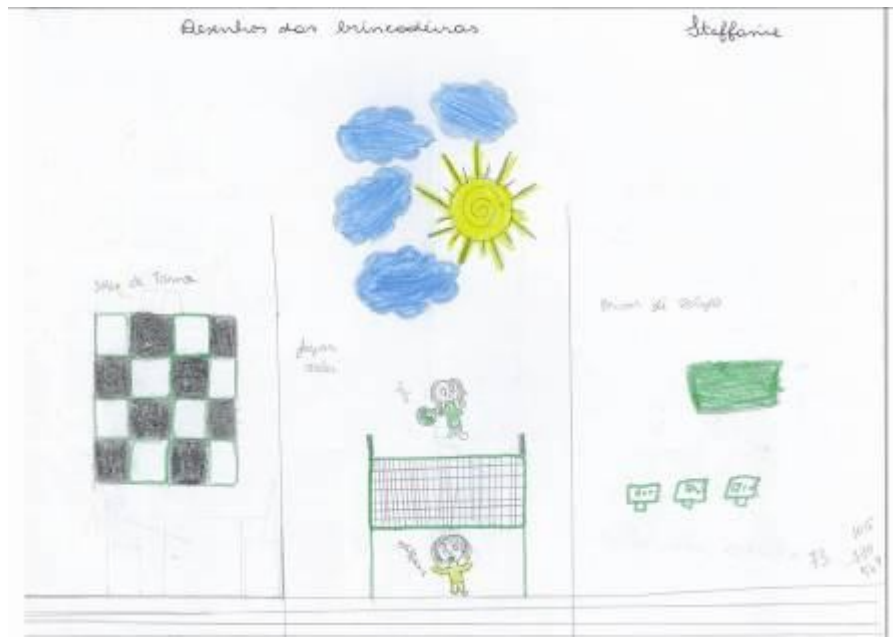


Figura 73: Jogo de dama, vôlei, colégio.

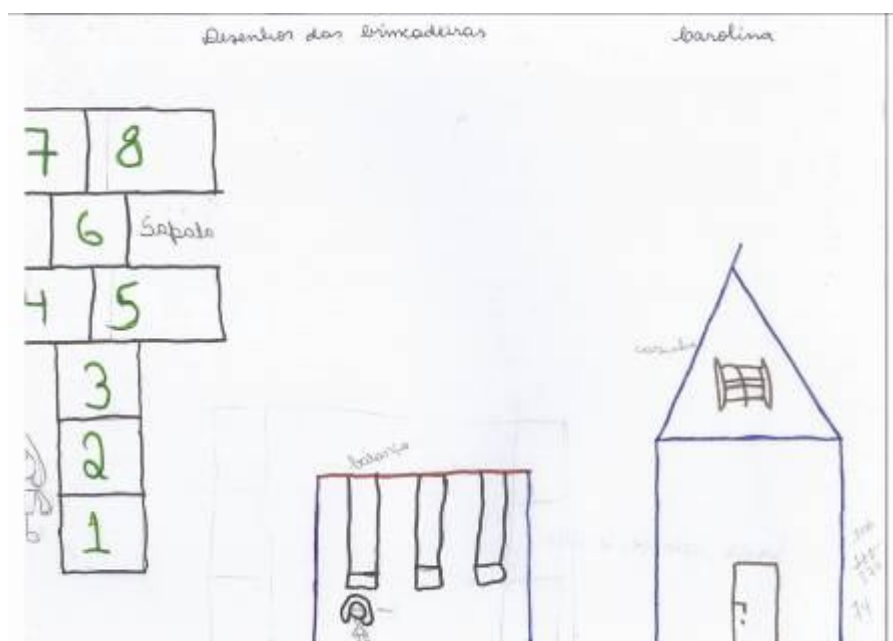


Figura 74: Sapata, balanço, casinha.

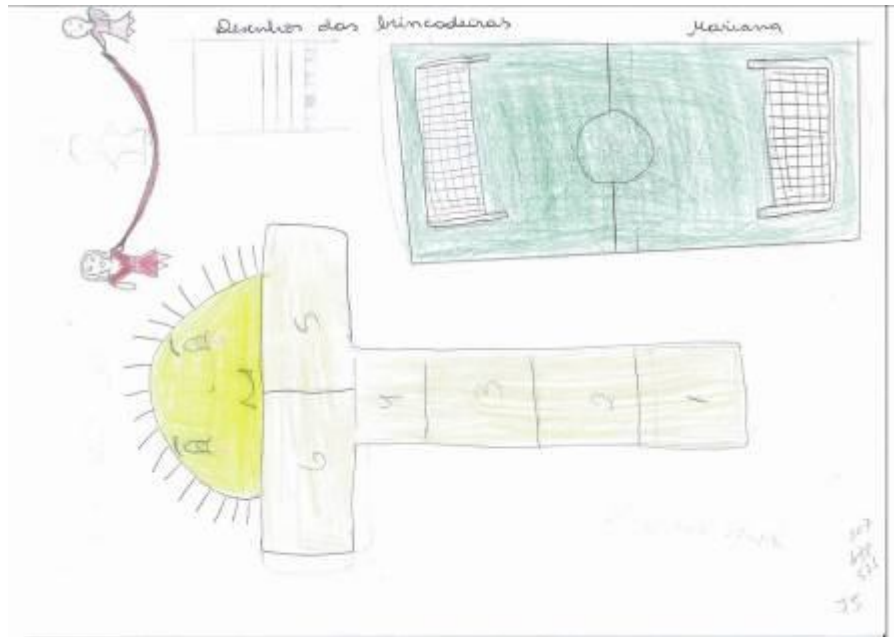


Figura 75: Sapata, corda, futebol.

O quinto encontro permitiu registrar as preocupações, ideias, reflexões das crianças acerca de sua condição infantil e das infâncias de um modo geral, pois realizaram o trabalho intitulado “Para que o mundo das crianças fosse melhor, eu inventaria...”, no qual muitos criaram máquinas para resolver alguns problemas que julgam merecer atenção especial. A criatividade, experiência e expressão dos alunos foram bastante evidenciadas neste trabalho.



Figura 76: Máquina para cuidar da natureza.

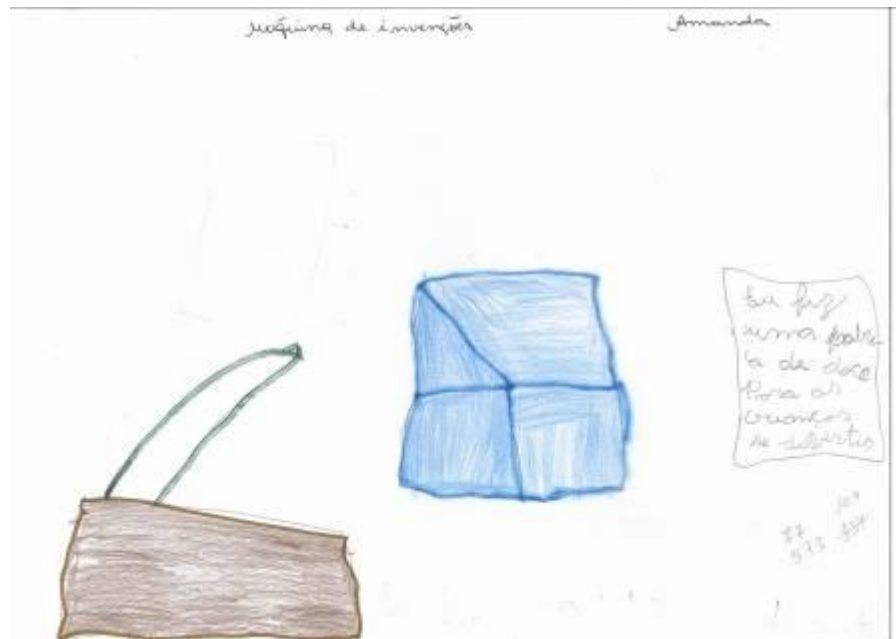


Figura 77: Uma fábrica e doces.



Figura 78: Uma máquina para não ter mais assaltos e brigas, e ter mais amizade e paz.

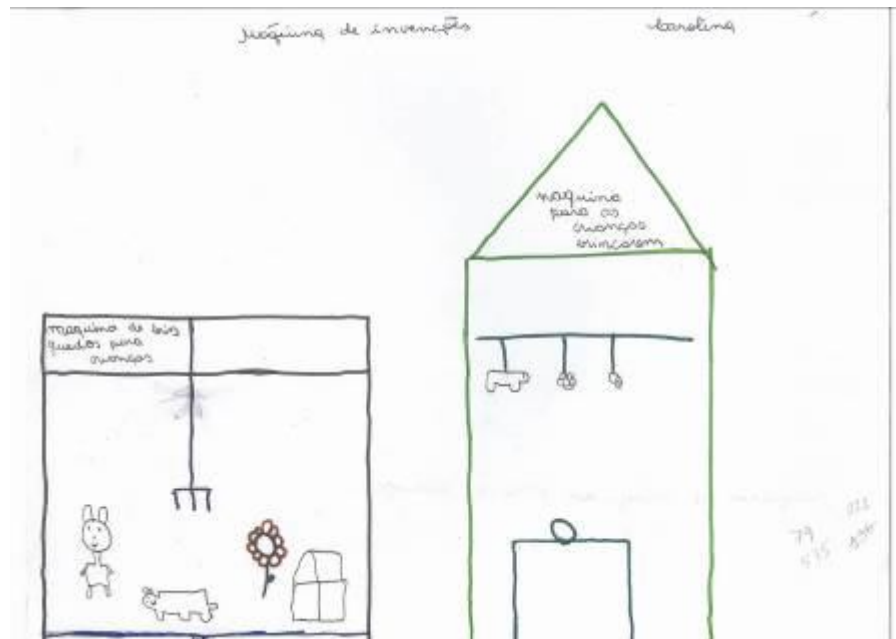


Figura 79: Máquinas de brinquedos para crianças.



Figura 80: Máquina de fazer sorvetes para as crianças.



Figura 81: Uma casa para toda as crianças.



Figura 82: Uma máquina de fazer as crianças ficarem felizes.
Porque não existiriam brigas, ódio, rancor, maldades.

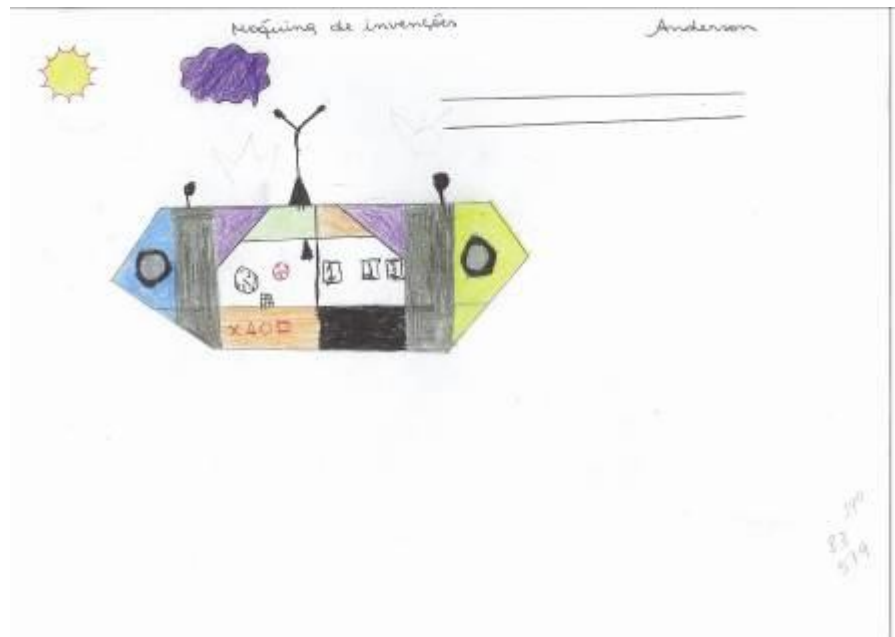


Figura 83



Figura 84: Máquina de fazer lugares bonitos.



Figura 85: Máquina de fazer crianças felizes.

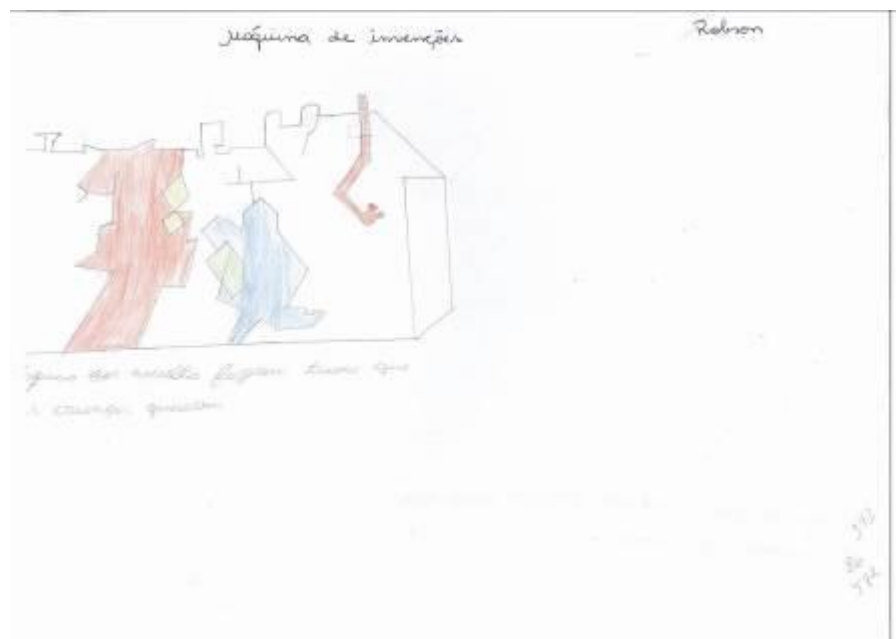


Figura 86: Máquina para os adultos fazerem tudo que as crianças quiserem.

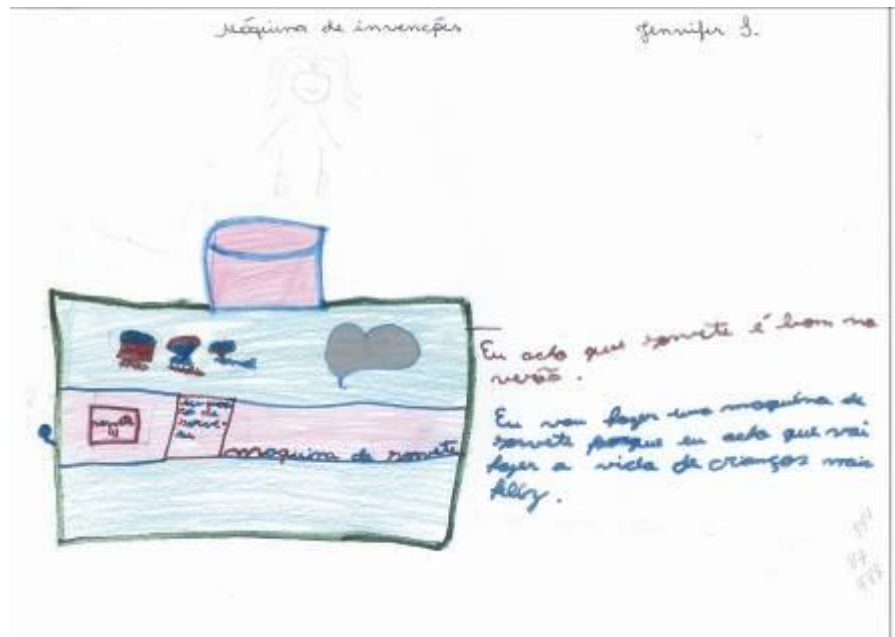


Figura 87: Máquina de sorvete, porque sorvete é bom no verão.

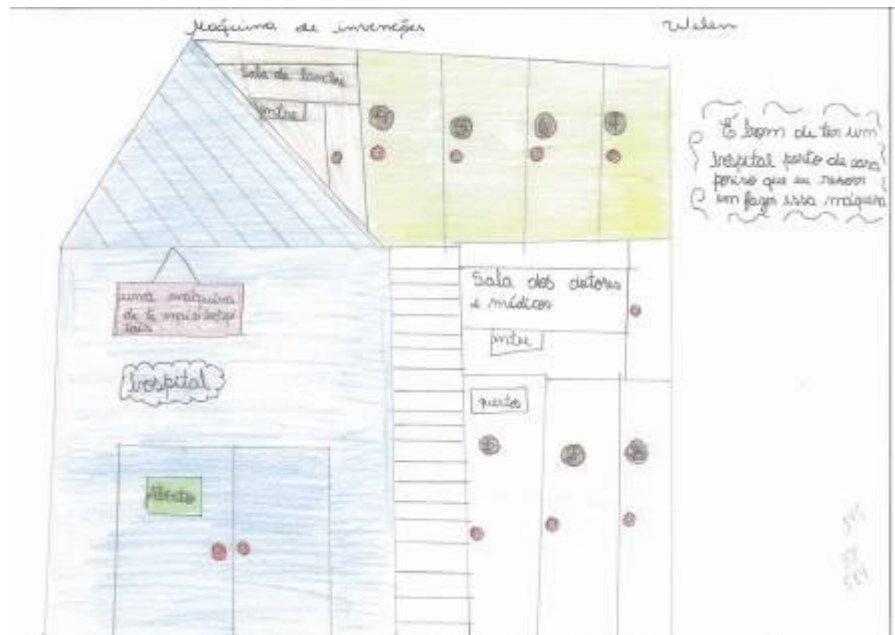


Figura 88: Uma máquina de ter mais hospitais.

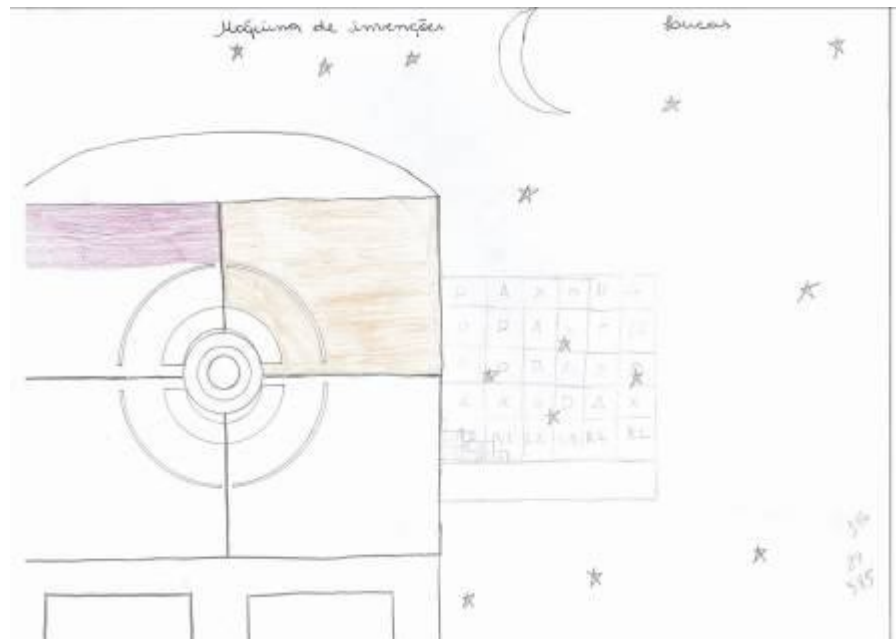


Figura 89

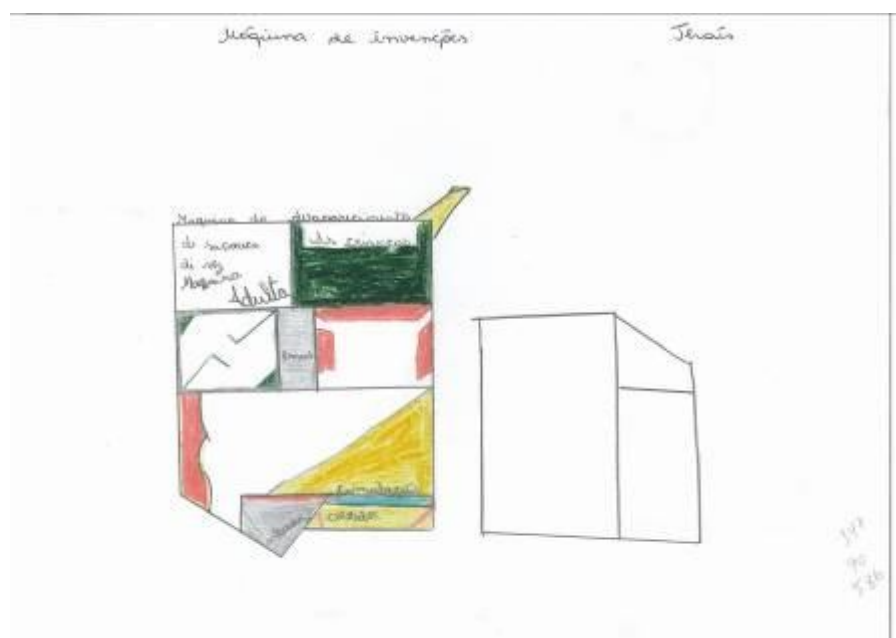


Figura 90: Máquina de desaparecer.

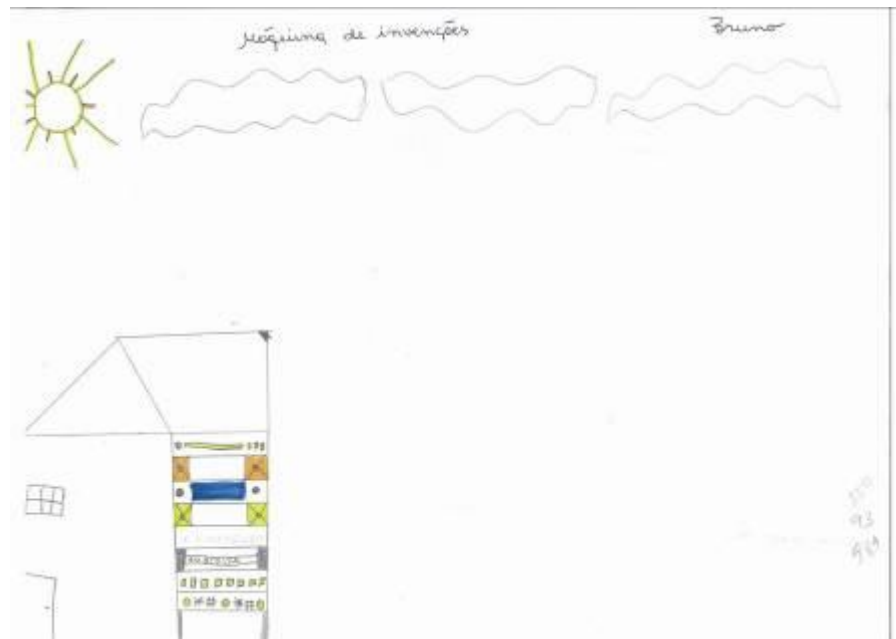


Figura 93



Figura 94: Máquina do tempo para os adultos sumirem da face da Terra.



Figura 95: Uma casa só para crianças.

O problema de pesquisa está centrado em compreender, a partir do que falam, escrevem, desenham, silenciam, fazem, expressam, representam as próprias crianças, como narram as infâncias vividas no lugar/tempo/espço que as une. O estudo busca investigar sobre as rotinas dessas infâncias, a partir das vozes das crianças, em meio às realidades vividas por cada uma delas.

Contudo, foi preciso “ajustar o foco” da investigação, pois embora muitos questionamentos possam ser apontados no que diz respeito à infância, esta pesquisa debruçou-se no desafio de compreender melhor as infâncias das crianças com as quais convivo diariamente. Eles foram os interlocutores que constituíram as respostas das indagações que foram lançadas.

4 ARTIGO

Brincadeiras, espaços e tempos: as infâncias nas vozes das crianças

Carla Teixeira Coelho*

Márcio Xavier Bonorino Figueiredo**

Resumo

Este artigo apresenta uma pesquisa qualitativa realizada com uma turma vinte e cinco crianças (dezessete meninas e oito meninos), alunos da 4ª série do Ensino Fundamental de uma escola municipal na cidade de Pelotas (RS). A investigação buscou compreender como as crianças narram suas infâncias neste espaço social, bem como as rotinas que se apresentam no lugar/tempo/espaço das infâncias pesquisadas. As categorias *brincadeiras*, *espaços* e *tempos* foram captadas a partir de desenhos produzidos pelas crianças. Os desenhos permitiram conhecer os entornos sociais, culturais e familiares das crianças, no sentido de afirmá-las como portadoras e criadoras de cultura.

Palavras-chave: Infância. Brincadeiras. Espaços. Tempos.

Abstract

This article presents a qualitative research conducted with a group of twenty five children (seventeen girls and eight boys), students of the 4TH grade of municipal elementary school in the city of Pelotas (RS). The study aimed to understand how children narrate their childhood in this social space, as well as the routines that are present in the place / time / space of childhood surveyed. The categories *games*, *spaces* and *periods* were captured from drawings produced by the children. The drawings allowed us to know the social, cultural and family environments of children, in the sense of saying them as carriers and creators of culture.

Keywords: Childhood. Games. Spaces. Periods.

Introdução

Crianças sempre existiram independentemente das concepções que se tinham delas. A infância é um conceito de certa forma abstrato, mas que foi inventado num tempo histórico marcado por relações sociais, culturais entre as pessoas e suas relações com o mundo, mas só é possível considerar o conceito, a ideia de infância, a partir dos paradoxos em que se geram tais ideias, portanto essas mesmas contradições podem nos mostrar que não podemos conceber uma infância única, homogênea, uniforme para todas as crianças. Podemos dizer que os estudos atuais falam de infâncias ou de uma “infância plural” (MARTINS FILHO, 2006).

Alguns autores consideram a infância na pluralidade das suas configurações, fruto de variados contextos, situada nos lugares que as diferentes sociedades reservam para as crianças: infâncias múltiplas, diversificadas, constituídas em diferentes culturas, contextos sociais, tempos e espaços de vida.

As ideias de infância, sua representação simbólica, ou seja, os discursos por onde circulam as crianças, tiveram suas marcas maiores na sociedade moderna. A necessidade de educar esse “não cultivado, um ainda selvagem” (LARROSA, 2000, p.46) fez com que se institucionalizasse a infância em diferentes instâncias para melhor administrá-la. O surgimento e a permanência das escolas, bem como de asilos, hospitais e outros movimentos da sociedade, em nome de um discurso ora higienista, ora moralista, voltam-se para a recuperação e a estimulação da criança, preocupados com seu desenvolvimento e seu bem-estar.

O acesso à escola, a educação para todos principalmente para crianças de 7 a 14 anos e, mais recentemente, a preocupação sobre o período anterior, ou seja, dos 0 aos 6 anos, que passa a ser considerado como fundamental para o desenvolvimento das potencialidades do ser humano, fazem parte dessa administração simbólica da infância (REDIN; REDIN, 2008, p. 16).

Assim como alguns estudiosos, defendendo a ideia de que a infância é um campo que deve ser estudado numa perspectiva *multi* e *interdisciplinar*, porque desde sempre se tem adotado enfoques parciais e muito específicos, o que tornou a infância um objeto científico de análise afetado por visões redutoras, que não permitem discriminar a autonomia conceitual deste grupo geracional, nem analisar nas suas múltiplas dimensões a ação das crianças e a sua relação com os outros e com o mundo.

Del Priore, na sua apresentação ao livro *Histórias das crianças no Brasil*, nos traz alguns questionamentos sobre a infância:

O lugar das crianças na sociedade brasileira terá sido sempre o mesmo? Como terá a criança, passado do anonimato para a condição de cidadão com direitos e deveres aparentemente reconhecidos? Numa sociedade desigual e marcada por transformações culturais, teremos recepcionado, ao longo do tempo, nossas crianças da mesma forma? Sempre choramos do mesmo jeito sua perda? O que diferencia as crianças de hoje, daquelas que as antecederam no passado? (DEL PRIORE, 2009, p.8).

E mais, [...] “Instituições como as escolas, a Igreja, os asilos e as posteriores Febens, a legislação ou o próprio sistema econômico, fizeram com que milhares de crianças se transformassem precocemente em gente grande. Mas não só. Foi a voz dos adultos que registrou, ou calou, sobre a existência dos pequenos” (DEL PRIORE, 2009, p.14). Não há, contudo, dúvida de que muitas vezes o “não registrado” mal estar das crianças ante os adultos obrigou a repensar suas relações de responsabilidade para com a infância, originando uma nova consciência sobre os pequenos.

Uma invenção da modernidade

No dicionário, infância aparece como um período de crescimento que vai do nascimento até o ingresso na puberdade, por volta dos doze anos de idade.

Para o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA – 1990), trata-se de pessoa até 12 anos incompletos, enquanto entre os doze e dezoito anos, idade da maioridade civil, encontra-se a adolescência.

Segundo Frota (2007, p.147), etimologicamente a palavra infância vem do latim “*infantia*”, e refere-se ao indivíduo que não é capaz de falar. Essa incapacidade, atribuída à primeira infância, estende-se até os sete anos, que representaria a idade da razão. Percebe-se, no entanto, que a idade cronológica não é suficiente para caracterizar a infância.

Philippe Ariès (1978), famoso historiador francês, afirmou que a infância foi uma invenção da modernidade, constituindo-se numa categoria social construída recentemente na história da humanidade. Para ele, a emergência do sentimento de infância, como uma consciência da particularidade infantil, é decorrente de um longo processo histórico, não sendo uma herança natural. Essa sua afirmação trouxe grandes mudanças na compreensão da infância, já que ela era pensada como uma fase da vida como qualquer outra. Nos séculos XVI e XVII a concepção de infância era centrada na inocência e na fragilidade infantil. O século XVIII inaugurou a construção da infância moderna, assumindo o signo de liberdade, autonomia e a independência.

Para Khulmann (1998, p.16), infância tem um significado genérico e, como qualquer outra fase da vida, esse significado é em função das transformações sociais: toda sociedade tem seus sistemas de classes de idade e a cada uma delas é associado um sistema de status e de papel. A infância muda com o tempo e com os diferentes contextos sociais, econômicos, geográficos, com peculiaridades individuais.

No Brasil o cuidado com a infância parece ter realmente começado no século XIX, intensificando-se nos séculos seguintes. Hoje se estuda a criança e a infância como categorias construídas historicamente, o que nos abre possibilidade de compreendê-las de modo concreto, na sua expressão de vida.

As diferentes concepções existentes sobre a criança na contemporaneidade são peças imprescindíveis para comporem um quadro geral sobre a infância atual e necessitam serem conhecidas e compreendidas dentro do contexto no qual foram produzidas.

Tendo em conta estas concepções, o presente trabalho apresenta conclusões da pesquisa que realizei com a turma de 4ª série do Ensino Fundamental para a qual lecionava em 2009, com 25 crianças de 9 a 14 anos de idade, no município de Pelotas, Rio Grande do Sul, onde busquei entender, a partir das próprias crianças, como narram suas infâncias, bem como as rotinas que se apresentam no lugar/tempo/espço das infâncias pesquisadas. Para tanto, utilizei os desenhos das crianças como estratégia metodológica para o desenvolvimento da pesquisa. As vozes das crianças, entendidas como manifestações que não se restringem aos desenhos e relatos, foram interpretadas à luz dos referenciais existentes no campo das ciências sociais. As categorias de análise apreendidas através dos instrumentos de recolha de dados servem como elementos que articulam o olhar. Quais sejam: brincadeiras, espaços e tempos.

A pesquisa de caráter qualitativo iniciou em março de 2009, sendo incorporada ao trabalho pedagógico estabelecido com as crianças. As abordagens, discussões e experiências, foram propostas durante as aulas onde abrimos espaço na rotina para a realização da pesquisa.

A coleta de dados foi organizada a partir de propostas como desenhos e ensaios escritos, trabalhos realizados pelas crianças na sala de aula, e totalizaram cinco encontros, cada um deles com uma proposta inicial de discussão no grande grupo e, logo após, a realização dos trabalhos, que foram recolhidos ao fim de cada encontro.

O grupo foi escolhido por se tratar da turma de alunos para qual lecionava – uma turma de 4ª série do ensino fundamental, sendo vinte e cinco crianças – dezessete meninas e oito meninos, com idades entre 9 e 14 anos. Também foram escolhidos “[...] pelo fato de poderem se debruçar sobre um passado já experimentado para organizarem suas visões sobre a infância” (FISCHER, 2005, p. 2).

É fundamental conhecer as crianças para entender a sociedade nas suas contradições e complexidades e, logo, elas são as melhores fontes para o entendimento da infância, o que Pinto e Sarmento (1997, p.25) salientam:

O olhar das crianças permite revelar fenômenos sociais que o olhar dos adultos deixa na penumbra ou obscurece totalmente. Assim, interpretar as representações sociais das crianças pode ser não apenas um meio de acesso à infância como categoria social, mas às próprias estruturas e dinâmicas sociais que são desocultadas no discurso das crianças.

Estratégias metodológicas

Para captar a concepção de cada uma das crianças em relação às suas infâncias, foram desenvolvidos cinco encontros, cada um deles com uma proposta inicial de conversa e discussão no grande grupo e, após, o registro individual, que foi recolhido em todos os encontros.

O primeiro instrumento metodológico aplicado foi um ensaio escrito pelas crianças intitulado “Meu dia é assim...”¹, no qual deveriam escrever sobre o que fazem durante a semana, nos turnos manhã, tarde e noite. Este primeiro momento permitiu que fosse possível uma melhor compreensão do dia-a-dia das crianças, o que fazem fora da escola e nos finais de semana, quais são as atividades de lazer e com quem convivem diariamente.

Quadro 1 – Sistematização da atividade “Meu dia é assim...” (Manhã)

Manhã
Aspectos evidenciados: A rotina dos alunos é a escola, que aparece como “lugar de estudar e aprender”.
“Vou para a escola estudar e aprender” (Viviane). “Eu vou para a escola estudar porque se não eu não passo de ano” (Carolina). “Eu estudo na escola matemática, português, estudos sociais e muito mais” (Jennifer). “De manhã eu vou para a escola estudo brinco no recreio depois vou para dentro da sala” (Roger). “Eu venho para a escola estudar e para brincar no recreio” (Lucas). “Arrumo a minha cama. Tomo café. Me arrumo. Venho pro colégio estudar, chego do colégio brinco um pouco na rua” (Helen). “Eu levanto e arrumo as coisas da minha mochila, se não falta nada, daí vou pro colégio” (Steffanie).

¹ CAVA, Patrícia; WÜRDIG, Rogério. Entre a cultura escolar e a cultura da infância: um estudo sobre crianças num bairro da periferia de Pelotas. Relatório de Pesquisa. Pelotas: Faculdade de Educação, UFPel, 2003.

Quadro 2 – Sistematização da atividade “Meu dia é assim...” (Tarde)

Tarde
Aspectos evidenciados: Brincar na rua ou em casa, estudar e ajudar a mãe nos afazeres domésticos.
“A tarde eu pego o caderno e estudo e ajudo a minha mãe a lavar as louças” (Roger). “Eu vou para o campo para jogar bola com os meus amigos” (Lucas). “Eu arrumo a casa e depois olho televisão e dou água para os cachorros” (Steffanie). “Eu brinco de colégio com a minha colega” (Carolina). “Eu jogo bola de tarde depois que minha casa está arrumada” (Thaís). “Vou andar de bicicleta, vou jogar bola na rua” (Bruno). “Vou brincar na rua entro para casa tomo café e vou estudar para as provas” (Mariana). “Eu faço o meu tema, ajudo meu irmão nos temas e brinco” (Robson). “Eu vou no projeto, ajudo minha mãe em casa e busco minha irmã na creche” (David).

Quadro 3 – Sistematização da atividade “Meu dia é assim...” (Noite)

Noite
Aspectos evidenciados: Assistir televisão com os pais e/ou irmãos, arrumar o quarto para dormir. É um momento de estar com a família.
“Olho mais um pouco de televisão janto faço os temas brinco dentro de casa e tomo banho e me deito” (Helen). “Eu janto e vou me deitar para acordar no outro dia” (Carolina). “Eu assisto tv com meus irmãos até as 9:00 e vou dormir” (Jennifer Santos). “Olho tv com a minha mãe” (Anderson). “Eu olho tv e depois converso com os meus pais. E depois vou dormir” (Diulia). “Estudo a minha mãe me ajuda nos temas quando ela chega. Jogo videogame um pouco e durmo” (Amanda). “Faço tema janto e vou dormir” (André).

O segundo momento consistiu em pedir às crianças que desenhasssem o trajeto que percorrem de casa até a escola. Nestes desenhos foi possível identificar alguns aspectos importantes, como a localização da casa – longe/próxima – à escola, de que maneira os alunos vêm para a escola, quais são os companheiros (família, amigos) e também e também sobre os lugares mais lembrados pelas crianças no próprio bairro, como posto de saúde, escola, igreja, pracinha.



Figura 1: Desenho da Mariana

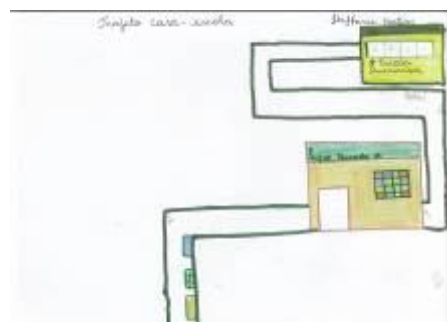
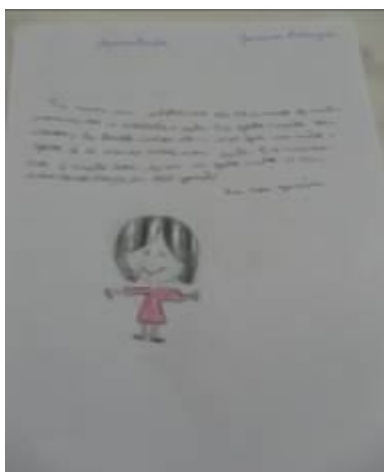


Figura 2: Desenho da Steffanie

O terceiro momento do trabalho de campo surgiu do interesse das crianças em conhecer meus professores da faculdade – “os professores da professora”, e eles sugeriram se apresentar, em forma de desenho e também escrita, aos meus professores. Os aspectos físicos não entraram na lista de prioridades do texto escrito, ao contrário, a maioria das crianças optou por descrever suas qualidades e/ou defeitos, suas preferências (o que mais gostam de fazer, comer, brincar). Os desenhos da maioria sobre si foram bem fiéis ao real. Isto pôde revelar sobre a intimidade de cada criança, seus gostos e preferências mais íntimos, mostrados pelo desenho e pela escrita.

“Eu gosto muito de estudar, eu tenho livros e gosto de ler jornal a tarde” (Janaína).



“Eu sou a Carolina tenho 9 anos. Eu não uso cabelo solto só com colinha e não faço trança. A coisa que eu não gosto mesmo é leite puro eu só tomo com nescau. Eu gosto de estudar eu tenho muitos livros e leio para aprender mais a ler” (Carolina).

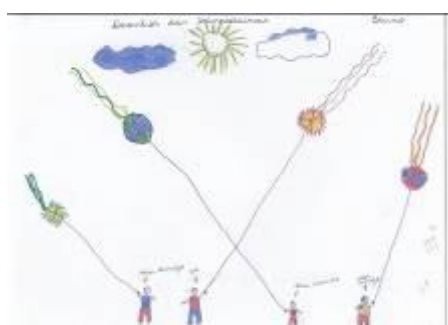


No quarto momento realizamos os desenhos das brincadeiras prediletas de cada um. Esta atividade permitiu delimitar as brincadeiras mais lembradas, onde costumam brincar (casa/rua) e quem são os

parceiros/companheiros das brincadeiras. Possibilitou também verificar a relação brincadeira/gênero, ou seja, quais eram as brincadeiras das meninas e dos meninos.

Quadro 4 – Brincadeiras preferidas das crianças

	Sapata	Vôlei	Futebol	Pipa	Corda	Esconder	Balanço	V.game	Casinha
Natali	X	X	X						
Robson			X						
Jardel			X						
Thaís			X						
Roger				X					
Amanda	X				X				X
Welen	X					X	X		
Diulia			X						
Steffanie		X							
Carolina	X						X		X
Mariana	X		X		X				
Helen	X				X	X	X		
Aline	X				X				X
July	X								
Janaina					X	X	X		
Renata	X	X							
Bruno				X					
Anderson			X						
Jennifer B.	X	X							
David			X						
André			X						
Viviane		X					X	X	
Jennifer S.	X	X				X	X	X	X
Lucas			X						
Natália	X	X						X	



Figuras 3 e 4: Alguns desenhos das brincadeiras

O quinto encontro permitiu registrar as preocupações, ideias, reflexões das crianças acerca de sua condição infantil e das infâncias de um modo geral, pois realizaram o trabalho intitulado “Para que o mundo das crianças fosse melhor, eu inventaria...”, no qual muitos criaram máquinas para resolver alguns problemas que julgam merecer atenção especial. A criatividade, experiência e expressão dos alunos foram bastante evidenciadas neste trabalho.



Figuras 5 e 6: Alguns desenhos das máquinas de invenções

Encontrando caminhos: entre a antropologia e a sociologia da infância

As crianças na Antropologia, desde as abordagens clássicas até muito recentemente, só foram incluídas em alguns trabalhos e, raramente como categoria central na condução das investigações e análises.

Segundo Cohn (2009, p.10) estudar as crianças tem sido um desafio para a antropologia. As razões são muitas, e a principal seria justamente a dificuldade em reconhecer na criança um objeto legítimo de estudo. Historicamente, no campo da Antropologia, a criança foi marginalizada, não sendo considerado um tema importante nem relevante para ser pesquisado.

A partir da década de 1960, surgem novas formulações para conceitos centrais no debate antropológico que possibilitaram estudar também as crianças de forma inovadora. Cohn (2009, p.19) salienta que dentre estes conceitos principalmente “[...] o conceito de cultura, de sociedade e de agência, ou ação social” foram centrais para uma mudança no campo de estudos antropológicos. Dentre essas novas formulações, conforme Cohn (2009) a cultura passa a ser entendida não mais como sendo os valores ou as crenças, mas como um sistema simbólico que é acionado pelos atores sociais.

Com isso, a Antropologia da Criança inicia um processo de apreensão dessas diferentes formas de ser criança e, inclusive, de deixar de ser criança em diferentes contextos, procurando compreender a fundo os universos autônomos e a autonomia do mundo infantil. Compreendendo este universo infantil não como um reflexo do mundo adulto, mas sim como um universo qualitativamente diferente.

Como nos afirma Cohn (2009, p.22), outro ponto central dos estudos e pesquisas em Antropologia da Infância, tem sido o de assumir uma postura comprometida em ouvir as crianças para contemplar, nos processos educativos, também o ponto de vista delas e compreender mais e melhor as estratégias de ação social dessas crianças em contextos coletivos de educação.

Segundo Quinteiro (2005, p.21) os estudos sobre a infância como uma questão pública e não apenas privada começam a pipocar na produção acadêmica brasileira. Constata-se uma produção caracterizada por diversidade de temas, pautados por estudos empíricos e ausência de debates teóricos, voltados a problemas relativos à história social da infância, às péssimas condições de vida e existência das crianças e de suas famílias, ao profundo desrespeito por parte do Estado à criança como sujeito de direitos e, sobretudo, aos diversos aspectos e especificidades que envolvem a educação e a proteção da criança de 0 a 6 anos de idade.

É principalmente por oposição a essa concepção de infância, considerada como um simples objeto passivo de uma socialização regida por instituições, que vão surgir e se fixar os primeiros elementos de uma sociologia da infância, segundo Sirota (2001, p.11). Tomar a sério a criança, reservando-lhe o lugar de um objeto sociológico em sentido pleno, é o primeiro desafio, pois representa uma ruptura difícil de efetuar no modo de pensar da sociologia da educação.

O campo da Sociologia da Infância tem ocupado um espaço significativo no cenário internacional, por propor o importante desafio teórico-metodológico de considerar as crianças como atores sociais plenos. Essa visão de socialização considera a importância do coletivo: como as crianças negociam, compartilham e criam culturas com os adultos e com seus pares (DELGADO; MÜLLER, 2005, p.353).

No Brasil temos um campo desenvolvido e legítimo de pesquisas em educação da infância e atualmente a sociologia da infância conta com alguns interlocutores brasileiros, mas ainda há um longo caminho a trilhar no que se refere à consolidação da área da sociologia da infância, o que Quinteiro (2005) constatou em publicações recentes.

Para os sociólogos da infância é importante considerar o ponto de vista das crianças nas pesquisas, o que também exige certo abandono do olhar centrado no ponto de vista do adulto.

Pesquisando com crianças

Diversas áreas do conhecimento que estudam a infância contribuem para uma reflexão que problematiza a concepção de infância como categoria e os aspectos metodológicos que precisam ser considerados para conhecer os diferentes campos e contextos empíricos onde as crianças agem e interagem, com crianças e com adultos.

No que diz respeito à pesquisa com crianças, percebe-se que entre as ciências da educação, no âmbito da sociologia, há ainda resistência em aceitar o testemunho infantil como fonte de pesquisa confiável e respeitável. Entretanto, [...] “pouco se conhece sobre as culturas infantis porque pouco se ouve e pouco se pergunta às crianças, e quando isso ocorre, a ‘fala’ apresenta-se à margem das interpretações e análises dos pesquisadores” [...] (QUINTEIRO, 2005, p.21). A autora enfatiza ainda a importância do processo de recolha da voz das crianças, e discute a análise desses dados do ponto de vista da interpretação e problematização à luz dos referenciais existentes no campo das ciências sociais.

O percurso metodológico está baseado nas contribuições da antropologia e da sociologia da infância na construção de um olhar e de uma escuta sensível para captar e compreender crianças, adultos e suas interações. É preciso entrecruzar o conhecimento teórico sobre a criança, a discussão metodológica, o delineamento da técnica e a construção da sensibilidade do olhar.

É necessário, pois, uma metodologia que ajude o pesquisador a evitar projetar o olhar sobre as crianças apenas naquilo que é reflexo de suas próprias representações. Isso vai exigir do pesquisador descentrar seu olhar de adulto para poder entender, através das falas das crianças, os mundos sociais e culturais da infância (QUINTEIRO, 2005, p.29).

O problema de pesquisa está centrado e compreender, a partir do que falam, escrevem, desenham, silenciam, fazem, expressam, representam as próprias crianças, como narram as infâncias vividas no lugar/tempo/espço que as une. O estudo investigou sobre as rotinas dessas infâncias, a partir das vozes das crianças, em meio às realidades vividas por cada uma delas.

Portanto, foram utilizados os desenhos como instrumentos metodológicos, aliados à escrita em diferentes contextos, porque:

[...] o estudo das crianças a partir de si mesmas permite descortinar uma outra realidade social, que é aquela que emerge das interpretações infantis dos respectivos mundos de vida. O olhar das crianças permite revelar fenômenos sociais que o olhar dos adultos deixa na penumbra ou obscurece totalmente. [...] relativamente às metodologias seleccionadas para colher e interpretar a voz das crianças, os estudos etnográficos, a observação participante, o levantamento de artefactos e produções culturais da infância, as análises de conteúdo dos textos reais, as histórias de vida e as entrevistas biográficas, as genealogias, bem como a adaptação de instrumentos tradicionais de recolha de dados, como, por exemplo, os questionários, às linguagens e iconografia das crianças, integram-se entre os métodos e técnicas de mais frutuosa produtividade investigativa (PINTO; SARMENTO, 1997, p.27).

O desenho infantil, então, surge como instrumento que pode ser utilizado quando queremos conhecer mais e melhor a respeito das infâncias pelas próprias crianças.

Como nos afirma Gobbi (2005, p.71) “o desenho é compreendido como revelador de olhares e concepções das crianças sobre seu contexto social, histórico e cultural, pensados, vividos, desejados”. Para tanto, conhecer os entornos sociais, culturais e familiares das crianças é um desafio lançado a partir da produção dos desenhos das crianças.

Os estudos referentes à temática pretendem afirmar as crianças como portadoras e criadoras de cultura, desenhistas, falantes, sujeitos de sua história e cujas produções devem ser conhecidas, valorizadas, respeitadas. (GOBBI, 2005, p. 73). No entanto, trata-se de conhecer as realidades sociais a partir de seus próprios olhares, na tentativa de ampliarmos nossos conhecimentos sobre as crianças a partir de si mesmas.

A perspectiva de que os desenhos infantis podem ser considerados documentos, devem-se ao peso que adquirem como informantes que são sobre determinados momentos históricos e sobre a infância existente nestes contextos. São amplas as possibilidades de ver, olhar, interpretar, analisar, ler os desenhos infantis, cada qual com pressupostos teóricos interessantes e importantes a serem considerados.

Para Gobbi (2005, p.76)

é na procura por referenciais nutridos pela sociologia, antropologia e história que temos uma instrumentalização teórica que permite a percepção dos desenhos como registros elaborados por sujeitos datados, culturais, históricos. São documentos que nos permitem saber mais acerca destes sujeitos, possibilitando conhecer as percepções da realidade por eles vivida, não sendo percebidos como textos escritos, mas sim como textos visuais que podem ser olhados, sentidos, lidos.

Isto confirma que as crianças interpretam o mundo e simbolizam as suas vivências e experiências de formas e linguagens diferentes dos adultos. São esses modos que constituem as *culturas da infância* (SARMENTO, 2007, p.21), que se caracterizam pela sua heterogeneidade e diversidade no tempo e no espaço. As relações entre pares e a ludicidade são espaços, por excelência, para compreender formas de interpretação, ação, sentimentos, “processos de apropriação da realidade pelas crianças e modos de interpretação do mundo” (ibidem, p.22).

Do lugar que falo: brincadeiras, espaços e tempos da infância

Num primeiro olhar sobre o material recolhido, a presença de cores expressivas para representar o bairro, por exemplo, que ao olhar do adulto quase sempre é nublado, frio, cinzento... Justamente esta mistura de cores e formas é que nos permite conhecer o significado do bairro para elas.

O dimensionamento dos espaços organizados no papel denotam quais deles ocupam lugar de maior importância para as crianças no local onde moram. Alguns locais são superdimensionados na folha do desenho, como a casa, a pracinha, o posto de saúde, a escola, mostrando a importância desses locais para a criança e/ou para sua família. Outros espaços não são sequer lembrados/desenhados por outras crianças, o que podemos perceber nos desenhos do trajeto casa-escola, onde a visão geográfica e espacial foi bastante evidenciada.

Nos desenhos das brincadeiras prediletas, destacaram-se brincadeiras realizadas na rua, ao ar livre, e nos permitem deduzir que essas infâncias se constroem historicamente, socialmente e culturalmente no espaço da rua, diferente de outras infâncias vividas nos grandes centros, onde não há lugar para a brincadeira.

Embora a rua seja ainda um lugar onde não há espaços adequados para o brincar, percebe-se que nos bairros essa cultura se diferencia um pouco, pois muitas crianças relatam que o lugar ideal para brincar é a rua, sendo a casa pouco lembrada e a escola como lugar de alunos, não de crianças, onde se percebe o “desaparecimento” desta instituição como lugar/tempo/espaço do brincar.

Na atividade “Meu dia é assim...”, foi possível organizar uma melhor compreensão do dia-a-dia das crianças, o que fazem fora da escola e nos finais de semana, quais são as atividades de lazer e com quem convivem diariamente. Fortemente aparece a questão do trabalho doméstico na infância feminina no relato das crianças, pois demonstram que seu dia-a-dia está repleto de tarefas que realizam para ajudar em casa, principalmente nas lidas domésticas (arrumar a casa, lavar a louça, arrumar o quarto), também cuidando dos irmãos menores ou levando-os/buscando-os na creche. Nas tarefas realizadas pelos meninos aparece muito o cuidado com os animais e da horta da casa, que auxilia na subsistência da família.

As apresentações dos alunos feitas aos meus professores serviram para revelar sobre a identidade de cada criança, seus gostos e preferências, mostrados nos desenhos, na escrita, e as concepções de infância que aí se vai revelando até então.

Brincando na rua: lugares, tempos e espaços do brincar

A escola, onde as crianças passam grande parte do tempo, não aparece nos dados da pesquisa como lugar do brincar. Ao contrário, nas atividades escolares não há lugar para a cultura infantil, como brincadeiras, jogos e outras atividades que ocorrem fora dos muros da instituição e que fazem parte do saber popular. Como nos afirma Figueiredo, “a escola, ao negar essas atividades, nega também o corpo concreto das crianças: seus conhecimentos, movimentos, ritmos, percepções, linguagem...” (2006, p.13). A escola produz uma cultura própria, com elementos que definem e organizam este espaço com vistas à produção de uma infância universalizada. Os tempos e os espaços da escola são diferentes dos tempos e espaços vividos pelas crianças.

As brincadeiras que mais aparecem nos desenhos são as realizadas na rua, ao ar livre, utilizando os espaços da pracinha do bairro com alguns brinquedos e o campo de futebol, jogar vôlei, pular sapata e soltar pipa. Essas brincadeiras são mais realizadas pelos meninos. Em casa aparecem poucas brincadeiras, como brincar de casinha e de colégio, brincadeiras de faz-de-conta. Essas brincadeiras são mais realizadas pelas meninas. Os amigos e irmãos são os companheiros para as brincadeiras.

A brincadeira é uma das interações habituais da infância, que transformam, por meio da imaginação, o espaço vivido em espaço afetivo. A brincadeira possibilita à criança conhecer-se como um ser ativo e criativo, tendo nessa experiência o sentido de domínio do espaço, com as possibilidades de apropriação vividas nas brincadeiras. As crianças são quem mais experimentam os valores de afetividade com os espaços, tanto pela ligação direta da casa com a rua como pela falta de espaço privado no interior da casa.

As casas, os caminhos, as cidades “[...] são espaços da criança que transcendem as suas dimensões físicas e se transformam nos entes locais de alegria, de medo, de segurança, de curiosidade e descoberta [...]” (LIMA, 1989, p.14).

Na atualidade, os bairros assumem uma configuração territorial que os demarca de outros espaços urbanos. São espaços cuja estética se encontra frequentemente degradada, onde existe uma enorme escassez

de equipamentos e de serviços sociais e culturais. Segundo Rua (2007, p.206), são territórios segregados e estigmatizados em situação de ruptura com o restante espaço urbano.

E nos desenhos das crianças é possível perceber o colorido com que denotam os espaços em que vivem. Mais do que o deslocamento de casa até a escola, como então foi proposto, as crianças expuseram nos desenhos as marcas que estes espaços registram em suas vidas, como as constituem a partir do convívio com os demais, numa relação para além da socialização, mas também de construção cultural do espaço público. Neste percurso está o olhar da vivência, das experiências trazidas nas narrativas, como elementos que articulam o olhar sobre o outro na “invisibilidade” destes atores sociais.

Algumas considerações

Num primeiro olhar sobre o material recolhido, a presença de cores expressivas para representar a rotina, as brincadeiras, os espaços e os tempos, entre os limites e as possibilidades de viver, cada uma, a sua infância.

Os desenhos das crianças, como instrumentos de recolha de dados, revelam seus olhares e concepções sobre o contexto social, histórico e cultural, sendo portadores de uma expressão e cultura própria, permitindo-nos conhecer os entornos sociais das infâncias pesquisadas. Através deles percebi o que permeia o universo infantil a respeito do que é infância em meio às realidades vividas por cada uma das crianças.

O trabalho identificou quais são os lugares/tempos/espaços do brincar para essas crianças, e o que se percebe é que, numa sociedade em que os espaços reservados à infância são escolhidos e mensurados pelos adultos, a brincadeira aparece como linguagem, experiência e forma de organização do conhecimento muito próprios da infância. Por esse motivo é que a brincadeira aparece como sendo o lugar da criança, onde o adulto é totalmente ausente.

Além disso, outro fato que emerge dos desenhos infantis é o “desaparecimento” da escola como lugar/tempo/espaço do brincar, onde relatam que brincar só ocorre fora dos muros escolares, já esbarrando no contexto casa-rua, muitas vezes perdendo espaço para locais de habitação, trânsito. O bairro e arredores muitas vezes torna-se extensão da casa, do pátio, não delimitando o que é privado e o que é público, espaço de todos.

O dimensionamento dos espaços organizados no papel apontam quais deles ocupam lugar de maior importância para as crianças no local onde moram. Alguns são superdimensionados na folha do desenho, como a casa, a pracinha, o posto de saúde, a escola, denotando a importância desses locais para a criança e/ou para sua família.

Nos desenhos das brincadeiras destacam-se as realizadas na rua, ao ar livre, o que nos permite deduzir que essas infâncias se constroem historicamente, socialmente e culturalmente no espaço da rua, diferente de outras infâncias vividas nos grandes centros. No que se refere à rotina, visualiza-se a escola no turno pesquisado como rotina intransponível, imutável; já no turno inverso ao da escola aparece o brincar em casa ou na rua com amigos. Também surge como rotina ajudar a mãe nos afazeres, cuidar da casa e dos irmãos menores, caracterizados principalmente como trabalho doméstico próprio da infância feminina.

Os dados também revelam o desejo das crianças de que a escola seja um lugar alegre, por vezes transgressor, uma resposta infantil aos modelos escolares predominantes, isso quando dizem que “as aulas deveriam ser do tamanho do recreio, e o recreio do tamanho das aulas”, não que não se apropriem deste espaço como sendo seu, mas desejariam uma maneira diferente de organização do tempo e do espaço na escola. Isto também denota que a escola reproduz uma sociedade que busca, na educação da infância, a preparação para o mercado de trabalho ou para a cidadania, abandonando a possibilidade de viver a infância como experiência.

Por compartilhar da ideia de que as crianças são sujeitos históricos e transformadores do meio em que estão inseridos, é que me propus conhecer realmente a concepção de infância percebida através da própria infância. Neste âmbito abrem-se possibilidades de construção e reconstrução acerca do conhecimento que se tem sobre as infâncias da sociedade contemporânea, suas culturas, suas singularidades, principalmente no espaço da escola, no fazer pedagógico. É urgente que a escola ofereça experiências que contribuam com o desenvolvimento das crianças, estimulando novos processos pedagógicos que propiciem novas construções baseadas nas crianças como sujeitos-atores desses processos.

Ao realizar a pesquisa, fortaleci espaços de diálogo, na intenção de romper a lógica ainda predominante na pesquisa sobre infâncias, que partem do olhar adultocêntrico, negando as próprias crianças como autores e atores desse processo.

Formam-se ao menos duas certezas: a da complexidade e incompletude envolvida nas tentativas de compreender a infância nos diferentes contextos socioculturais aqui apresentados; e a da impossibilidade de uma visão de infância única, vivida por todos do mesmo modo.

Até o momento são essas as possibilidades de reflexão que os dados me trouxeram. Provavelmente este trabalho tenha apontado ainda mais questionamentos e apresente algumas lacunas na tentativa de compreender as infâncias pesquisadas sob o aspecto que trago até então. Uma tentativa, uma busca... Tentar descobrir o que nós adultos pouco enxergamos com as roupagens sociais e culturais que nos modificam e pouco nos deixam penetrar na alma da própria infância.

Referências

- ÁRIÈS, Philippe. *A história social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.
- BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília: CBIA, 1990.
- COHN, Clarisse. *Antropologia da Criança*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- DELGADO, Ana C.C.; MÜLLER, Fernanda. Sociologia da Infância: pesquisas com crianças. In: *Educação & Sociedade: Revista de Ciências da Educação*. V.26, n 91, p.351-360, mai/ago. São Paulo: Cortez, 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 10 jan. 2012.
- DEL PRIORE, Mary (org.). *História das crianças no Brasil*. 6. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.
- FIGUEIREDO, Márcio X. B. *A corporeidade na escola: brincadeiras, jogos e desenhos*. 4. ed. Pelotas: Ed. Universitária/UFPel, 2006.
- FISCHER, Cristina. *A visão da infância no mundo contemporâneo: um estudo sobre conceituações de infância a partir das próprias crianças*. Artigo de Especialização – Núcleo Infância, Cultura e Educação Infantil. Pelotas: FaE/UFPel, 2005.
- FROTA, Ana Maria Coelho. *Diferentes concepções de infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção*. Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ, Ano 7, n.1, 1º semestre/2007.
- GOBBI, Márcia. Desenho infantil e oralidade: instrumentos para pesquisas com crianças pequenas. In: FARIA, A.; DEMARTINI, Z.; PRADO, P. (Orgs.) – 2. ed. *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisas com crianças*. Campinas: Autores Associados, 2005.
- KHULMANN Jr., M. *Infância e educação infantil: uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LIMA, Mayumi. *A cidade e a criança*. São Paulo: Nobel, 1989.
- MARTINS FILHO, Altino José (org.). *Infância plural*. Crianças do nosso tempo. Porto Alegre: Mediação, 2006.
- PINTO, Manuel & SARMENTO, Manuel J. (coord.) (1997). *As crianças: contextos e identidades*. Universidade do Minho, Centro de Estudos da Criança.
- QUINTEIRO, Jucirema. Infância e educação no Brasil: um campo de estudos em construção. In: FARIA, A.; DEMARTINI, Z.; PRADO, P. (orgs.). *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças*. Campinas: Autores Associados, 2005.
- REDIN, Marita.; REDIN, Euclides. Porque é de infância [...] que o mundo tem precisão! *Ciências & Letras*, n.43, p.11-23, jan./jun. Porto Alegre, 2005.
- RUA, Maria Adelaide. Infância em territórios de pobreza: os falares e os sentires das crianças. In: SARMENTO, M.; VASCONCELLOS, V. (Orgs.). *Infância (in)visível*. São Paulo: Junqueira & Marin, 2007.
- SARMENTO, Manuel; VASCONCELLOS, Vera (orgs.). *Infância (in)visível*. São Paulo: Junqueira & Marin, 2007.
- SIROTA, Régine. Emergência de uma Sociologia da Infância: evolução do objeto e do olhar. *Cadernos de Pesquisa*, nº 112, p.7-31, março/2001.

Résumé dos autores

* Mestranda em Educação Física, pelo curso de Mestrado em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas. E-mail para contato: carlacoelhobr@hotmail.com

** Orientador, Doutor em Educação e docente da Escola Superior de Educação Física e Faculdade de Educação/UFPel. E-mail: bonorinosul@gmail.com

5 COMUNICADO À IMPRENSA

Acadêmica do curso de Mestrado em Educação Física realiza pesquisa na escola pública a partir dos desenhos das crianças

A pesquisa qualitativa foi realizada por Carla Teixeira Coelho, acadêmica do curso de Mestrado em Educação Física (ESEF/UFPel), sob orientação do Prof. Dr Márcio Xavier Bonorino Figueiredo. A investigação contou com a participação de vinte e cinco crianças, sendo dezessete meninas e oito meninos, alunos da 4ª série do Ensino Fundamental de uma escola municipal em Pelotas, onde a pesquisadora atua como educadora desde 2005.

Os objetivos do estudo se concentraram em compreender como as crianças narram suas infâncias neste espaço social, bem como as rotinas que se apresentam no lugar-tempo-espaço das infâncias pesquisadas. A pesquisa está alicerçada no campo de estudos da Sociologia da Infância, que tem nas Pesquisas com Crianças o seu objeto sociológico de investigação.

Para a autora do trabalho de pesquisa, o diálogo com teóricos e estudiosos da infância permite delinear que este é um conceito abstrato, que foi inventado num tempo histórico marcado por relações sociais e culturais. A partir disso, é possível afirmar que não podemos conceber uma infância única, homogênea, uniforme para todas as crianças: os estudos atuais falam de infâncias ou de uma “infância plural” (Martins Filho, 2006).

Philippe Ariès (1978), famoso historiador francês, afirmou que a infância foi uma invenção da modernidade, constituindo-se numa categoria social construída recentemente na história da humanidade. Para ele, a emergência do sentimento de infância, como uma consciência da particularidade infantil, é decorrente de um longo processo histórico, não sendo uma herança natural. Essa sua afirmação trouxe grandes mudanças na compreensão da infância, já que ela era pensada como uma fase da vida como qualquer outra. Nos séculos XVI e XVII a concepção de infância era centrada na inocência e na fragilidade infantil. O século XVIII inaugurou a construção da infância moderna, assumindo o signo de liberdade, autonomia e independência. Tendo em conta essas concepções, é que teve início o projeto de pesquisa, que buscou, a partir das vozes das crianças, entender suas próprias concepções de infância.

A coleta de dados se deu a partir da proposta de desenhos e ensaios escritos, produzidos pelas crianças na sala de aula. Dos desenhos produzidos sobre as brincadeiras prediletas, o bairro, o desenho de si e os escritos sobre as rotinas das crianças, elaboraram-se três categorias de análise: *brincadeiras, espaços e tempos*.

A participação das crianças na pesquisa reafirma a importância de dar voz às próprias crianças, permitindo-as como criadoras e transformadoras de sua própria cultura, considerando-as como atores sociais plenos, embora exista certa resistência em aceitar seu testemunho como fonte de pesquisa confiável e respeitável. Entretanto, pouco se conhece sobre as culturas infantis porque pouco se ouve e pouco se pergunta às crianças (Quinteiro, 2005).

Os desenhos das crianças, como instrumento metodológico para a pesquisa, neste sentido, foi usado dentro da perspectiva de que podem ser considerados documentos, devendo-se ao peso que adquirem como informantes que são sobre determinados momentos históricos e sobre a infância existente nestes contextos.

Os principais achados da pesquisa apontam algumas pistas em relação à infância vivida neste contexto, onde é possível perceber que, numa sociedade em que os espaços reservados à infância são escolhidos e mensurados pelos adultos, a brincadeira aparece como linguagem, experiência e forma de organização do conhecimento muito próprios da infância. Por esse motivo é que a brincadeira aparece como sendo o lugar da criança, onde o adulto é totalmente ausente. Além disso, outro fato que emerge dos desenhos infantis é o “desaparecimento” da escola como lugar/tempo/espaço do brincar, onde relatam que brincar só ocorre fora dos muros escolares, já esbarrando no contexto casa-rua, muitas vezes perdendo espaço para locais de habitação, trânsito.

Nos desenhos das brincadeiras destacam-se as realizadas na rua, ao ar livre, o que nos permite deduzir que essas infâncias se constroem historicamente, socialmente e culturalmente no espaço da rua, diferente de outras infâncias vividas nos grandes centros. No que se refere à rotina, visualiza-se a escola no turno pesquisado como rotina intransponível, imutável; já no turno inverso ao da escola aparece o brincar em casa ou na rua com amigos. Também surge como rotina ajudar a mãe nos afazeres, cuidar da casa e dos irmãos menores, caracterizados principalmente como trabalho doméstico próprio da infância feminina.

Ao realizar a pesquisa procurou-se fortalecer espaços de diálogo, na intenção de romper com a lógica ainda predominante na pesquisa sobre infâncias, que partem do olhar adultocêntrico, negando as próprias crianças como autores e atores desse processo.

6 ANEXOS

Anexo A – Termo de consentimento livre e esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

CURSO DE PÓS - GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisador responsável: Márcio Xavier Bonorino Figueiredo

Instituição: Universidade Federal de Pelotas/ Escola Superior de Educação Física

Email: bonorinosul@gmail.com

Telefone: 53 91384711

Pesquisadora aluna: Carla Teixeira Coelho

Instituição: Universidade Federal de Pelotas/ Escola Superior de Educação Física

Endereço: Rua Barão de Cotegipe, 312 apto 417-5, Areal, Pelotas – RS.

Telefone: 53 91431648

Email: carlacoelhobr@hotmail.com

Concordo em participar do estudo **BRINCADEIRAS, ESPAÇOS E TEMPOS: as infâncias nas vozes das crianças.**

PROCEDIMENTOS: Fui informado de que o objetivo central desta pesquisa é investigar como se constituem as infâncias de um grupo de alunos da turma de 4ª série do Ensino Fundamental de uma escola localizada em um bairro popular de Pelotas, como aparecem o lugar/tempo/espaço das infâncias pesquisadas. A metodologia qualitativa envolverá desenhos e ensaios escritos, relatos e observações. Os objetivos específicos são identificar como destacam o brincar, a escola e a família em seus relatos; Quais são os lugares/espaços indicados pelas crianças como possíveis de experimentar a vivência de ser criança; Como (re)significam suas infâncias. Os dados dos sujeitos serão mantidos em sigilo e somente os resultados da coleta de dados serão usados para fins de pesquisa.

RISCOS E POSSÍVEIS REAÇÕES: Fui informado de que não existem riscos no estudo.

BENEFÍCIOS: O benefício de participar na pesquisa relaciona-se ao fato que os resultados serão incorporados ao conhecimento científico e posteriormente a situações de ensino-aprendizagem.

PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA: Como já me foi dito, minha participação neste estudo será voluntária e poderei interrompê-la a qualquer momento.

DESPESAS: Eu não terei que pagar por nenhum dos procedimentos, nem receberei compensações financeiras.

CONFIDENCIALIDADE: Estou ciente que a minha identidade permanecerá confidencial durante todas as etapas do estudo.

CONSENTIMENTO: Recebi claras explicações sobre o estudo, todas registradas neste formulário de consentimento. Os investigadores do estudo responderam e responderão, em qualquer etapa do estudo, a todas as minhas perguntas, até a minha completa satisfação. Portanto, estou de acordo em participar do estudo. Este Formulário de Consentimento Pré-Informado será assinado por mim e arquivado na instituição responsável pela pesquisa.

Nome do participante/representante legal: _____

Identidade: _____

ASSINATURA: _____ DATA: ____/____/____

DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DO INVESTIGADOR: Expliquei a natureza, objetivos, riscos e benefícios deste estudo. Coloquei-me à disposição para perguntas e as respondi em sua totalidade. O participante compreendeu minha explicação e aceitou, sem imposições, assinar este consentimento. Tenho como compromisso utilizar os dados e o material coletado para a publicação de relatórios e artigos científicos referentes a essa pesquisa. Se o participante tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Superior de Educação Física – Rua Luiz de Camões, nº 625 CEP: 96055-630 - Pelotas/RS; Telefone: (53)3273.2752.

ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL: _____



Orientações a colaboradores

Normas Gerais

O periódico Cadernos de Educação é uma publicação da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPeI), que objetiva divulgar trabalhos originais relacionados à educação, que se destina a professores, estudantes e pesquisadores da área educacional.

Cadernos de Educação aceita, para publicação, artigos relacionados com a educação, originados de estudos teóricos, pesquisas, reflexões sobre práticas, discussões em geral, etc. Os trabalhos apresentados deverão ser inéditos, possuir consistência teórica e apresentar contribuição relevante para a educação, além de atender às normas para publicação. Os textos devem ser entregues em português ou espanhol. O processo de avaliação das contribuições obedecerá ao sistema peer review.

Aos autores dos textos aprovados serão destinados 2 (dois) exemplares do número da revista em que o artigo for publicado.

Seções do Periódico

Cadernos de Educação aceita para avaliação artigos com um máximo de 7.500 palavras. Além dos artigos, que constituem seu núcleo básico, outras modalidades de textos são regularmente publicados em seções como Resenhas, Teses/Dissertações, Relatos de Pesquisa, Relatos de Experiência Pedagógica, Ponto de Vista, Memórias, Clássicos, Entrevistas, Dossiê.

Apresentação de Trabalhos

1 Estrutura das matérias - Todas as colaborações devem ser gravadas em arquivos RTF (Rich Text Format), em formato A4 (210mmx297mm), fonte Times New Roman, corpo 10, espaçamento entre linhas simples, alinhamento justificado, margem superior de 3cm, inferior de 2cm, esquerda de 3cm, direita de 2cm.

2 Título - Deve ser digitado em negrito, alinhado à direita, em caixa baixa.

3 Nome(s) do(s) autor(es) - Deve ser seguido ao título e alinhado à direita. Ao final do trabalho, após as Referências, deve constar um resumé do(s) autor(es), com endereço eletrônico para correspondência.

4 Resumo e palavras-chave - Logo após título e autor(es), deve constar o seguinte: resumo do trabalho, com no máximo 10 (dez) linhas; 3 (três) ou 4 (quatro) palavras-chave; título em inglês; abstract e keywords.

5 Ilustrações - Tabelas, figuras, gráficos, mapas, imagens, etc. deverão ser enviados em arquivo separado. No texto deve estar indicada a posição para sua inserção.

6 Citações - A citação que possua até 3 (três) linhas deve permanecer no corpo do texto e entre aspas. A citação com mais de 3 (três) linhas deve aparecer em parágrafo distinto a 4cm da margem esquerda, sem aspas e escrita em espaço simples e fonte tamanho 10. As referências citadas no texto devem submeter-se ao sistema da ABNT, em que logo após a citação aparece no texto, entre parênteses e vírgulas, o sobrenome do autor em caixa alta, seguido do ano da publicação e da página citada (citação direta). Se a transcrição da citação não for literal (citação indireta), não aparecerá número de página, apenas o autor e o ano. Quando o nome do autor fizer parte da redação do texto, será colocado fora do parênteses, em caixa baixa. A seguir, alguns exemplos:

Ex. de citação indireta: Ainda hoje mais de 90% das informações coletadas são sobre dados e eventos internos (DRUCKER, 1997).

Ex. de citação direta com até três linhas: Segundo Paulo Freire, "um dos equívocos funestos de militantes políticos de prática messianicamente autoritária foi sempre desconhecer totalmente a compreensão do mundo dos grupos populares". (1999, p. 91).

Ex. de citação direta com mais de três linhas:

O problema do método é capital na educação de adultos. Nesta fase é um problema muito mais difícil que na instrução infantil, porque se trata de instruir pessoas já dotadas de uma consciência formada - ainda que quase sempre ingênua - com hábitos de vida e situação de trabalho que não podem ser arbitrariamente modificados (PINTO, 1997, p. 86).

7 Referências - As referências devem aparecer ao final do texto, em ordem alfabética, segundo normas da ABNT, conforme os exemplos abaixo:

Livros:

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 13.ed. São Paulo/ Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. 165p.

Capítulos de livros:

FRIGOTTO, Gaudêncio. Os delírios da razão: crise do capital e metamorfo-se conceitual no campo educacional. In: GENTILI, Pablo (org.). *Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação*. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p.77-108.

Artigos em revistas:

ALVES, Giovanni. Ofensiva neoliberal, toyotismo e fragmentação de classe. *Universidade e Sociedade*, São Paulo, v.6, n.10, p. 25-33, fev. 1996.

Artigos em revistas eletrônicas:

ROBERTSON, Susan. Política de re-territorialização: espaço, escala e docentes como classe profissional. *Currículo sem Fronteiras*, v.2, n.2, p.22-40, jul./dez. 2002. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol2iss2articles/robertson.pdf>> Acesso em: 20 jun. 2005.

Teses e dissertações:

SILVA, Márcia A. da. *Rodoviário na escola: entre a exclusão e a inclusão*. 2002. 180f. Dissertação - Curso de Mestrado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

Eventos:

SILVA, S., HYPOLITO, A.; GHIGGI, G. Vestígios da identidade e do trabalho docente: implicações do conceito de classe social na obra de Paulo Freire. In: XIII CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - VI ENPOS - EN-CONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 2004, Pelotas. *Anais...* Pelotas: UFPel, 2004. p.x-y

8 Envio de contribuições - Os textos devem ser encaminhados por correio eletrônico para caduc@ufpel.tche.br. O encaminhamento também poderá ser feito via correio convencional. Neste caso, o arquivo deve ser enviado em CD para o endereço da revista.

Cadernos de Educação

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Bairro Porto 96010-770 - Pelotas - RS - BRASIL
Fone: (53) 3284-5533 - 3284-5540 Fax: 3284-5541 E-mail: caduc@ufpel.tche.br

Home-page: <http://www.ufpel.edu.br/fae/caduc>

Anexo C – Carta de aprovação do Comitê de Ética da ESEF/UFPeI



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA
COMITE DE ÉTICA EM PESQUISA DA ESEF/UFPEL



Pelotas, 13 de dezembro de 2011.

Ao Prof.
Márcio Xavier Bonorino Figueiredo

Prezado Senhor,

Vimos, através deste, informar a aprovação do projeto intitulado "BRINCADEIRAS, ESPAÇOS E TEMPOS: as infâncias nas vozes das crianças" no Comitê de Ética em Pesquisa da ESEF/UFPeI, com protocolo nº 032/2011.

Sendo o que se apresenta, reitero votos de apreço e consideração.

Cordialmente

A handwritten signature in black ink, which appears to read "Suzete Chiviakowsky Clark".

Profa. Dra. Suzete Chiviakowsky Clark
Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa da
ESEF-UFPeI

Anexo D – Pareceres da banca (recebidos)

Universidade Federal de Pelotas
Programa de Pós-Graduação em Ed. Física

Parecer de Dissertação

Título do trabalho: “Brincadeiras, espaços e tempos: as infâncias, nas vozes das crianças”

Mestranda: Carla Teixeira Coelho

Parecerista: Prof. Dra. Georgina Helena Lima Nunes

Agradeço ao Marcinho e Carlinha a possibilidade do retorno e dizer que é sempre um prazer estar junto a vocês e à Mirela que, na qualificação do projeto, para além da sua presença, possibilitou momentos de imensa aprendizagens com suas qualificadas ponderações frente a um tema/metodologia (análise de desenhos) que, para mim, ainda é algo complexo de se utilizar/analisar.

Achei a dissertação muito gostosa de se ler, cuidadosa, novamente, quanto à maneira como foi entregue ao leitor tanto no cuidado como foi sendo apresentada esteticamente quanto na forma com que os diversos momentos do trabalho vão sendo colocados de modo a tornar clara a exposição dos mesmos.

Dar a visibilidade ao bairro!!!!!!

A mestranda traz um riquíssimo acervo de desenhos produzidos pelas crianças que qualifica a sua pesquisa e, também, revela o quanto foi grande o envolvimento com as mesmas (crianças) no sentido de que as “figuras” o revelam através das cores, dos detalhes, das minúcias.

Sob o ponto de vista do objetivo da pesquisa que é escutar as vozes das crianças, me pareceu que as figuras falaram tanto quanto os depoimentos que, ainda que tenham sido trazidos nos quadros (não são tabelas!), fiquei a pensar naqueles que, necessariamente, escapam aos roteiros ou questões chaves, que poderiam ser explicativos das formas como **destacam o brincar, a escola e a família** ; os lugares-espaços que indicam o exercício de ser criança e a forma como ressignificam as suas infâncias.

Dos três elementos a serem apontados pelas crianças no sentido de fazerem aflorar o seu protagonismo infantil como sujeitos sociais foram encontrados ao longo da dissertação de forma satisfatória a responder, pragmaticamente as questões orientadoras da pesquisa. Não sei se o termo é de forma “pragmática”, mas, é o que me “surge” no momento, porque, por exemplo, da p.22 a p. 26 são apresentadas 26 figuras acerca dos bairros que, a partir da quinta já não mais foram identificados para além da figura de número tal... Se existia uma semelhança na forma como as casas são universalmente construídas, cada texto é uma voz de crianças que, ainda ficaram anônimas na dissertação... acho que elas poderiam ter sido mais apresentadas e suas vozes estarem mais presentes para quem não as conhece, o que não é o teu caso quando afirmas na p. 26 que “os desenhos de si mesmos também ficaram muito semelhantes ao real”.

Talvez o número de sujeitos-crianças devesse ter sido reduzido e tivesse sido mais fácil trabalhar analiticamente suas produções e relatos a exemplo da p. 26 a 29 em que cada apresentação seguida do desenho trazem elementos para se trabalhar com mais acento as questões do brincar, da família e da escola e de seu “estar” nestes espaços. As crianças falaram do que amam, do que odeiam, de como são fisicamente, do que comem, de seus futuros enquanto mães... complexo o ser criança!

Quanto ao quadro número 4 da p. 30, achei que as brincadeiras ficaram restritas às já consolidadas porque neste sentido, não captura o “ressignificar a infância” que brinca de tantas outras formas e diferenciados momentos. Foram trazidos por algumas crianças o cuidado para com os animais e horta sob forma de trabalho na subsistência familiar. Alguns estudos já revelam os inúmeros impactos da presença dos animais na vida das crianças e, estes envolvimento dificilmente deixam de trazer traços de ludicidade e de um brincar que não é restritivo a tempos e espaços determinados.

O diário de campo da autora, talvez, tenha sido pouco solicitado pela mesma e tenha sido muito evidenciado alguns olhares/vozes em detrimento de outros porque as frases que vinham anunciando os quadros com registros das atividades da p. 51 a 63 a exemplo do número “5” ao priorizar o “Vou para o colégio” deixa para trás a saída para a banda, a saída com a avó e as duas idas para a igreja; no quadro 09, o “Vou para o quadro ver as carreiras” retira, igualmente, a participação mais intensa do que qualquer “expectador comum” no sentido de que ele “dá água para cavalos e ata”, para além das “maratonas (?) no campo” que assiste, torneio de futebol na Sanga Funda (entorno do bairro) e “eu vejo campeonato do vovô”;

Também a frase que afirma guardar as bicicletas com o pai (várias, inúmeras reflexões, principalmente no contexto societário em que a bicicleta assume diferentes significados culturais, geracionais e de classe...)

Não vou me estender mas as presenças da avós e dos vovôs não são fatos a serem desprezados em culturas onde a presença dos ancestrais em muitos aspectos são os sustentáculos de diversas naturezas das famílias;

Da p. 76 a 112, vem, novamente, uma quantidade imensa de imagens que demandariam para muito além da breve identificação presente no título e, por fim o artigo que na p. 123 traz acento às atividades domésticas realizadas por meninas ainda que quase todos os meninos também realizem algum tipo de ajuda (cortar lenha no mato, ajudar pai a fazer “produtos” e etc...);

Quanto ao desejo de tornar o mundo melhor a partir de suas invenções... nossa! Aí assumem o seu papel de crianças-sujeitos que denunciam e anunciam situações que muitas vezes na nossa adultez são esquecidas ou já foram deixadas de lado porque não “adanta mais”. No diálogo que poderia ser feito entre as falas e os desenhos a Viviane (p. 61) afirma que “Fui para meu tio para ficar mais perto do posto médico” e na p. 108 a “figura 108” aponta para a invenção de “uma máquina de ter mais hospitais”. É isso aí, a criança desenhando e reinventando, a seu modo, o bairro e suas necessidades, este olhar crítico e atento das crianças é despercebido, com certeza, pela escola que constantemente deve reprova-los por estarem fora dos conteúdos mas não da vida!

O trabalho está aprovado, ao meu ver, pela riqueza e potencia da pesquisadora fica com faltas mas também, o que tem de presença é satisfatório. Talvez, tivéssemos que ter dado menos opiniões na banca de qualificação e restringido o número de sujeitos de modo a poder dar conta da complexidade das vozes trazidas nas figuras e nos relatos que “estão presentes” mas poderiam ter sido mais dialogados.

Sucesso à Carlinha!

Observar o quanto é esperançosa esta infância e, por vezes, a escola a desesperança.... a Mirela traz a juventude desesperançosa do CASE onde cabe a nós vermos este ponto de ruptura e a “vitória” de uma escola e currículo conservador que não olha/escuta as vozes das crianças .

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA/ PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

PARECER DE MESTRADO

Mestranda: Carla Teixeira Coelho

Orientador: Prof. Dr. Márcio Figueiredo

Banca Examinadora: Profa. Dra. Mirela Ribeiro Meira

Título: BRINCADEIRAS, ESPAÇOS E TEMPOS: AS INFÂNCIAS NAS VOZES DAS CRIANÇAS

Data: 24.10.12

Querida Carla:

Merece menção de apreço o respeito com que tratas do tema deste trabalho, relativo aos desenhos e vozes das crianças enquanto participantes e criadores de cultura a partir de um olhar “de dentro”, ou seja, com a coragem de rever a própria prática. Isto denota sua **RELEVÂNCIA**. Esta é exponencialmente elevada ao contemplar, a meu ver, a voz das crianças e suas expressões através do desenho: *desígnio*.

A temática é pertinente, atual, adequada e ousada, ao tensionar autores “consagrados” e autores de teu cotidiano - as crianças- colocando-os na mesma ordem de importância. É trabalhada assim rupturas entre uma ordem instituída e a desordem que a infância pode se constituir, fonte de criação e transformação. Além do mais, é muito bonito ver como as crianças tratam a vida, suas existencialidades, seus projetos, dando suas opiniões sobre o mundo, construindo narrativas únicas e originais, Isto nos leva a concordar com um de teus postulados, quando dizes o quanto a trajetória escolar- e a formação de professores- necessitam de uma longa caminhada para alcançar a sabedoria demonstrada por estas infâncias. Esta sabedoria a localizo no poético, na ruptura dos esquemas prontos, acabados, certos, inquestionáveis que a academia- e a escola-, por vezes, impõem.

Quanto à **FLUÊNCIA**, o texto está bem construído, claro, objetivo. Coerente sem deixar de ser poético, particularmente quando apresentas o relato das crianças, com suas reflexões e indagações, indagações estas que levantastes a partir de tua experiência como educadora.

Quanto à **ORGANIZAÇÃO**, o trabalho está bem distribuído espacial e formalmente. Penso ainda que poderias, como eu havia sugerido por ocasião da qualificação, ter aproveitado as falas das crianças para nomear cada um dos capítulos.

Em relação à **FORMA**, continuo insistindo no que anotei na qualificação, que as imagens necessitam ser de uma qualidade mais acurada, além de maiores, pois correm o risco de se tornarem um mero *complemento* suporte para o texto escrito. Sugiro que possas dar tratamento às imagens com o programa gráfico *Corel* ou similar, porque elas são fundamentais no trabalho, e deixá-las assim corre o risco de despotencializá-las.

Tuas **ANÁLISES** foram bem desdobradas no decorrer do trabalho, ressaltando o despreparo da escola em lidar com campos de saberes considerados “secundários”, como a Arte, por exemplo, o brincar, o corpo, os silêncios, a experiência. Teu olhar cobra a redobrada responsabilidade do educador em abrir espaços - como já fizestes pelo simples fato de propor essa dissertação- para a criação, o jogo, o afeto, o corpo, o símbolo, na Escola. Fica claro que esse espaço carece ser ampliado cada vez mais, em face da estereotipia que vem acometendo nossas crianças, inaptas à alfabetização estética e ao Letramento Sensível (MEIRA, 2009).

Creio que poderia ter sido mais explorado o desenho como um aporte para além da mera representação, além da diminuição cada vez maior da experiência, do corpo e da sensibilidade como portadores de um conhecimento próprio, advindo da experiência estética: emoções, sentidos, sentimentos e consciência unidos. Mas entendo que foi uma opção permanecer no campo da Antropologia e da Sociologia da infância.

A coerência da **metodologia** de pesquisa com a proposta foi propositiva, considerando ações que contribuíram com tua experiência, o que confere mais “verdade” e peso às afirmações. Os dados foram organizados de forma organizada e coerente, embora pudesses ter ressaltado um pouco mais o aspecto poético que as crianças parecem apresentar de forma quase que natural. Mais uma vez, esclareço que assinalo esta questão desde meu campo de atuação, a Arte. Os **autores** escolhidos permitiram, todavia, referendar e configurar, de forma entrelaçada e propositiva, reflexão/ teoria/ ação de pesquisa/ reflexão, podendo, a partir da realidade vivenciada, confirmar pontos previamente supostos – justamente o cerne do ato de pesquisar.

Uma ressalva, apenas. Ao propor que o desenho, as falas e as dramatizações das crianças fossem o próprio instrumento metodológico, conseguistes fugir das interpretações psicologizantes e redutoras, e- o mais importante, das *interpretações*. Todavia, senti falta- conforme havia sugerido na qualificação- a organização de um referencial de comparação entre as fases do desenvolvimento gráfico-plástico das suas crianças e de alguns teóricos do campo, para melhor situar o leitor. Justifico minha preocupação. Isso porque cada fase expressiva da criança não corresponde, necessariamente, à cronológica. As crianças também realizam escolhas que não são necessariamente ligadas à narrativa oral, mas pertencem a uma *metanarrativa*, arquetípica, criadora, mítica, estética, artística, até, que pode ser observada na escolha complexa de formas, cores, espaços etc., baseados não só nas proporções afetivas (como salientastes muito pertinentemente), mas na maturidade de seu olhar, nas experiências de ver, ouvir, cheirar, degustar, nas escolhas formais, interativas, biológicas, até que faz, de forma consciente ou inconsciente, que dependem do tipo de experiências que ela teve com o campo da arte, com o contato com os materiais e sua exploração, com o tipo de sensibilização que desenvolveu e como constrói seus saberes e narrativas a partir do que vive- através do olhar e na corporeidade. Um olhar educado constrói sua narrativa de forma distinta daquele que nunca foi desafiado. Ao fazê-lo, consideramos suas liberdades criadoras, de figuração e imaginação. A própria fantasia, o prazer de fabular e inventar vai, assim, para além da concretude dos afazeres domésticos das crianças, suas lições de casa etc. e constituem um saber que a imaginação refaz na fantasia :“minha casa enorme”, a rua “imensa”, “estar dentro da casa, por isso não aparece”.

Destaco como o ponto alto do trabalho foram as novas possibilidades de pensar que esse trabalho ofereceu - firmemente sustentadas pela pesquisa e seus resultados- como

seu direcionamento ao campo movediço das relações, afetos, da criação, da escola e seus silenciamentos, do saber de mim a partir do que me constitui - como um eu ou um outro.

Carla, parabéns porque fostes capaz de, apesar das dificuldades desse tema, teres assumido o protagonismo, vencendo o medo, criando, desenvolvendo novas formas de relação, sentimento, ação... Através da voz dessas crianças construístes novos caminhos que, a partir de hoje podem inspirar muitos trabalhos futuros!

APROVADO

Mirela Ribeiro Meira -Pelotas, 24.10.12